



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

CURTIR, INTERAGIR E APRENDER NO FACEBOOK

BRUNO VIEIRA ALVES DA SILVA

SEROPÉDICA-RJ
2017

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,
CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

BRUNO VIEIRA ALVES DA SILVA

CURTIR, INTERAGIR E APRENDER NO FACEBOOK

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no Programa de Pós-graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Área de Concentração Educação.

Sob a orientação do Professor

Doutor

Marcelo Almeida Bairral

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

587 da Silva, Bruno Vieira Alves, 1985-
Curtir, interagir e aprender no Facebook / Bruno
Vieira Alves da Silva. - 2017.
124 f.: il.

Orientador: Marcelo Almeida Bairral.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em
Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas
Populares, 2017.

1. Facebook. 2. Disciplina Optativa de Mestrado .
3. Grupo do Facebook. 4. Rede Social. I. Bairral,
Marcelo Almeida, 1969-, orient. II Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós
Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e
Demandas Populares III. Título.

BRUNO VIEIRA ALVES DA SILVA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação,
no Curso de Pós-Graduação em Educação.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM ____/____/____

Professor Pós-Dr. Marcelo de Almeida Bairral – UFRRJ
(Orientador)

Professor Dr. José Valter Pereira (Valter Filé) – UFRRJ
(Banca Examinadora)

Professora Dra Rita Marisa Ribes Pereira – UERJ
(Banca Examinadora)

RESUMO

SILVA, B. V. A. da. Curtir, interagir e aprender no Facebook. 2017. 124 p. Texto para Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares). Instituto de Educação / Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2017.

Cada vez mais, as tecnologias da informação e comunicação (TIC) acabam por tornar, de maneira rápida, a comunicação, a interação e o compartilhamento de conteúdo entre as pessoas. Essa investigação busca refletir sobre as contribuições do Facebook como espaço de aprendizagem em uma disciplina optativa de Pós-Graduação em Educação, além de analisar as interações em um grupo fechado no Facebook intitulado Tecnologias e Inclusão Social. O grupo integrou uma disciplina optativa do Mestrado Acadêmico em Educação do PPGEduc/UFRRJ e foi constituído por dez pós-graduandos com diferentes formações. A disciplina transcorreu em sua maior parte no Facebook e os participantes tiveram oportunidade de explorar as ferramentas disponibilizadas no grupo e de refletir coletivamente a partir de diferentes propostas de discussão emergentes. Os dados foram gerados a partir das interações no grupo. O software Nodelx foi utilizado para analisar a não linearidade e a hipertextualidade presentes no processo interativo nesta rede. Como resultados, a pesquisa elucida ruídos e silêncios observados na dinâmica interativa neste grupo. Ruídos eram caracterizados a partir das interações relacionadas às discussões que aconteciam no grupo. E como silêncios são caracterizados os rastros silenciosos dos membros ao utilizar a rede, ou seja, o longo período de tempo sem interagir na rede.

Palavras-chave: Facebook; Análise de interações; Grupo fechado no Facebook; Disciplina optativa.

ABSTRACT

SILVA, B. V. A. da. Like, interact and learn on Facebook. 2017. 124 p. Dissertation (Master of Education, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares). Institute of Education / Multidisciplinary Institute, Rural Federal University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2017.

Increasingly, information and communication technologies (ICTs) are rapidly making communication, interaction and sharing of content between people a breeze. This research seeks to reflect on the contributions of Facebook as a learning space in an optional course of Postgraduate Education and analyze the interactions in a closed group on Facebook entitled Technologies and Social Inclusion. The group was an elective subject of the MSc Academic in Education of the PPGEduc/UFRRJ and was constituted by ten postgraduate students with different backgrounds. The discipline was mostly spent on Facebook and participants had the opportunity to explore the tools available in the group and to reflect collectively from different emerging discussion proposals. The data were generated from the interactions in the group. Nodelx software was used to analyze the nonlinearity and hypertextuality present in the interactive process in this network. As results, the research elucidates noises and silences observed in the interactive dynamics in this group. Noises were characterized from the interactions related to the discussions that took place in the group. And as silences are characterized the silent trails of the members when using the network, that is, the long period of time without interacting in the network.

Keywords: Facebook; interactions analysis; closed group on Facebook; optional course

DEDICATÓRIA

Esta dissertação é dedicada aos meus pais Fernando e Cícera, ao meu irmão Diego e ao meu Amor Laís.

Dedico a Professora Dra. Cássia Maria Baptista Oliveira que me ajudou muito com o projeto para a entrada no mestrado.

Dedico ao meu orientador Marcelo Bairral pelas horas de orientações presenciais e virtuais e pelas colaborações durante este período.

Dedico aos meus avós paternos: Caetano e Maria Alves *in memoriam* e aos avós maternos: Maria das Dores e ao primeiro Mestre da Família – o Mestre Cícero *in memoriam*.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado sabedoria, saúde e persistência para ingressar, da continuidade e concluir o mestrado, que foi um sonho que começou na graduação e esta sendo concluído.

Agradeço o apoio do meus pais, familiares, tios, tias, amigos e amigas que torceram por mim e sempre me apoiaram em continuar estudando e respeitaram minhas ausências quando foram necessárias.

Agradeço a CAPES que financiou a minha estada durante estes dois anos como aluno regular do mestrado.

Agradeço a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, por ter me proporcionado conhecer pessoas incríveis desde a graduação até o mestrado, por ter feito parte da melhor turma de Graduação em Pedagogia do mundo, a turma 2008-1. E a melhor turma de Mestrado em Educação, a turma de 2015 e ter como corpo docente professores que sempre somaram nas formações de seus alunos.

Agradeço ao Professor Filé que despertou em mim o interesse pelas mídias, pelas tecnologias e reacendeu o gosto de viajar que tinha esquecido como era. Agradeço também por ter feito parte do seu grupo de pesquisa durante a graduação, onde aprendi muito nas pesquisas e nas orientações coletivas.

Agradeço a Professora Cássia pelas leituras minuciosas e pela paciência em ler e reler meu projeto de entrada no mestrado e disponibilizar o seu tempo me orientando e mostrando as fragilidades existentes em meu texto.

Agradeço a Professora Rita Ribes por disponibilizar seu tempo em fazer parte desta banca e por ter me deixado alguns dias sem dormir com seus questionamentos na qualificação.

Agradeço ao Professor Marcelo Bairral por ter me escolhido como orientando e ter colaborado muito para que este trabalho tenha nascido. Agradeço também por fazer parte do seu grupo de pesquisa e por ter conhecido um grupo que me recebeu bem desde a primeira reunião e colaboram direta e indiretamente para este trabalho.

*Treine enquanto eles dormem,
Estude enquanto eles se divertem,
Persista enquanto eles descansam,
E então, viva o que eles sonham”.*

Provérbio Japonês.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mídia Social e Rede Social.....	34
Figura 2 - Página inicial do grupo	58
Figura 3 - Usuários que acessam o Facebook pelo desktop	64
Figura 4 - Usuários que acessam o Facebook pelo celular.....	65
Figura 5 - Interação no Facebook.....	66
Figura 6 - Caixa de diálogos.....	67
Figura 7 - Evento no Facebook.....	68
Figura 8 – Criando o evento no Facebook.....	69
Figura 9 - Página do evento criado no Facebook	69
Figura 10 - Página dos membros	70
Figura 11 - Dispositivo de pesquisa no Facebook.....	71
Figura 12 - Página de arquivos no grupo do Facebook	71
Figura 13 - Postagem do observador como participante.	76
Figura 14 - Postagem sobre hipertexto	77
Figura 15 - Emotions	80
Figura 16 - Exemplo (1) de conversa visualizada.....	81
Figura 17 - Exemplo (2) de conversa visualizada.....	82
Figura 18 - Primeira postagem com assunto hipertexto	83
Figura 19 - Segunda postagem com assunto hipertexto	83
Figura 20 - Terceira postagem com assunto hipertexto.....	84
Figura 21 - Quarta postagem com assunto hipertexto	84
Figura 22 - Desdobramento dos comentários	86
Figura 23 - Exemplo de comunicação assíncrona	89
Figura 24 - Exemplo de interação síncrona	90
Figura 25 – Post na íntegra.....	93
Figura 26 - Postagem na íntegra.....	94
Figura 27 - Criando um bate-papo.....	99
Figura 28 - Chat inbox.....	99
Figura 29 - Agenda no grupo do Facebook	100
Figura 30 - Exemplo (1) de "silêncio" na rede.....	101
Figura 31 - Exemplo (2) de "silêncio" na rede	102
Figura 32 – Exemplo (1) "ruídos" no grupo do Facebook	105

Figura 33 - Exemplo (2) "ruídos" no grupo do Facebook 105

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Síntese da revisão de literatura dividida em subgrupos:	39
Tabela 2 - Ementa do curso	62
Tabela 3 - Comparação entre AVA e Grupo no Face.....	64
Tabela 4 – Linha do Tempo.....	76
Tabela 5 - Resultado das interações	87
Tabela 6 - Interação assíncrona	91
Tabela 7 - Interação no chat	100
Tabela 8 – Pontos Positivos do uso do grupo no Facebook como espaço da disciplina.	107
Tabela 9 - Pontos Negativos do uso do grupo no Facebook como espaço da disciplina.	108
Tabela 10 – Observações sobre o uso do grupo no Facebook como espaço da disciplina.....	109

LISTA DE APÊNDICE(S)

Carta de apresentação aos coordenadores para pesquisa.....	121
Síntese da revisão de literatura realizada.....	122

LISTA DE ANEXO(S)

Conteúdo programático da disciplina realizada no Facebook.....	124
--	-----

LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 1 - Árvore de discussão.....	96
Esquema 2- A não linearidade na rede	97
Esquema 3 - Os silêncios na rede	104
Esquema 4 - Os ruídos na rede	106

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AVA – Ambiente Virtual de Aprendizagem;

EaD – Educação a Distância;

GRPesqESCCC - Grupo de Pesquisa Educação, Sociedade do Conhecimento e Conexões Culturais;

LANTE – Laboratório de Novas Tecnologias de Ensino;

Moodle - Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment

PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica;

PPGEduc – Programa de Pós-Graduação em Educação;

PPGEduCIMAT - Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática;

TIC – Tecnologia(s) da Informação e Comunicação;

UFF – Universidade Federal Fluminense;

UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

SUMÁRIO

PARA INÍCIO DE CONVERSA.....	18
CAPÍTULO 1.....	29
1 - THEFACEBOOK!.....	29
1.1 - Mídia Social e Rede Social são sinônimos?.....	32
1.2 - O que temos de <i>posts</i> por aí?.....	34
1.2.1. - O Facebook como recurso pedagógico:.....	35
1.2.2. -O Facebook como espaço de ensino e aprendizagem:.....	35
1.2.3. - O Facebook como espaço de práticas docentes e formação continuada:.....	36
1.2.4. - Facebook e Crianças:.....	36
1.2.5. - O Facebook como apoio complementar da educação presencial:.....	37
1.2.6. - O Facebook e as relações de privacidade e comportamento humano:.....	38
1.2.7. - O Facebook como campo de interações, conexões e competências digitais:.....	38
1.2.8. - Facebook e o espaço físico, espaço eletrônico e cultura da mobilidade:.....	38
1.3. - A partir da revisão de literatura de pesquisas sobre/no/com o Face é importante destacar que.....	40
CAPÍTULO 2.....	41
2 - DA PARABOLICAMARÁ A MOBILIDADE UBÍQUA.....	41
2.1 – Espaço e Tempo:.....	46
2.2 - Ciberespaço e Cibercultura:.....	47
2.3 - As etapas do Ciberespaço.....	50
2.4 - Mobilidade Ubíqua.....	52
CAPÍTULO 3.....	55
3 - ALGUNS <i>POSTS</i> TEÓRICO-METODOLÓGICOS: TECNOLOGIAS E INCLUSÃO SOCIAL NO FACEBOOK.....	55
3.1 - No que você está pensando? AVA ou Face?.....	59
3.2 - O grupo:.....	65
3.3 - As funcionalidades dos grupos:.....	67
3.4 - Eventos:.....	68
3.5 - Membros:.....	70
3.6 - Arquivos:.....	71
CAPÍTULO 4.....	73
4 - ALGUNS ACHADOS DA PESQUISA: RUÍDOS E SILÊNCIOS EM UMA TRAMA HIPERTEXTUAL NO GRUPO DO FACEBOOK.....	73
4.1. - Visualizando a observação:.....	79
4.2. - Visualizou, mas não interagiu! E agora?.....	82

4.3. - Visualizou, interagiu! Que ruídos são esses?.....	85
4.4. - Chat e Mural:.....	89
4.5. - Momento assíncrono no Face:	90
4.6. - Vamos continuar interagindo a partir de um <i>post</i> ?	93
4.7. - Momento síncrono no Face:.....	98
4.8. - Silêncio no grupo...	102
4.9. - Ruídos no grupo...	104
4.10. – Autoavaliação:	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS:	110
REFERÊNCIAS:	116
APÊNDICE A	121
Carta de apresentação aos coordenadores para pesquisa.....	121
APÊNDICE B	122
Síntese da revisão de literatura realizada.....	122
ANEXO A	124
Conteúdo programático da disciplina realizada no Facebook.....	124

PARA INÍCIO DE CONVERSA...

Em que pensei, no que estou pensando: Minhas experiências anteriores!

*“O homem é um animal
suspenso em teias de
significados que ele
mesmo teceu”.*
Geertz

Da Graduação...

Em 2008/1, ingressei no curso de Pedagogia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Instituto Multidisciplinar (IM) – Nova Iguaçu, com o pensamento voltado para o que seria uma formação destinada a trabalhar apenas com crianças. No decorrer dos semestres percebi que tinha outras áreas que poderiam ser exploradas. Como por exemplo, as relações étnico-raciais, questões de gênero, juventude, narrativas, educação especial entre outras. Durante as aulas de História da Educação, o uso de equipamentos como filmadora e câmera fotográfica era frequente e me chamou a atenção, pois os outros professores utilizavam apenas o recurso da leitura, power points e debate dos textos nas aulas.

O interesse pela fotografia e pelo audiovisual foi ficando maior, pesquisei, então, alguns grupos de pesquisa que estivessem trabalhando ou pesquisando a partir destas linguagens. Busquei tutoriais no YouTube para aprender como montar um vídeo e aprender mais sobre as noções de fotografia como ângulo, luz etc. No 2º período, a proposta da disciplina de Sociologia II era trabalhar em grupos com questões relacionadas ao nosso cotidiano ou que houvesse algo em comum entre os participantes. Cada grupo escolheria um eixo temático, ou algum assunto que os componentes decidissem. Um grupo falou sobre o preconceito vivido pelas esposas dos presidiários, outro sobre os preconceitos vividos pelos negros, entre outros temas que também foram bem explorados por cada grupo.

Nosso grupo chegou a um consenso que todos tinham em comum o fato de grande parte ser de origem nordestina. Lembramos de histórias contadas por nossos parentes e duas colegas contaram as humilhações e dificuldades que seus pais sofreram, quando chegaram aqui na região sudeste. E a partir dessas histórias resolvemos falar sobre algo que envolvesse algum tipo de discriminação ou até mesmo humilhação sofrida por eles. Assim, chegamos ao tema do nosso trabalho: Encontros Humilhantes. Buscamos apresentar o trabalho de uma forma diferente dos outros, pois exploramos o assunto com a representação de fragmentos do livro A

Hora da Estrela, de Clarice Lispector, e um vídeo, que nós fizemos, sobre o preconceito vivido pelos nordestinos.

Nesse vídeo, entrevistamos um funcionário da própria universidade, o pai de uma colega de classe e pessoas que eram conhecidas dos componentes do grupo. Esta foi a primeira experiência relacionando o audiovisual com a pedagogia. Este vídeo foi importante, pois foi o primeiro passo dado em relação ao querer aprofundar o conhecimento em como se montava um vídeo, e não apenas querer apenas assistir ao resultado. No primeiro momento, o vídeo foi feito como teste, para aprender mesmo, mas depois de pronto mostramos aos colegas de classe, algo que o grupo produziu. Descrever as histórias a partir do vídeo foi mais impactante, porque eram as próprias pessoas através das imagens narrando suas vivências e experiências, caso o trabalho tivesse sido descrito em uma folha, não teria a mesma riqueza que o vídeo teve naquele momento.

A partir do 3º período tivemos a disciplina de PPE III (Práticas de Pesquisa na Educação), nessa disciplina, o professor Filé tinha disponível 50 minutos de aula, logo no primeiro tempo. O que para a realidade da nossa turma de alunos-trabalhadores era quase impossível estarem todos ou a maior parte presente às 18:00 horas em ponto. Conforme as pessoas iam chegando, a aula ia se aproximando do fim.

Dois fatores sobre o tempo foram relevantes para esse desdobramento: 1) O tempo de cinquenta minutos semanais reservados para disciplina – espremida entre tantas outras – no currículo da instituição, 2) A percepção de que a maioria dos estudantes eram trabalhadores e, portanto não dispunham de tempo livre para participar das discussões. (RIBETTO, VIEIRA, *et al.*, 2011, p. 91)

Como alternativa, para não prejudicar tanto os alunos, nos foi informado que teríamos aulas também em uma Rede Social, no Ning¹, para não ficarmos restritos apenas aos cinquenta minutos de encontro presencial. Esse fato deixou muita gente de cabelo em pé, pois, ouviam-se muitas reclamações dos alunos e das alunas, por diversas dificuldades encontradas. Por exemplo, a falta de hábito em manusear o computador, o medo do desconhecido, que neste caso, seria a utilização e interação na rede social, onde para grande parte das pessoas da turma era algo estranho e novo. Ribetto, Vieira *et al.* (2011, p. 93) relata que

A rede “Tecnologia e conexões culturais” surgiu em parte como alternativa à parametrização do tempo de cinquenta minutos de aulas semanais reservados pela universidade para as aulas da disciplina “Pesquisa e Prática Educativa III” e em parte como um meio de desparametrização dos espaços-tempos para

¹ NING é um site onde o usuário pode criar sua própria rede social e agrega-lo a qualquer outra mídia social.

o acontecimento das aulas pensando em facilitar a real implicação dos estudantes, fossem eles trabalhadores ou não.

Dessa experiência ocorrida na disciplina de PPE III que acontecia presencialmente e tinha a continuidade no espaço *on-line*, surgiu a vontade de alguns professores e alunos em montar um grupo de pesquisa na internet para tentar diminuir as dificuldades encontradas por alguns alunos. Mas, dessa vez, as dificuldades abrangeriam assuntos externos a sala de aula, que eram as questões relacionadas ao tempo para poderem participar de algum grupo de pesquisa.

Uma das grandes dificuldades dos alunos trabalhadores em participar de um grupo de pesquisa são horários estabelecidos para o funcionamento da maioria deles. A intenção do grupo é que sua produção de conhecimento contribua com novas maneiras de fazer, novas artes de dizer, de pensar e de experimentar em educação. (RIBETTO, VIEIRA, *et al.*, 2011, p. 98)

Apesar de todas as dificuldades e inquietações foi uma experiência boa, pois a partir dela – a experiência – nasceu o Grupo de Pesquisa Educação Sociedade do Conhecimento e Conexões Culturais (GPESCCC)².

Discutir e repensar a participação dos estudantes-trabalhadores no universo acadêmico estimulou a criação de um espaço que pudesse acolher as particularidades e as dificuldades que esse tipo de estudante vem tendo. Assim nasce o grupo de pesquisas “Educação, sociedade do conhecimento e conexões culturais”, a partir de pesquisadores e alunos do Instituto Multidisciplinar/UFRRJ – Nova Iguaçu – e da Faculdade de Formação de Professores/UERJ – São Gonçalo, Rio de Janeiro. (RIBETTO, VIEIRA, *et al.*, 2011, p. 98)

O Grupo não nasceu somente da disciplina de PPE III, nasceu também pelas discussões dos alunos-trabalhadores, que se sentiam prejudicados por não fazer parte de um Grupo de Pesquisa, pois os grupos geralmente funcionavam em horários matutinos ou vespertinos. Impossibilitando, desta forma, os alunos-trabalhadores de participar presencialmente das reuniões.

Então, preocupados com a impossibilidade desses alunos frequentarem os grupos de pesquisa, que em sua maioria funcionam durante o dia, resolvemos criar um grupo de pesquisas que funcionasse na internet. [...] A ideia é de que os alunos e alunas possam participar a seu tempo, enquanto paralelamente, ampliamos nossas condições de ensinar e aprender, de produzir e fazer circular conhecimentos tendo como conceitos fundamentais a comunicação, a interatividade a solidariedade e a produção colaborativa. (RIBETTO, VIEIRA, *et al.*, 2011, p. 104-105)

² <http://grpesqesccc.ning.com/>

A participação de um grupo de pesquisas *on-line* foi uma das primeiras experiências a qual tive contato com uma rede social. Em agosto de 2009, fui convidado a participar do projeto de pesquisa *Conexões da Baixada Fluminense: Injustiças cognitivas-educação-culturas-tecnologias*³ como bolsista de iniciação científica PIBIC/CNPq que teve duração até agosto de 2011⁴. Durante este período, pude aprofundar conceitos da fotografia e aprender na prática a manusear os equipamentos como câmera de vídeo e fotográfica. Em paralelo a isso, testávamos as mídias sociais que abrangiam a linguagem audiovisual que era o YouTube e a linguagem fotográfica que era o Flickr. Ainda não existia o Instagram, que atualmente é um dos maiores sites onde são compartilhadas imagens e fotografias. E estar em contato com essas mídias foi de grande importância para o desenvolvimento acadêmico que vem se desdobrando em outras pesquisas.

A rede social que estava em alta, no Brasil neste período (2009), era o Orkut, e a vivência do grupo de pesquisa era na rede social Ning, uma rede pouco conhecida quando resolvemos assumir um grupo de pesquisas que acontecia *on-line* para oportunizar os alunos-trabalhadores a terem um espaço de discussão coletivo. Houve estranhamentos, pois, a ideia de grupo de pesquisa se passava pelo contato face a face e não em um espaço virtual. A diferença em participar da disciplina PPE III que teve continuidade na rede social para um grupo de pesquisa foi que, por ser uma turma de graduação que já está um bom tempo caminhando juntos, todos os alunos se conheciam. E no grupo? Será que todos iriam participar? Pois não era algo obrigatório e sim que partisse da vontade, do desejo de pertencer a determinado grupo. Para Ribetto, Vieira *et al.* (2011, p. 99)

Nosso compromisso é oferecer alternativas de participação para aqueles que desejam ingressar em um grupo de pesquisas, mas não podem por conta de seus afazeres, sejam eles trabalhistas ou domésticos, consequentemente se tornam excluídos da condição de pesquisador, pois não possuem o tempo presencial exigido hegemonicamente – pela academia.

Nossas vivências na rede Ning foram marcadas por alguns pontos, como por exemplo, entre 2009 e 2010 o IM ficava em um prédio alugado, na rua Capitão Chaves, no centro de Nova Iguaçu e a baixada fluminense de um modo geral, não tinha a mesma capacidade de internet que tem atualmente. Neste período alguns membros que participavam do grupo de

³ Este projeto pretendeu articular informações de três setores da educação pública da Baixada Fluminense, em relação às suas atuações no sentido de responder às demandas impostas pela chamada sociedade do conhecimento: as escolas e suas situações em relação à estrutura, uso e acesso às tecnologias da informação e da comunicação; O poder público - das três esferas: federal, estadual e municipal - e seus projetos, propostas e disponibilizações; e, os cursos de formação de professores da região e como seus currículos se colocam em relação ao tema.

⁴ A bolsa de iniciação científica encerrou-se em agosto de 2011, mas continuo como membro voluntário da pesquisa

pesquisas esbarravam em um grande dilema que era a conexão discada, que não permitia uma participação ativa desses membros. O acesso à internet no próprio IM era restrito, pois não havia laboratório de informática e a velocidade de internet disponível para a universidade em si era bem pequena. De acordo com Ribetto, Vieira *et al.* (2011, p. 107)

O que nos tem chamado a atenção são as condições de estrutura e equipamentos e de acesso, em alguns casos, aliada a pouca intimidade das pessoas com os ambientes virtuais. Grande parte dos membros, pela localização de suas residências, não tem acesso à internet (visto que uma conexão discada, nem sempre possibilita o acesso). Isso dificulta a participação das pessoas e o acesso a universidade, que tem a maioria dos membros (a UFRRJ/Nova Iguaçu), não disponibiliza ainda, laboratório de informática em condições favoráveis, sem competição com os horários das aulas.

Após mudarmos de endereço que ficava localizado no centro de Nova Iguaçu, para o atual endereço, na Posse, que fica localizada no mesmo município, nos deparamos com um laboratório de informática e um prédio de três andares divididos em quatro alas com a internet de um mega de velocidade. Conseguimos um laboratório de informática, no entanto com o mesmo problema de conexão. Entre o final de 2010 e início de 2011 a velocidade da internet foi suprindo aos poucos a demanda da universidade. Outro embate encontrado por nós discentes é que as redes sociais estavam bloqueadas, o Orkut começava a decair e o Facebook estava crescendo o seu número de usuários, mas não era permitido o acesso pela universidade.

A mobilidade, o uso e acesso pelos dispositivos móveis ainda não fazia parte do nosso cotidiano. Depois de algumas reclamações do corpo docente e discente as redes sociais foram liberadas. Na rede social do Ning, onde o grupo de pesquisa acontecia, a mesma passou a ser paga e a participação dos membros, como aconteceu com o Orkut, não era tão ativa, porque os membros migraram para o Facebook e acessavam quase que esporadicamente a rede do Ning. Como a rede passou a ser paga e os participantes migraram para outra rede, os administradores da rede solicitaram que fizéssemos backup de nossas fotos, arquivos, textos, o que fosse relevante para cada usuário, pois a rede do Ning seria extinta e migraria para onde os membros foram, para o Facebook.

Em março de 2011 fui convidado a participar como bolsista voluntário de outro projeto de pesquisa, intitulado *Projeto Cultura digital no cotidiano escolar*. Este projeto de pesquisa aconteceu no Colégio Estadual Carlos Frederico Engenheiro Arêa leão localizado no Alto da Posse, em Nova Iguaçu. E teve início em abril de 2011 com a duração de um ano. Sendo assim,

colocamos juntos professores e alunos em encontros que trabalhavam as mídias digitais⁵ e sociais⁶ e como usá-las, a fim de potencializar as interações, as produções e a *aprendizagem colaborativa*.

Pretendíamos, no projeto formar grupos de professores e alunos, e que ambos pudessem se “misturar”, para realização das atividades que foram propostas nas oficinas. E esta interação entre professores, alunos e o meio vem possibilitando que todos possam aprender uns com os outros. Dando a ideia de aprendizagem colaborativa que para (FILÉ, 2010) se dá pela criação de grupos de interesses, sem a hierarquização e o controle daquilo que cada um pode ou do conhecimento prévio como requisito.

Saímos da nossa “zona de conforto” e resolvemos encarar/observar o cotidiano de alguns alunos e professores nas oficinas, que eram realizadas quinzenalmente aos sábados. Para ver como se dava essa interação entre as diferentes culturas que se encontravam. E a partir desses encontros tentar compreender melhor como os que nasceram e os que não nasceram na cultura digital se comportavam.

Tivemos a oportunidade de presenciar em algumas oficinas como esse choque/encontro de culturas se dava, por exemplo, quando fomos apresentar o e-mail para os professores como meio de interlocução entre a equipe do projeto e os mesmos, pedimos que criassem um e-mail para que pudessemos manter comunicação. Alguns sem saber como trabalhar, mesmo que “contrariados” aceitaram a proposta e criaram esses e-mails. Quando chegou a vez dos alunos serem informados sobre o e-mail, houve um “rebuliço” onde eles diziam que não se comunicavam por e-mail, pois já era ultrapassado. Eles se comunicavam via MSN e Facebook, onde a interação acontecia na hora, via chat e outros tipos de compartilhamento.

Durante o tempo em que participei do Grupo de Pesquisa Educação, Sociedade do Conhecimento e Conexões Culturais (GRPesqESCCC), busquei me aprofundar em trabalhar com vídeo e fotografia. Nós produzíamos vídeos e tirávamos muitas fotos, e como queríamos ter sempre espaço nos notebooks, utilizávamos as mídias sociais YouTube e Flickr para alocarmos os vídeos e a fotos respectivamente. No primeiro semestre de 2013 concluí a monografia intitulada “O YouTube e as possibilidades de compartilhamento, interação e comunicação”. O objetivo deste trabalho foi mostrar como o YouTube poderia ser utilizado como ferramenta pedagógica. (SILVA, 2013)

Da Especialização...

⁵ Aparelhos eletrônicos que possibilitam a interação na internet, por exemplo, computador, notebook, netbook, tablete e celulares.

⁶ Sites que possibilitam a interação, compartilhamentos de arquivos, textos, vídeos, imagens e fotos acessados, pelas mídias digitais.

No segundo semestre do mesmo ano entrei para a especialização em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância (2013-2015) pelo Laboratório de Novas Tecnologias de Ensino (LANTE) oferecido pela Universidade Federal Fluminense (UFF)⁷, a plataforma de comunicação era o Moodle⁸. Nunca havia feito um curso a distância e foi a primeira vez que utilizei este Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). Foi um pouco confuso no começo, por não saber para onde ir, pois a experiência trazida na bagagem contava com o uso e acesso as redes sociais, no caso Orkut, Ning e recentemente Facebook que parecem ser mais autoexplicativas. Na plataforma LANTE, no início do curso, os alunos tiveram uma semana de adaptação para explorar toda a plataforma do Moodle.

A cada início de um novo módulo era criado um novo fórum de discussão que ficava aberto de acordo com o planejamento que cada aluno recebia. Os tutores eram responsáveis por criar os fóruns de discussão e os alunos teriam que no mínimo interagir três vezes em cada fórum que era aberto. Em cada fórum era disponibilizado texto (s) e em alguns casos vídeos para interagirmos durante a semana. Cada semana acontecia um assunto diferente dentro daquele módulo e ao término de cada semana publicávamos na página a atividade da semana, que geralmente finalizava as terças.

O curso foi dividido em nove disciplinas, totalizando 420 horas, onde nos foram passados os fundamentos da educação a distância, como criar um curso na plataforma Moodle, as formas de interação existente e como avaliar em um AVA. A dinâmica de realizar as atividades a partir do tempo disponível, de criar os horários de estudos, possibilitou uma autonomia maior em relação à mobilidade e ao deslocamento. Onde não é preciso pegar um trânsito pesado, às vezes chegar atrasado por diversos motivos, ter um gasto de tempo e dinheiro para chegar ao local onde aconteceria a aula. O que os alunos precisavam era de um computador com acesso a internet para entrar no AVA e interagir com os demais participantes.

O ponto negativo a ser considerado, neste caso, fica em torno de criar vínculo de amizade, pois como foi dito anteriormente, o curso se desenrolou em um AVA onde ninguém se conhecia, as discussões ocorriam nos fóruns. E durante o período das interações, existia a ferramenta chat, que não foi explorada pelos tutores para termos um encontro síncrono, ou seja, em tempo real. Todos os debates, discussões e conversas aconteciam de modo assíncrono, onde cada um participava do fórum a partir dos seus horários e possibilidades. Finalizamos as disciplinas em um ano e meio e os outros seis meses foi para elaborar o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

⁷ <http://pigead.lanteuff.org/>

⁸ Moodle: Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment

Atualmente no Mestrado...

Ao tentar o processo seletivo para o mestrado de 2015, estava perto de concluir a pós-graduação. O tema do trabalho de conclusão de curso foi “Ambientes Virtuais de Aprendizagem: a relação entre as TIC e a prática da EaD”. (SILVA, PEREIRA e SANTANA, 2015). Dessa forma, o TCC foi aprimorado e utilizado como base para o projeto de mestrado, o qual buscava pesquisar quais cursos de licenciatura da UFRRJ estavam voltados para modalidade à distância. Soube no dia da defesa do projeto que existma apenas dois cursos à distância disponíveis, um de administração e o outro de licenciatura em turismo. Não dei continuidade nesta investigação, pois o campo era limitado.

Por estar envolvido com assuntos voltados para tecnologia, espaço e tempo, outras formas de comunicação e achar importante que as licenciaturas devessem englobar em sua grade curricular disciplinas que de certa forma envolvessem essas discussões voltadas para usos das tecnologias nas práticas pedagógicas dos professores que estão a se formar, optei, então, neste momento focar minha pesquisa voltada para este tema. Foi feito, então uma pesquisa preliminar, no site da UFRRJ, e os resultados foram surpreendentes. A pesquisa consistia, no primeiro momento, em fazer o levantamento dos cursos, em geral oferecidos pelos três *campi* da UFRRJ – Nova Iguaçu, Seropédica e Três Rios, tanto bacharelado quanto licenciatura. Tendo como resultado prévio desta primeira análise seis cursos de bacharelado e seis cursos de licenciatura no (IM) em Nova Iguaçu. Trinta e um cursos de bacharelado e dezesseis de licenciatura no campus de Seropédica e em Três Rios apenas quatro bacharelados.

Como a busca era analisar os cursos de licenciatura, nesta segunda etapa, para os cursos de bacharelado não houve um aprofundamento maior. O campus de Três Rios também não entrou nesta etapa, por não oferecer nenhum curso voltado para licenciatura. Portanto, os cursos em evidência foram os seis de Nova Iguaçu e os dezesseis de Seropédica. O que pretendia com este trabalho era buscar dados, analisando as grades dos cursos e verificar se neles eram oferecidas disciplinas que tivessem a palavra “tecnologia”, e a partir desses resultados fazer um estudo mais aprofundado.

Dos seis cursos de licenciatura de Nova Iguaçu, foram encontrados apenas quatro que ofereciam alguma disciplina que continha em sua grade a palavra tecnologia, sendo que destes quatro, três tinham a disciplina Tecnologia e Educação em caráter optativo (Geografia, História e Matemática) e apenas um curso como caráter obrigatório (Pedagogia). Após esta análise dos cursos no site da UFRRJ, elaboramos uma carta de apresentação (Apêndice A), onde entramos em contato por e-mail com as coordenações dos cursos para verificar se os dados disponíveis

no site batiam com os das coordenações, ou se haveria outros dados para serem acrescentados na pesquisa.

Como não houve retorno, fomos pessoalmente conversar com os coordenadores dos cursos dos dois *campi* – Nova Iguaçu e Seropédica. Os coordenadores dos cursos de Nova Iguaçu onde a disciplina era oferecida em caráter optativo nos responderam que a disciplina é oferecida por outro departamento e só aparecem no sistema deles quando o departamento disponibiliza para eles, fora isso não teria como eles saberem sobre a disciplina que está no site da instituição. Além disso, foi confirmado que não existe outra matéria que trate do assunto. Já o coordenador do curso de Pedagogia, confirmou que esta é a única disciplina voltada para tecnologia, de acordo com a grade e ementa do curso.

Em Seropédica, dos dezesseis cursos de licenciatura, apenas em nove foram encontradas o termo tecnologia. Sendo sete (Ciências Agrícolas, Economia Doméstica, Física, Letras – Port./Ingl. -, Letras – Port./ Liter. -, Química – Integral, Química - Noturno) em caráter optativo e dois (Belas Artes e Matemática) em caráter obrigatório. Mandamos, também, e-mails para todas as coordenações dos cursos acima. Obtivemos retorno apenas das coordenações de química confirmando que só existe a disciplina disponível no site e matemática mandou uma tabela atualizada acrescentando mais uma disciplina obrigatória.

Após quinze dias sem retorno das demais coordenações, fomos pessoalmente com uma carta de apresentação nos informar sobre os cursos. Na coordenação de Belas Artes, cuja disciplina é obrigatória, a informação que está no site é a mesma que consta na grade e na ementa do curso. O curso de Economia Doméstica será extinto, e como é outro departamento que oferece a disciplina, não apareceu para a coordenadora do curso esta informação.

O caso que aconteceu em ambos os *campi* sobre a disciplina optativa foi que os coordenadores relataram que só é possível visualizar a disciplina quando ela é oferecida naquele semestre, caso os outros departamentos não ofereçam, não seria possível dar uma informação correta. Em todas as coordenações dos cursos foi unânime sobre esta questão, além de relatarem que não há outra disciplina com o nome tecnologia na grade.

Temos como resultado preliminar deste processo, a análise de dois *campi* da UFRRJ – Nova Iguaçu e Seropédica – que totalizam cinquenta e nove cursos. Entre os quais, vinte e dois são de licenciatura, onde nove, de acordo com a grade dos cursos, não englobam nenhuma disciplina com o termo tecnologia. Dez são em caráter optativo e que nem sempre estão disponíveis para os cursos e apenas três abrangem de forma obrigatória em sua grade a disciplina voltada para tecnologia.

Este é um processo de formação de profissionais que precisa ser repensado, pois de acordo com os números de cursos de licenciatura, vinte e dois no total, é preocupante ver que

não há uma atenção voltada para área dos cursos de licenciatura. No entanto, não foi uma pesquisa aprofundada, por exigir mais tempo de contatos de ida e vinda às coordenações e também, por haver muito material disponível que não está atualizado, tanto nos sites quanto nas coordenações.

Além disso, foi realizado o estágio de docência na disciplina Ensino de Matemática II em 2015.2 e vivenciamos experiências variadas de uso de tecnologias para a docência em educação matemática. Trabalhamos os conceitos da matemática a partir das fotografias, nesta atividade foi pedido aos alunos fotografassem pelo celular fotos do prédio principal da UFRRJ que remetessem a algum conceito matemático que seria explicado por cada participante a escolha daquela imagem, esta temática sobre o uso da fotografia e os conceitos matemáticos foram repetidos nas turmas de 2016.1 e 2016.2.

Não demos continuidade, como dito acima, por fatores relativos ao tempo e acrescentando ainda a experiência de ter participado como aluno de uma disciplina optativa que aconteceu no Facebook. Decidimos, então, explorar esta vivência na rede social, em um grupo fechado no próprio Facebook, realizada no primeiro semestre de 2015. Buscamos analisar as nossas trocas e construções coletivas na rede, após o término da disciplina. Falaremos mais adiante sobre como ocorreram nossas interações.

Embora a dinâmica fosse diferente das redes, tanto o Facebook quanto o Ning e o AVA, em alguns momentos se pareciam, por trabalhar a relação do espaço e tempo, onde os participantes não precisam estar em determinado horário e local para a realização do encontro. A eficácia da rede possibilitou aos participantes construir seus horários, e deu oportunidades a pessoas que buscavam se especializar ou estudar, a dar continuidade aos estudos, tendo a flexibilidade de participar de uma dinâmica não presencial ou semipresencial.

Além disso, saímos em alguns casos, de uma potencial relação de espaço e tempo, fixos em um local físico para interagirmos no ciberespaço. Migrando para a relação de mobilidade e ubiquidade tendo a evolução dos dispositivos móveis como aliadas para nossa pesquisa, chegamos aos seguintes questionamentos: Como tirar proveito da mobilidade ubíqua em nosso cotidiano como práticas educativas? Ou como pergunta Santos (2014, p. 26) “Como lançar mão dessa potencialidade da comunicação móvel e ubíqua para educar em nosso tempo?” No próximo capítulo buscaremos relatar como exploramos em alguns momentos a comunicação móvel e ubíqua em uma disciplina optativa do mestrado.

Partiremos agora para os *posts* no Facebook cuja pesquisa tem como campo de pesquisa um grupo fechado. Antes de nos aprofundarmos na disciplina e no grupo, vamos entender, através de uma breve contextualização histórica, como surgiu o Facebook e como o mesmo virou essa rede social mais usada mundialmente. Sendo assim, a presente pesquisa tem como

propósito principal refletir sobre contribuições do Facebook como espaço de aprendizagem em uma disciplina optativa de Pós-Graduação em Educação. Quais ruídos e silêncios a pesquisa em educação com TIC, particularmente, rede social, trazem para a produção do conhecimento neste campo? Que ruídos e silêncios podemos indicar ou querer assumir nesse modo de fazer pesquisa? Dessa forma desdobraremos os seguintes objetivos específicos:

1. Ilustrar como foi desenvolvida a disciplina optativa Tecnologia e Inclusão Social em um grupo fechado no Facebook;
2. Analisar o grupo a partir das interações do conceito de hipertexto realizados pelos mestrandos e mestrandas inscritos na disciplina;
3. Criar esquemas que retratam como aconteceram as interações na rede.

A pesquisa integra estudos da linha 1 (Práticas Educativas e Contextos Contemporâneos) por suscitar reflexões sobre o uso do Facebook como um espaço contemporâneo de educação institucional e, portanto, demanda práticas de ensino e de pesquisa inovadoras e construtivas de outras formas de aprendizado e de descoberta conjunta para professores e alunos. Também, demanda novos modos de fazer pesquisa e de produzir conhecimento. De modo a cumprir os objetivos da investigação, foi criado em um grupo fechado no Facebook para disciplina Tecnologia e Inclusão Social, onde a partir de nossas interações a pesquisa se desdobrou.

No primeiro capítulo foi feito o contexto histórico de como surgiu o Facebook e o que levou Mark Zuckerberg a criar esta rede social que ganhou o gosto de seus usuários. Além disso, foi feito também o levantamento de alguns trabalhos sobre Educação ligados a rede social Facebook, para entender como o Facebook pode ser usado para além do uso como rede social.

No segundo capítulo foi trazida a contextualização histórica da evolução da forma de comunicação, abordando as ideias de mobilidade e ubiquidade e como elas têm alterado as formas de interação a partir dos usos dos dispositivos móveis.

No terceiro capítulo é abordado o referencial metodológico e análise do conceito hipertexto trabalhado na disciplina. A metodologia usada baseou-se na pesquisa *on-line* onde foi utilizada a técnica da observação participante que contou com o levantamento e análise dos dados produzidos após o término da disciplina.

No quarto e último capítulo, finalizamos com a análise dos dados produzidos com o que achamos na pesquisa. Neste capítulo é exposto o que produzimos na disciplina a partir de esquemas feitos em um *software* como resultados a pesquisa.

CAPÍTULO 1

1 - THEFACEBOOK!

*"Nós acabamos de alcançar
um marco importante"
Mark Zuckerberg⁹.*

Você sabia que um esgrimista, com um jeito desengonçado, que usava calça jeans e chinelo de borracha (mesmo no inverno) e uma camiseta que tinha normalmente uma imagem ou frase inteligente, com um nariz proeminente, de cabelos castanhos e um pouco enrolado, de olhos azul-claros, que embora tivesse 19 anos, aparentava ter 15, cujo rosto era fino, que parecia não esboçar nenhuma expressão, sua postura, sua aura em geral era quase dolorosamente esquisita, que estava no segundo ano do curso de ciência da computação em Havard e morava em um alojamento da própria faculdade foi o responsável pela criação da rede social, mais acessada no mundo atualmente?

Embora Mark Zuckerberg tenha criado outros sites antes do próprio Facebook, partirei do marco em que realmente os livros dão importância, onde o primeiro site foi feito por diversão – Course Martch. O segundo site – Facemash - foi considerado ato de rebeldia ou quebra de regra que fez com que Zuck¹⁰ quase fosse expulso de Harvard e que antecedeu a criação do Facebook. Assim que Mark entrou em Harvard, Kirkpatrick (2011, p. 27-28) relata que

Logo na primeira semana, Zuckerberg improvisou um software para internet que chamou de “Course Martch”, um projeto bastante inocente, que ele fez apenas por diversão. A ideia era ajudar os alunos a escolher as matérias com base em quem já estivesse matriculado nos cursos. Você podia clicar em um curso para ver quem estava na turma ou clicar no nome de uma pessoa para ver os cursos que ela estava fazendo.

O site foi muito utilizado pelos alunos que procuravam saber se aquela garota ou garoto estavam em determinada turma ou montar uma grade parecida com seu melhor amigo. O segundo fato aconteceu em outubro de 2003 quando Zuck criou o Facemash que buscava identificar as pessoas mais bonitas de Harvard. Segundo Kirkpatrick (2011, p. 31)

O propósito: descobrir quem era a pessoa mais atraente do campus. Empregando o tipo de código de computador normalmente usado para classificar jogadores de xadrez [...], ele convidou os usuários a comparar duas fotos de pessoas do mesmo sexo e dizer qual era a mais “sexy”. À medida que a classificação de uma pessoa ia “esquentando”, sua imagem era comparada

⁹ Frase dita por Zuckerbeg no dia 27 de agosto de 2015, quando agradecia em seu perfil pessoal a marca histórica de um bilhão de usuários ativos em um único dia batida no dia 24 de agosto.

¹⁰ Como era chamado pelos seus amigos de quarto.

com as de outras pessoas também mais sexies. [...] Todo o projeto foi concluído de uma só vez em uma jornada de oito horas que terminou às quatro da madrugada, disse ele no diário.

Quando os calouros iam fazer matrícula, em Harvard, tiravam as fotos para o álbum de fotografia – “Facebook” – como eram conhecidos os anuários das escolas, onde eram guardadas no sistema de computador da universidade. Foi aí que Zucke de forma ilegal acessou o sistema de Harvard e baixou as fotos que não eram suas. Mezrich (2010, p. 45) relata

Era realmente simples assim para Mark. E era muito provável que, em questão de minutos, ele tivesse baixado todas as fotos do anuário de Kirkland dos servidores da universidade para seu laptop. Claro, de certa forma, aquilo era um crime – aquelas imagens não lhe pertenciam e a universidade certamente não colocara ali para serem baixadas.

Mesmo assim, Mark não hesitou em criar seu site, dando continuidade e terminou o projeto em oito horas, segundo Mezrich (2010, p. 54) “em menos de duas horas o site já tinha computado vinte e dois mil votos. Quatrocentos alunos tinham acessado o site só na última meia hora”. O que fez os servidores de Harvard travar e ninguém conseguia acessar sites e e-mails. Isso levou Mark ao Conselho Administrativo e teve uma punição não muito rígida. Kirkpatrick (2011, p. 33) diz que “o episódio era um sinal claro: Zuckerberg tinha um talento especial para fazer softwares que as pessoas não conseguiam para de usar”.

Um fato que acontecia em Harvard, apontado por Kirkpatrick (2011), era quando os alunos chegavam para fazer matrícula, tinham acesso a um Facebook que era usado no formato impresso cujo nome era Freshman Register e muitos deles reclamavam que queriam um Facebook no formato digital. A maioria das universidades contava com sua rede social interna e, conforme o tempo passava, Harvard não se movimentava para realizar essa mudança do impresso para o digital.

Após sair para jantar com seus colegas da turma de matemática, eles tocaram novamente no assunto que estava presente nos corredores de Harvard, Kirkpatrick (2011), a criação de um Facebook interno, mas dessa vez seria a criação do Facebook em modo universal e não voltado somente para a universidade. Irrequieto, Mark foi para seu alojamento construir um. Sendo assim, Zuck, saiu para criar o site, mas dessa vez sendo mais cauteloso e não invadindo sistemas como fez com o Facemash, que foi encerrado após setenta e duas horas no ar.

Segundo o livro *O Efeito Facebook*, Mark criou o domínio para o Thefacebook (primeiro nome do Facebook) em 11 de janeiro de 2004 e na quarta-feira dia 04 de fevereiro do mesmo ano, Mark colocou o Thefacebook no ar, Kirkpatrick (2011, p. 39) relata “A tela inicial dizia: O Thefacebook é um diretório on-line que conecta as pessoas por meio das redes sociais

nas faculdades”. Esse foi o primeiro slogan do Thefacebook, voltado apenas para as faculdades. Mark foi cuidadoso ao colocar o domínio *ponto.com* e não *edu.com* como a maioria das faculdades fazia. O qual não precisou da “permissão” de Harvard e nem de seus servidores para expandir a rede social.

O site que foi criado por um jovem de 19 anos, em um alojamento de estudantes em Harvard, que em pouco tempo conseguiu alterar a forma de comunicação entre as pessoas, encurtar distância. Além de ter criado uma ferramenta capaz de provocar revoluções e rebeliões entre o povo e seus governantes. Houve um crescimento e expansão considerável desta rede social. Sendo pela simplicidade do Facebook, tanto visual quanto estética, que tem agregado usuários que permanecem por horas logado na rede.

O sucesso do Facebook está ligado principalmente por ter sido uma rede social projetada para pessoas que buscava conexões com pessoas do “mundo real”, pessoas que eram conhecidas. Diferente de outros sites da época, que existiam com o intuito de gerar encontros com desconhecidos, os famosos sites de paquera ou salas de bate-papo. Para Kirkpatrick (2011, p. 20)

Por mais popular que possa ser o Facebook nunca pretendeu substituir a comunicação face a face. Embora muitas pessoas não o usem dessa maneira, ele foi explicitamente concebido e projetado por Zuckerberg e seus colegas como ferramenta para melhorar os relacionamentos com as pessoas que você conhece pessoalmente – seus amigos no mundo real, conhecidos, colegas de classe ou de trabalho.

O que vem acontecendo até hoje é que a maioria das pessoas que utilizam a rede social são pessoas conhecidas ou que partilham de interesses em comum. E acabam de certa forma (re)significando o Facebook e transformam em fonte de renda, fonte de informação, fonte de notícias e pesquisas. Será que ao criar o Facebook, Mark Zuckerberg sabia a real potência desta rede social? O Facebook foi a rede social que mais cresceu na última década e que durante este crescimento acabou sendo responsável por diversos movimentos que começaram na rede e terminaram nas ruas. A internet de um modo geral, acabou quebrando a hegemonia existente em relação a criação de conteúdos e notícias. Onde poucos produziam para muitos, sendo estes conteúdos e notícias por muito tempo aceitos como únicos e verdadeiros.

Com a internet e a ascensão das mídias sociais, os consumidores tiveram a oportunidade de produzirem conteúdos e não apenas receber algo pronto. As mídias sociais que potencializaram estas criações e compartilhamentos são o YouTube (site de criação e compartilhamento de vídeo), o Twitter (microblogging), o Facebook (site de rede social) e o mais recente entre eles o Instagram (site de compartilhamento de fotos). Em algum momento,

nós já utilizamos algumas ou todas as mídias sociais descritas acima. Seja para o nosso trabalho, dia-a-dia, entretenimento, entre outros momentos.

Durante seus treze anos de existência o Facebook colaborou para algumas revoluções ao redor do mundo. Que começaram silenciosamente, sem muito alarde, iguais aos movimentos feitos pelas placas tectônicas (FILÉ, 2011). Tendo como resultados terremotos ou marcas de rachadura. E tem sido isso que o Facebook e as outras mídias sociais e digitais têm ajudado a fazer, causar rachaduras na sociedade, possibilitando aos espectadores tornarem-se produtores de conteúdos e notícias.

As redes sociais, em particular, permitem aos usuários criarem grupos de interesses, (re)encontrar amigos, narrar histórias, (re)construir identidades, desenvolver a escrita e outras formas de registros escritos etc. Temos como exemplos alguns movimentos que começaram no Facebook e terminaram nas ruas e ficaram conhecidos mundialmente. Na Colômbia (2007/2008) o movimento ficou conhecido como “*Un millón de voces contra las FARC¹¹*”; Islândia (2008) “*A revolução das panelas*”; Tunísia (2010) “*A revolução da liberdade e da dignidade*”; “*Primavera Árabe*” (2010/2011); Egito “*A revolução de 25 de Janeiro*” (*Thawrat 25 Yanayir*); Espanha (2011) “*Os Indignados*”; Estados Unidos (2012) “*Movimento Occupy Wall Street*” e no Brasil (2013) “*O movimento vem pra rua*”. De acordo com Castells (2013, p. 8)

Os movimentos espalharam-se por contágio no mundo ligado pela internet sem fio e caracterizado pela difusão rápida, viral, de imagens e ideias. [...] Não foram apenas a pobreza, a crise econômica ou a falta de democracia que causaram essa rebelião multifacetada. Evidentemente, todas essas dolorosas manifestações de uma sociedade injusta e de uma comunidade política não democrática estavam presentes no protesto. Mas foi basicamente a humilhação provocada pelo cinismo e pela arrogância das pessoas no poder, seja ele financeiro, político ou cultural, que uniu aqueles que transformaram medo em indignação, e indignação em esperança de uma humanidade melhor.

Nas manifestações que aconteceram ao redor do mundo os participantes das redes agendavam dias, horários e locais onde aconteceriam as manifestações. Semelhante que aconteceu no Brasil, onde as pessoas marcavam para ir às ruas pedirem o *impeachment* da Presidenta da República Dilma Rousseff, em contraponto, outros grupos marcavam passeatas contra a saída da Presidenta eleita.

1.1 - Mídia Social e Rede Social são sinônimos?

¹¹ Forças Armadas Revolucionária da Colômbia

Mídia social e rede social não são a mesma coisa. As redes sociais já existiam antes da internet, então não é um conceito tão novo assim. Rede social são grupos de pessoas que criam relacionamentos com gostos, interesses ou valores em comum. Por exemplo, podemos conceituar a escola como uma rede social, pois há grupo de pessoas com interesses em comum que seriam criar laços de amizades, conhecer novas pessoas e estudar inclusive. Dessa forma, não foi preciso conexão com a internet para termos uma rede social. Segundo Porto, Lucena e Linhares (2015, p. 31)

A expressão “rede social” tem sido utilizada com maior ênfase, atualmente, por conta do desenvolvimento das interfaces criadas para a internet que possibilitam a interação instantânea entre pessoas de diversas regiões do planeta. Contudo, é importante sinalizar que as redes sociais são parte de uma rede.

Para ampliar o conceito de rede social, buscamos trazer outros autores que já vem estudando esse assunto há mais tempo. Segundo Santaella e Lemos (2010, p.13 apud PORTO, LUCENA E LINHARES 2015, p.31), o “conceito de redes não se limita a redes sociais. Estas são um dos tipos de rede”. Para Santos (2012, p.262 apud PORTO, LUCENA E LINHARES 2015, p.31) “rede é social e política, pelas pessoas, mensagens e valores que a frequentam”. Castells (2000, p. 498 apud PORTO, LUCENA E LINHARES 2015, p.31) considera que as “redes são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede”.

Vimos que os autores não utilizaram o conceito de rede social a partir da internet, e sim por relações existentes entre os indivíduos que formam novos “nós” dentro do grupo social em que vivem. O conceito de rede, trazidos pelos autores supracitados, ampliam a ideia que fica restrita a um site. Para haver rede, deve haver pessoas, interagindo, se comunicando, criando novos “nós”. A internet possibilitou a ampliação deste conceito, tendo como marco os sites de redes sociais, onde as pessoas ampliavam seus contatos, sendo estes contatos de diversas partes do planeta, tendo a relação a partir da rede de contatos a partir dos grupos que criam e participam.

Trazendo para internet, o conceito é o mesmo, só que neste caso o meio que as pessoas interagem não é mais presencial e sim através de um perfil, conectados com pessoas ou grupos de pessoas que partilham dos mesmos interesses. Podemos considerar como rede social o Ning, o falecido Orkut, o Google +, Myspace e o Facebook. A mídia social para Telles (2010, p. 19) “são sites na internet construídos para permitir a criação colaborativa de conteúdo, a interação social e o compartilhamento de informações em diversos formatos”. Temos sites com especificidades distintas onde cada um produz seu conteúdo em um formato diferente. A rede

social na internet é uma mídia? Sim! Toda rede social que existe na internet pode ser considerada uma mídia social, pois a rede social é uma parte dela. Como mostra a figura abaixo:

Figura 1 - Mídia Social e Rede Social



Porque o Instagram, o Twitter, o Youtube, o Slideshare não são considerados uma rede social, embora haja interação, trocas de mensagens e possibilidades de criar perfis? Se buscarmos analisar a função primordial de cada site de mídia social, iremos encontrar os propósitos que os diferem de rede social. O Instagram tem como foco o compartilhamento de fotografias; o Twitter, embora haja interação com pessoas, o foco está em compartilhar conteúdo; o Youtube foi criado com o intuito de ser um site de compartilhamento de vídeos; e o Slideshare é um site de compartilhamento de slides. Portanto, podemos considerar que nem toda mídia social é uma rede social.

1.2 - O que temos de *posts* por aí?

A revisão de literatura foi construída a partir de levantamentos de artigos, textos, pesquisas, trabalhos e livros que usam redes sociais, particularmente, com recorte para o uso do Facebook. Por ser uma rede social de grande abrangência e por ainda estar em grande vigência no momento da pesquisa.

A partir das experiências de outros autores que já como nós, buscaram explorar as possibilidades oferecidas pelo Facebook para além da rede social, encontramos alguns trabalhos que nos ajudaram a pensar nossos escritos. Entretanto, dialogamos diretamente com alguns que serão explorados nos capítulos posteriores (a revisão bibliográfica completa encontra-se no Apêndice B). Nos textos encontrados, separamos por eixos os temas que se encontravam ou se complementavam. Sendo assim, as separações dos trabalhos ficaram da seguinte forma:

1.2.1. - O Facebook como recurso pedagógico:

Rovetta (2014) analisa limites e contribuições da utilização do Facebook como recurso pedagógico complementar de interação, comunicação e aprendizagem, onde cabe ao professor estabelecer uma relação entre a sala de aula presencial e o ambiente virtual. O autor ressalta o envolvimento dos alunos no ambiente virtual, que só foi possível porque as atividades lá apresentadas tinham relação com as realizadas em sala de aula. Moreira e Januário (2014) refletem sobre a aplicabilidade pedagógica do Facebook procurando analisar possibilidades e potencialidades da aplicação em diferentes contextos de aprendizagem. Os autores afirmam que o Facebook configura-se como um ambiente que favorece as conexões entre os participantes na rede e aprendizagens interativas; que possibilita que os conteúdos sejam organizados em nós da rede para acesso rápido; e que facilita a partilha de materiais, de conhecimento e de experiências de aprendizagem colaborativa e participativa.

1.2.2. -O Facebook como espaço de ensino e aprendizagem:

Fernandes (2011) explora alguns conceitos no âmbito das redes sociais online e equaciona as potencialidades onde a rede social Facebook é inequivocamente uma ferramenta indispensável para incentivar a aprendizagem. Fumian e Rodrigues (2013) acrescentam que o Facebook pode ser usado como um instrumento valioso para o processo de ensino e aprendizagem apesar de ser uma ferramenta de lazer, pode ser explorado de forma educativa. Porto e Neto (2014) apresentam o Facebook como espaço virtual passível de suportar/constituir propostas de ensino e aprendizagem, que será feito a partir da sua apropriação na forma de instrumentos conceituais que podem redefini-la, em usos socioeducacionais especiais. Santinello e Versuti (2014), por sua vez, refletem sobre as potencialidades do uso do Facebook para construir o conhecimento em espaços de aprendizagem, sobretudo quando pautado pela colaboração. Também sugerem como estratégia a criação de um grupo fechado com os alunos de determinada disciplina. Matos e Ferreira (2014) fazem um mapeamento sobre o uso do Facebook em processos formativos. Os autores ressaltam que o Facebook apresenta inúmeras potencialidades educativas (por exemplo, criar um grupo fechado ou secreto na própria rede social) e podem contribuir significativamente no processo de ensino e aprendizagem. Portanto, cabe ao professor utilizar recursos pedagógicos a favor da aprendizagem e aproveitar o interesse que os alunos têm em participar dessa rede social.

1.2.3. - O Facebook como espaço de práticas docentes e formação continuada:

Lopes e Santos (2014) têm como objetivo abrir espaço para a reconstrução e ressignificação de concepções sobre teorias e práticas docentes relacionadas às tecnologias da informação e comunicação e redes sociais inseridas no contexto educacional. A partir da formação continuada que acontece no Facebook. As autoras concluem que é possível ocorrer uma formação continuada de professores em rede social, permitindo-lhes interagir, construir relações sociais e ressignificar os seus conhecimentos e saberes a partir do diálogo entre culturas com pessoas conectadas com as mais diversas tecnologias. Moreira e Ramos (2014) contam suas vivências formativas num curso de formação contínua de professores em tecnologia educativa com componente presencial e online por meio de um grupo no Facebook. Elas indicam como resultado que o uso do Facebook como complemento da formação presencial contribuiu para a apropriação, ainda que paulatinamente e de forma progressiva, das tecnologias, por parte dos formandos-professores, para perderem alguns “medos”; para partilharem dúvidas, ideias e materiais e para discutirem os problemas emergentes da gestão da sala de aula, inclusivamente as suas relações de saber e de poder, que se manifestam quando se assume o “risco” e a “imprevisibilidade” de inovar utilizando o novo saber tecnológico. Chagas e Linhares (2014) apresentam possibilidades de interação que o Facebook apresenta ao docente para incentivar a aprendizagem colaborativa/reflexiva entre seus discentes. Sugerindo como estratégia aos docentes disponibilizar uma relação de sites, blogs, e sugerir canais e pessoas que disponibilizam vídeos que tratem das temáticas abordadas em suas disciplinas, contribuindo para a ampliação de informações sobre a temática, que pode até gerar discussões no grupo fechado do Facebook ou na sala de aula. Piovesan e Borges (2014) fazem uma discussão de como os professores têm se apresentado nas mídias sociais, com uma identidade que é especificamente uma linha tênue entre o que executam em sala de aula, EAD ou presencial, e sua própria identidade social. A pesquisa partiu da entrevista com um professor do curso de Letras português/espanhol do curso presencial/virtual. As autoras concluem fazendo uma trajetória do professor pesquisado, onde o mesmo cria vídeos caseiros para serem postados no YouTube e Facebook, produzindo sua identidade no que vive em sala de aula e no que compartilha virtualmente.

1.2.4. - Facebook e Crianças:

Alcântara e Osório (2014) apresentam questões acerca da utilização da internet e seus dispositivos como possibilidade lúdica para a criança. Os participantes da pesquisa mostraram

que as redes sociais pensadas por adultos, para uso dos adultos, como possibilidade de estabelecer e construir vínculos sociais, estão sendo utilizadas pelas crianças de forma significativamente lúdica, fazendo com que elas passem a se relacionar com suas ferramentas como se relacionam com um brinquedo. Macedo e Ribes (2014) evidenciam o debate sobre como as crianças criam suas redes de contatos no Facebook. As autoras destacam uma problematização acerca do tema da amizade, frequentemente discutido quando se trata de sites de redes sociais e do incômodo que nasce de uma possível tendência à naturalização do acúmulo de amigos online, e o que acarretaria o esmaecimento das relações afetivas. O resultado do trabalho está em colocar o desafio de, em diálogo, colocar em pauta questões, inclusive ao tema da amizade. Macedo (2015) traz uma proposta de pesquisa *on-line* com crianças tendo as redes sociais como lugar da pesquisa. No texto, a autora compartilha questões teórico-metodológicas de uma pesquisa de doutorado que busca estudar questões relacionando as crianças e as redes sociais, neste caso o Orkut e o Facebook. A autora problematiza o que leva as crianças a criarem perfis nestas redes sociais e como se dá este processo, o que buscam nas redes sociais, como usam e como são as experiências infantis na contemporaneidade.

1.2.5. - O Facebook como apoio complementar da educação presencial:

Ferreira e Bohadana (2014) apresentam um estudo a partir da utilização do Facebook em um contexto educacional específico: o apoio complementar on-line a uma disciplina de graduação em um curso presencial. As autoras discutem questões pertinentes em três eixos temáticos: concepções de “distância” e “proximidade”; a relação entre tecnologia e pedagogia; percepções de “horizontalização” das relações entre docente e discentes. Sugere que o Facebook pode oferecer possibilidades bastante interessantes para a Educação, propõe, também, muitos desafios às práticas e concepções correntes. Messias e Morgado (2014) trazem para a discussão como a aprendizagem a distância online no ensino superior poderá beneficiar da complementaridade do uso de plataformas de aprendizagem formais e plataformas informais no desenho de contextos de aprendizagem (LMS + Web social). As autoras chegaram a conclusão que o Facebook poderá ter um importante papel na socialização e integração dos estudantes em EaD, e um grande potencial para criar e aumentar a rede de contatos de interesse para o estudante e mesmo para o docente, potencializando a colaboração e a conectividade. Torres, Fialho e Shimazaki (2014) evidenciam discussões teóricas e metodológicas de uma investigação onde o Facebook foi utilizado como ambiente virtual de aprendizagem. Os resultados obtidos demonstram que o Facebook, disponibiliza recursos que permitem a sincronia

e a interatividade do conhecimento, embora muitos dos participantes desconheçam o uso do Facebook como meio de produção, propagação e divulgação de informações.

1.2.6. - O Facebook e as relações de privacidade e comportamento humano:

Couto (2014) problematiza em seu trabalho tais discursos e posturas, em especial a noção de privacidade, e defende a ideia de que as práticas crescentes das narrativas de si nas redes sociais digitais são maneiras criativas e generosas de compartilhar a vida, produzir e difundir conhecimentos na cibercultura. O autor destaca três conclusões em seu trabalho. A primeira se preocupa com a segurança e privacidade, a segunda trata das possibilidades de aprendizado contínuo com as redes sociais digitais, a terceira busca recusar discursos, propostas políticas e pedagógicas que visam controlar, intimidar ou cercear liberdades. Amante (2014) tem como objetivo apresentar o Facebook como campo de pesquisa que tem permitido, nos últimos anos, explorar muitos aspectos relacionados com o comportamento humano, constituindo-se como uma base de dados da atividade social facilmente acessível e que atravessa diferentes países, culturas, extratos sociais, níveis etários, crenças religiosas etc. Tendo como resultado uma melhor compreensão das novas sociabilidades que tão acentuadamente marcam e influenciam a sociedade contemporânea.

1.2.7. - O Facebook como campo de interações, conexões e competências digitais:

Santos e Rossini (2014) tem como objetivo compreender como os atores constroem as interações e conexões nas redes sociais bem como produzem sentidos a partir de seus rastros deixados nas interfaces sociais. O texto apresenta o Facebook como campo e objeto de pesquisa e exhibe alguns resultados da análise das discussões, mobilizações e atualizações sociais e técnicas postadas no grupo do Facebook “Recursos Educacionais Abertos” do Brasil (REA-Brasil). Urbani, Cuadros e González (2015) buscam determinar as características que ressaltam nos estudantes com competências digitais, através dos padrões e experiências adquiridas ao momento de adotar dispositivos móveis iPads. O resultado encontrado pelo estudo se determinou nas características que tem desenvolvido os estudantes em competências transversais digitais para alcançar a expertise com o uso dos iPads, tanto em seu entorno como no ambiente escolar.

1.2.8. - Facebook e o espaço físico, espaço eletrônico e cultura da mobilidade:

Junior e Oswald (2014) trazem a discussão sobre a relação entre o espaço físico e o espaço eletrônico nos processos educacionais da cibercultura em sua fase atual. A relação entre os referidos espaços se mostra mais visível com a emergência dos aparatos tecnológicos sem fio, permitindo que as experiências sociais também sejam contadas nas redes digitais da internet a partir das inúmeras interações cotidianas. As conclusões do trabalho apontam para a relevância do Facebook na criação de vínculos mais estreitos entre seus usuários, potencializadores do diálogo *on-line*. Porto, Lucena e Linhares (2015) retratam experiências de mobilidade a partir de um evento científico, que começou presencialmente e se desdobrou na criação de uma *fanpage* no Facebook, e os usuários, a partir de seus dispositivos móveis debatiam sobre o evento, mesmo ao término presencial. A *fanpage* começou com cem usuários e cresceu a partir do interesse em debater cibercultura e divulgar outros eventos científicos. Da Silva e Couto (2015) explicam que a cultura da mobilidade está no bojo das atuais transformações tecnológicas. Este fenômeno ocorre pela portabilidade dos dispositivos móveis e a ampliação da internet sem fio. A pesquisa ocorreu com professores, diferente das outras pesquisas que aconteciam somente no Facebook. Esta pesquisa explorou o viés da comunicação através da portabilidade, flexibilidade e mobilidade onde os professores buscavam usar os *smartphones* como recursos/ferramentas pedagógicas.

Dentre os subgrupos separados pelos textos utilizados para revisão de literatura, chegamos a seguinte tabela:

Tabela 1 - Síntese da revisão de literatura dividida em subgrupos:

Subgrupos:	Autores:
O Facebook como recurso pedagógico	(ROVETTA, 2014); (MOREIRA e JANUÁRIO, 2014).
O Facebook como espaço de ensino e aprendizagem	(FERNANDES, 2011); (FUMIAN e RODRIGUES, 2013); (PORTO e NETO, 2014); (SANTINELLO e VERSUTI, 2014); (MATOS e FERREIRA, 2014).
O Facebook como espaço de práticas docentes e formação continuada	(LOPES e SANTOS, 2014); (MOREIRA e RAMOS, 2014); (CHAGAS e LINHARES, 2014); (PIOVESAN e BORGES, 2014).
Facebook e crianças	(ALCÂNTARA e OSÓRIO, 2014); (MACEDO e RIBES, 2014); (MACEDO, 2015).
O Facebook como apoio complementar da educação presencial	(FERREIRA e BOHADANA, 2014); (MESSIAS e MORGADO, 2014); (TORRES, FIALHO e SHIMAZAKI, 2014).
O Facebook e as relações de privacidade e comportamento humano	(AMANTE, 2014); (COUTO, 2014).
O Facebook como campo de interações, conexões e competências digitais	(SANTOS e ROSSINI, 2014); (URBANI, CUADROS e GONZÁLEZ, 2015).
Facebook e o espaço físico, espaço eletrônico e cultura da mobilidade	(JUNIOR, 2014); (PORTO, LUCENA e LINHARES, 2015); (DA SILVA e COUTO, 2015).

Elaboração própria

1.3. - A partir da revisão de literatura de pesquisas sobre/no/com o Face é importante destacar que...

Os textos apresentados nos ajudaram a conhecer os trabalhos existentes na área envolvendo Facebook e educação e a relevância da temática para o estudo. Destaco que os trabalhos desenvolvidos por alunos, professores, instituições de ensino, cursos de formação continuada buscaram explorar a potencialidade do Facebook como espaço de interação e aprendizagem. A grande maioria dos autores sugere criar grupos no próprio Facebook e utilizar a rede social como complemento das aulas presenciais ou como local de encontro para o desenvolvimento de atividades.

A partir do que foi apresentado é possível perceber que, embora haja produções voltadas ao Facebook, o mesmo, ainda é um tema que carece de pesquisas em nível de pós-graduação. Embora muitos trabalhos estejam com diversos focos temáticos, o material encontrado pode ser considerado amplo, ao ser utilizado por professores como complemento das aulas presenciais e espaço de ensino e aprendizagem nos níveis médios e na de graduação e pouco, destinado à discussão na pós-graduação.

Neste primeiro capítulo, buscamos contextualizar e explorar a história do Facebook, de como a rede social alcançou números incríveis e como o Facebook se mantém como a maior e atual rede social mais utilizada e acessada no mundo. Trouxemos casos de como alguns movimentos de grupo de pessoas começaram na rede e terminaram nas ruas, resultando em revoluções que aconteceram ao redor do mundo. Além disso, diferenciamos os conceitos entre mídia social e rede social, onde toda rede social pode ser considerada uma mídia social, mas nem toda mídia pode ser considerada uma rede social, por causa das especificidades de cada mídia social. Finalizamos o capítulo, com uma síntese da revisão de literatura dos textos que abordavam o tema relacionando Facebook e educação. No próximo capítulo, será feita uma contextualização histórica da evolução da forma de comunicação e como tem alterado as formas de interação a partir dos usos dos dispositivos móveis.

CAPÍTULO 2

2 - DA PARABOLICAMARÁ A MOBILIDADE UBÍQUA

*Antes mundo era pequeno
 Porque Terra era grande
 Hoje mundo é muito grande
 Porque Terra é pequena
 Do tamanho da antena
 Parabolicamará
 Ê volta do mundo, camará
 Ê, ê, mundo dá volta, camará (...)
 Parabolicamará – Gilberto Gil*

De acordo com o trecho da música Parabolicamará, de Gilberto Gil, “*antes mundo era pequeno porque Terra era grande*”, podemos observar como se tinha a impressão que o tempo demorava a passar, as notícias demoravam a chegar e o que acontecia, por exemplo, no outro lado do mundo, era raro de se saber.

Já a cultura que estamos vivendo, se insere neste trecho da música “*hoje mundo é muito grande porque Terra é pequena*”. Neste pedaço, Gil faz referência à antena parabólica, que era e ainda é, em algumas cidades, utilizada para captar sinais de canais de televisão, trazendo as notícias e ampliando a noção de mundo. Esta música ilustra as mudanças em relação ao espaço e tempo na contemporaneidade. O fato de a cultura digital, possibilitar o encurtamento das distâncias dos lugares (países, cidades, estados, etc.), da Terra em relação ao mundo, altera as relações de espaço e tempo. Para o sociólogo John Thompson (2012, p. 137-138)

O desenvolvimento dos meios de comunicação fez surgir novos tipos de “ação à distância” que tornaram cada vez mais comuns no mundo moderno. Enquanto nas mais antigas sociedades as ações e suas consequências eram geralmente restritas aos contextos de interação face a face e às suas circunvizinhanças, hoje é comum ver os indivíduos orientarem suas ações para outros que não partilham o mesmo ambiente espaçotemporal, e com consequências que ultrapassem de muito os limites de seus contextos e localizações.

Portanto, pode-se observar que, dentre esses meios de comunicação, o que teve destaque por algum tempo foi a TV, tendo sua hegemonia em compartilhar as informações que aconteciam no mundo. Com o avanço tecnológico, muita coisa tem mudado. Antes era necessário esperar algum programa televisivo que divulgasse a notícia. Contudo, o que ocorre na era digital é o acompanhamento do que acontece em tempo real, por meio de diversas mídias sociais e digitais, causando uma sensação de desorientação, como salienta Valter Filé

Desorientação é o sentimento que muitos temos quando o mundo se move (e nestes tempos, rápidos demais), quando as transformações não podem ser acompanhadas, quando não conseguimos compreender o que está acontecendo e sentimos que não temos o controle das coisas. Creio que, neste momento, é isto que está acontecendo com as coisas que a cultura digital está pondo para girar: placas tectônicas se deslocando a velocidades vertiginosas. E sobre essas placas estão fundadas várias instituições, culturas, relações sociais econômicas e políticas. Em muitos edifícios as primeiras rachaduras já apareceram há algum tempo (FILÉ, 2011, p. 109).

Concordando com a fala do Filé e acrescentando também que através do crescimento das ferramentas da internet, a cultura digital vem ganhando espaço mundialmente e cada vez mais as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) fazem parte de uma maneira rápida das pessoas se comunicarem, interagirem e compartilhar conteúdo. Além disso, aos poucos vão se alterando também as relações de poder existentes na sociedade, nesse caso, nos espaços educacionais. De acordo com o Thompson (2012, p.9), “quando novos meios de comunicação são desenvolvidos e introduzidos, eles mudam as maneiras pelas quais os indivíduos se relacionam uns com os outros e com eles próprios”. O que tem acontecido com as sofisticações dos dispositivos móveis.

Podemos observar que grande parte da sociedade não vem acompanhando esses avanços tecnológicos com a mesma frequência dos mais novos, para Castells (2006, p. 17)

O nosso mundo está em processo de transformação estrutural desde há duas décadas. É um processo multidimensional, mas está associado à emergência de um novo paradigma tecnológico, baseado nas tecnologias de comunicação e informação, que começaram a tomar forma nos anos 60 e que se difundiram de forma desigual por todo mundo. Nós sabemos que a tecnologia não determina a sociedade: é a sociedade. A sociedade é que da forma a tecnologia de acordo com as necessidades, valores, interesses das pessoas que utilizam as tecnologias. Além disso, as tecnologias de comunicação e informação são particularmente sensíveis aos efeitos dos usos sociais da própria tecnologia.

Na sociedade temos grupos de interesses que podem criar vínculos entre si. Sobre isso Castells (2006), salienta o fato de a tecnologia não determinar a sociedade, mas a sociedade formar a tecnologia de acordo com suas necessidades. É possível analisar que, de certa forma, as tecnologias criadas alteram o comportamento da sociedade. Para Thompson (2012, p. 58) “o uso dos meios técnicos de comunicação pode alterar dimensões espacotemporais da vida social. Capacitando os indivíduos a se comunicarem através de espaço e de tempo sempre mais dilatados”. Assim aconteceu com a imprensa no século XV, depois com jornais, livros, cinema, rádio, TV e, atualmente, a internet. O mesmo autor relata que

No final dos séculos XIX e XX, o desenvolvimento da mídia eletrônica – o rádio, a televisão e os novos meios associados com a internet – representou,

de algumas maneiras, a continuação de um processo que tinha sido posto em movimento pela imprensa, mas também representou um novo caminho. Os meios eletrônicos permitiram que a informação e o conteúdo simbólico fossem transmitidos por longas distâncias em muito pouco tempo ou simultaneamente (THOMPSON, 2012, p. 14).

Na atualidade, ocorre o oposto do que se verificava em épocas anteriores, quando a escola tinha como característica marcante o ensino presencial centrado no professor e a aprendizagem de conteúdos por meio da transmissão e de materiais em sala de aula. Dessa forma, pouco se aproveitava a bagagem do aluno e ele era visto mais como um consumidor do que um possível produtor ou colaborador. Para Jenkins (2008, p. 236), “alguns professores estão começando a dar valor para outros espaços recreativos informais, pois neles a aprendizagem acontece nas descobertas e coisas aprendidas na introspecção pessoal”.

Outro ponto a ser ressaltado é como as universidades estão formando docentes para atuar nas escolas e como estes se preparam para receber esses jovens e conciliarem suas demandas às práticas pedagógicas? Diferentemente do que se verificava na época moderna, as tecnologias da informação e comunicação chamam a atenção para a velocidade da informação e a celebração da tecnologia. Pode-se observar que a sociedade de consumo vem assistindo a uma mudança nas relações entre espaço e tempo. Concorde-se com Thompson (2012, p. 197) quando fala que

Um dos aspectos mais salientes da comunicação no mundo moderno é que ela acontece numa escala cada vez mais global. Mensagens são transmitidas através de grandes distâncias com relativa facilidade, de tal maneira que indivíduos têm acesso a informação e comunicação provenientes de fontes distantes. Além disso, com a separação entre o espaço e tempo trazidos pelos meios eletrônicos; o acesso às mensagens provenientes das mais remotas fontes no espaço pode ser instantâneo ou virtualmente instantâneo

Além disso, esse novo modelo de comunicação possibilita o indivíduo sair da posição passiva de espectador que somente consumia as mídias. Nesse contexto, existiam produtores que planejavam programas e os textos a serem ditos aos diversos tipos de públicos. O que vem mudando com a cultura digital é que esses espectadores estão convergindo e saindo da sua zona de conforto e passando a produtor de conteúdo, utilizando diversas mídias sociais, como *YouTube*, *Facebook*, *Linkedin*, *Twitter*, entre outras.

De acordo com Jenkins (2008, p. 27), “a cultura da convergência é um fenômeno que está revolucionando o modelo de encarar a produção de conteúdo em todo mundo”. O autor ressalta que “a cultura da convergência é a colisão entre as velhas e novas mídias, onde a mídia corporativa e a mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis”.

Para o autor, há três conceitos importantes que nos ajudam a pensar sobre as alterações que estão acontecendo. Sendo o primeiro de *convergência dos meios de comunicação*, ou seja, o fluxo de conteúdos por meio de múltiplos suportes midiáticos. O segundo de *cultura participativa* que aponta a diferença com noções mais antigas sobre a passividade dos espectadores frente aos meios de comunicação. E o último de *inteligência coletiva*, expressão cunhada por Pierre Lévy (1998), onde o autor relata que “nenhum de nós pode saber tudo; cada um de nós sabe alguma coisa; e podemos juntar as peças, se associarmos nossos recursos e unirmos nossas habilidades” (Ibidem, p.28).

Antes do *boom* da internet, que chegou ao Brasil por volta de 1995, os indivíduos que consumiam as mídias, como jornais, revistas, rádios e televisão eram vistos como telespectadores, ou seja, a função das pessoas era consumir apenas. Cada mídia trazia seus formatos de notícias. Hoje é possível reunir todas essas mídias no computador e em outras mídias digitais. Podemos saber das notícias por meio de jornais *online* ou *Feeds* de notícias; desejando ouvir ou assistir ao jogo de futebol, basta entrarmos nos sites que tenham essas plataformas de serviços disponíveis. De acordo com Santos (2014, p. 17)

O princípio digital faz com que o computador se diferencie da TV analógica, máquina rígida, restritiva, centralizadora, e passe, a partir da década de 1990 com o surgimento da web, a apresentar-se como sistema de interação e conectividade *online*. Isso quer dizer que passamos da massa receptora às interagentes no espaço e no ciberespaço.

A TV que por sua vez, traz um papel centralizador e unidirecional, ou seja, ela transmite conteúdos e informações, para os telespectadores que quase não são ouvidos. A conectividade através da internet, além de possibilitar novas formas de interação, acaba de certa forma, alterando as formas de comunicação que no ciberespaço pode ser bidirecional. Além disso, fica mais fácil trabalhar com diversos formatos de mídia dentro de um mesmo aparelho. Pegando um pouco da experiência de Valter Filé, que nos mostra por meio de seus relatos como os aparelhos e suas respectivas mídias exerciam funções distintas.

A partir de uma experiência de TV comunitária/de rua (a TV Maxambomba). [...] Usávamos câmeras enormes, vídeos-cassete e editávamos de forma linear e exibíamos em monitores de TV ou num telão, em praça pública. Era o tempo em que cada linguagem tinha sua mídia específica. O rádio era num aparelho, a TV em outro, ouvíamos música em outro mais (se era disco de vinil era num lugar, fita cassete, noutro - ou pelo menos em outra parte do mesmo aparelho). Parece que isto foi há muito tempo, mas já estávamos na antessala da cultura digital. Ainda separávamos produtores de um lado e consumidores do outro. (FILÉ, 2010)

A concepção de que cada mídia só pertencia a determinado tipo de aparelho vem mudando. Antes o celular era a prótese do ouvido e boca, só tinha a função de possibilitar a conversa entre duas pessoas. Hoje em dia, ele traz um leque de opções para os usuários. A sofisticação do celular é proporcional à evolução dos mais jovens, pois eles utilizam muito esse meio de comunicação. Atualmente é possível tirar foto, gravar pequenos vídeos e acessar a internet utilizando o aparelho de celular, dentre outros serviços que ele oferece. Para Jenkins (2008, p. 28),

A convergência não ocorre por meios de aparelhos, por mais sofisticados que vem a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros dos consumidores individuais e suas interações sociais com os outros. Cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana.

Mas essa evolução não se dá somente na internet e suas possibilidades de comunicação. A tecnologia digital foi um dos grandes eixos responsáveis por essa “revolução” na sociedade. Com o avanço das câmeras fotográficas e dos celulares, os quais, além de terem suas funções primordiais, ainda possibilitam pequenas gravações. Agora não é mais necessário um estúdio, uma câmera profissional para produzir um vídeo. Basta apenas uma câmera digital ou um celular, uma ideia na cabeça, um programa de edição simples, que fica fácil montar um vídeo, o qual poderá ser compartilhado na internet e visto por milhares de pessoas. Santos (2014, p. 18) amplia a discussão sobre a convergência

A convergência das tecnologias informáticas com as tecnologias das telecomunicações limitava o acesso dos usuários à internet a partir de mecanismos centrados no *desktop*. Para acessar e habitar a rede mundial de computadores, era necessária uma conexão física e fixa em um computador com a internet via linha telefônica, rádio, banda larga.

A autora traz a discussão voltada para convergência dos aparelhos e também as formas de conexão existentes. Foi um processo em que os usuários da internet ficavam presos ao *desktop*, pois não havia sofisticação dos aparelhos celulares e o processo de comunicação exigia a imobilidade, ou seja, um deslocamento físico, o deslocamento acontecia apenas no ciberespaço. Santos (2014, p. 18) retrata a situação configurada, onde

Temos os seres humanos em processo de comunicação em rede e seus corpos estáticos diante da tela de seus computadores em suas estações de trabalho. Suas mentes e subjetividades em rede, mas seus corpos condicionados ao acesso sem mobilidade física.

Todos conectados na rede, no entanto, presos em suas cadeiras e em frente aos monitores sem sair do seu espaço físico.

Parece que foi há muito tempo, mas é bem recente, pois quando acessávamos a internet e interagíamos com nossos contatos, tínhamos a certeza que eles estavam em casa, no trabalho ou nas *lan houses*. Com o avanço da mobilidade não temos mais certeza da localização do nosso contato, a não ser que ele nos diga ou que realize *chek-in* em sua rede social. A noção de espaço e tempo que tínhamos há algum tempo não é a mesma que temos atualmente, e provavelmente não será a mesma que teremos em um futuro próximo.

2.1 – Espaço e Tempo:

Olhando um pouco para o passado, de um modo geral, e pegando como exemplo alguns pontos marcantes da história do Brasil, é possível notar que a noção de tempo e espaço em grande parte era marcada pela velocidade dos meios de transportes. Por exemplo, os portugueses ao chegarem ao Brasil fizeram uma viagem demorada de caravelas. Para descrever o acontecido ao Rei de Portugal, a carta escrita por Pero Vaz de Caminha demorou um tempo a chegar ao seu destino. Ou seja, esta carta, percorreu um espaço entre Brasil e Portugal durante um período de tempo. Thompson (2012, p. 62-63) explica que

Quando a comunicação dependia do transporte físico das mensagens, o sentido de distância dependia do tempo de viagem necessário entre a origem e o destino. Como a velocidade do transporte e da comunicação aumentou, a distância pareceu diminuir. Com a disjunção entre o espaço e o tempo reduzido pela telecomunicação, o sentido de distância foi gradualmente sendo estimado à parte de uma exclusiva dependência do tempo de viagem. A partir de então o sentido de distância se tornou dependente de duas variáveis – tempo de viagem e velocidade da comunicação – que não necessariamente coincidem. O mundo foi se encolhendo em ambas dimensões, mais rapidamente numa do que noutra.

Com a evolução dos meios de transportes, quão rápido fosse o veículo, mais rápido a comunicação era feita, rementendo novamente ao trecho da música onde *Hoje mundo é muito grande porque Terra era pequena*, que representa a impressão de diminuição da Terra. O aprimoramento das telecomunicações tem contribuído, também, para a aceleração das maneiras de se comunicar, e as pessoas não ficam presas ao tempo de duração da viagem. Thompson (2012, p. 63) acrescenta que

O tempo das viagens é constantemente reduzido e, com o desenvolvimento das telecomunicações, a velocidade da comunicação se torna virtualmente instantânea. O mundo se parece um lugar cada vez menor: não mais uma

imensidão de territórios desconhecidos, mas um globo completamente explorado, cuidadosamente mapeado e inteiramente vulnerável à ingerência dos seres humanos.

Com a constante melhora nos transportes e principalmente no desenvolvimento das telecomunicações, houve novas formas das pessoas se comunicarem, (audioconferências, por imagens instantaneas, mensagens de textos, conversas em tempo real, etc.) ocorre a impressão que o mundo vem diminuindo. Para Bauman (2001, p. 138)

A distância em tempo que separa o começo do fim está diminuindo ou mesmo desaparecendo; as duas noções, que outrora eram usadas para marcar a passagem do tempo, e, portanto, calcular seu “valor perdido”, perderam muito do seu significado – que, como todos os significados, deriva de sua rígida oposição. Há apenas “momentos” - pontos sem dimensões.

De acordo com os autores, está ocorrendo a diminuição e o desprendimento de o tempo estar ligado diretamente ao espaço. A noção de ter que esperar determinado tempo, em um local físico para receber alguma notícia ou coisa parecida vem acabando, diminuindo aos poucos, pois a comunicação está acontecendo de modo instantaneamente em tempo real. Bauman (2001, p. 136) ressalta sobre

A mudança em questão é a nova irrelevância do espaço, disfarçada de aniquilação do tempo. No universo de *software* da viagem à velocidade da luz, o espaço pode ser atravessado, literalmente em “tempo nenhum”; cancela-se a diferença entre “longe” e “aqui”. O espaço não impõe mais limites à ação e seus efeitos, e conta pouco, ou nem conta.

A fluidez das relações através dos meios de comunicação tem possibilitado aos indivíduos não precisarem mais estar fixos em determinado espaço e tempo para saber de algo ou interagir. Bauman nos alerta sobre a suposta aniquilação que o espaço faz em relação ao tempo, pois a noção de ubiquidade vem se tornando cada dia mais presente no nosso cotidiano dando a impressão de estarmos em vários lugares ao mesmo tempo.

2.2 - Ciberespaço e Cibercultura:

Vivemos em uma época onde a comunicação em rede, na internet, está presente desde a hora que acordamos até a hora de dormir. Já foi imbricado em nossa cultura estarmos conectados em nossas mídias sociais e aplicativos nos smartphones, acessando nossas notificações no WhatsApp, produzindo vídeos, tirando fotos e compartilhando na rede. Além disso, a cultura da folha de papel vem migrando fortemente para cultura digital. Neste caso, é

considerado como cultura digital, aquela que não revela mais fotos, que cada vez menos, recebem faturas de contas de banco, pois tem como realizar o pagamento *on-line*, aquela que não precisa ir à loja física para comprar determinado produto, ou que utilizam o recurso do Kindle ou PDF para lerem artigos, textos ou livros.

Todo esse movimento descrito acima acontece em um espaço e em uma cultura, ou melhor, em um ciberespaço. Que seria, grosso modo, um espaço ciber ou um espaço na internet. Para entender melhor, Lévy (1999, p. 17) define ciberespaço como:

Novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo [ciberespaço] especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.

Santos (2014, p. 17) acrescenta que ciberespaço

É a internet habitada por seres humanos, que produzem, se autorizam e constituem comunidades e redes sociais por e com as mediações das tecnologias digitais em rede. [...] É um conjunto plural de espaços mediados por interfaces digitais, que simulam contextos do mundo físico das cidades, suas instituições, práticas individuais e coletivas já vivenciadas pelos seres humanos ao longo da sua história.

Dessa forma, o ciberespaço é um espaço na internet, onde há possibilidades dos usuários, através dos seus avatares¹², acessarem a partir das mídias digitais, as mídias sociais, ou qualquer site que seja preciso se cadastrar para criar uma conta ou perfil. Ao acessar qualquer site que seja pedido para inserir usuário e senha, e a partir deste acesso é gerado uma conta ou perfil

e o site te reconheça como “dono” daquela página, este perfil ou conta criada nos sites é chamado de avatar. Temos como exemplo claro de avatar alguns filmes que retratam claramente isto, por exemplo, a trilogia Matrix – (Matrix, 1999); (Matrix Reloaded, 2003); e (Matrix Revolutions, 2003) – e o filme que carrega o nome de Avatar (Avatar, 2009).

Estes filmes têm em comum a projeção de seus corpos em um ciberespaço, ou seja, eles se conectam em algum dispositivo que os colocam em uma realidade virtual. A diferença é que na Matrix os corpos são projetados a uma realidade que acontecerá há duzentos ou trezentos anos à frente. No filme Avatar é retratado o que acontece aqui e agora, ou seja, ao entrar no dispositivo, a realidade para onde eles se conectam retrata o tempo presente. Este último está

¹² Em informática, avatar é um cibercorpo inteiramente digital, uma figura gráfica de complexidade variada que empresta sua vida simulada para o transporte identificatório de cibernautas para dentro dos mundos paralelos do ciberespaço. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Avatar_\(realidade_virtual\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Avatar_(realidade_virtual))> Acesso em 06 novembro 2016.

mais presente na nossa realidade, pois ao acessarmos nossa conta do Facebook, Twitter, Instagram ou Youtube, estamos adentrando em um ciberespaço repleto de ciberculturas diferentes.

A cibercultura como próprio nome sugere, é a cultura que se desencadeia no ciberespaço. Cada cultura traz consigo seus rastros e características, como a cultura dos negros, dos nordestinos, com a internet não seria diferente. Por exemplo, antes da cibercultura não existia alguns costumes, que só apareceram depois da internet habitada e com interação de pessoas. Por exemplo, antes da internet ninguém ouvia falar em fazer um download ou upload de foto, vídeo, arquivo. Esta cultura foi sendo desenvolvida a partir da necessidade dos usuários trocarem ou precisarem utilizar determinados ciberespaços que possibilitava outras formas de interação e comunicação.

Para Lévy (1999, p. 17) “quanto ao neologismo ‘cibercultura’, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”. Dessa forma, temos como ciberespaço os “locais” habitados pelos usuários na grande rede. E como cibercultura os rastros, novas formas de interação e comunicação que são produzidas no ciberespaço.

De acordo com Lévy (1999, p. 126), “três princípios orientam o crescimento inicial do ciberespaço: *interconexão, criação de comunidades virtuais, inteligência coletiva*”. Partindo destes três princípios chaves, levantados pelo autor, temos o ciberespaço como resultado da *interconexão* local ou mundial, pela internet. Da *interconexão*, resulta o segundo princípio: *criação de comunidades virtuais*, que Lévy (1999, p. 127) diz que “são construídas sobre afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos, em um processo mútuo de cooperação e troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais.” A terceira e última etapa do ciberespaço é chamada pelo autor de *inteligência coletiva*. Segundo Lévy (2004, p. 7)

El concepto de inteligencia colectiva se opone a la idea de que el conocimiento legítimo viene desde "arriba", de la universidad, de la escuela, de los expertos, reconociendo, al contrario, que nadie sabe todo y que cualquiera sabe algo. La inteligencia colectiva permite pasar de un modelo cartesiano de pensamiento basado en la idea singular del cogito (yo pienso), para un colectivo o plural cogitamus (nosotros pensamos). Este concepto tiene serias implicaciones para la construcción de una verdadera democracia, creando una especie de ágora virtual integrada dentro de la comunidad y que permite el análisis de problemas, intercambio de conocimientos y toma de decisión colectiva.

Dessa forma, trazendo para a realidade do Facebook que é a nossa fonte de produção de dados, é possível notar em sua estrutura os três princípios levantados por Lévy, onde estamos interconectados com todos através da grande rede, criamos um grupo no Facebook – nossa comunidade de interesses –, onde foi realizada a disciplina optativa. A partir de nossas referências de mundo e formação, ou seja, no grupo do Facebook, ninguém sabia de tudo, o que um não sabia, aprendia com o outro que tinha mais bagagem sobre o assunto, e este que aprendeu, em outros momentos ensinava. Era uma troca de conhecimento e saberes que acontecia no nosso ciberespaço.

2.3 - As etapas do Ciberespaço

Como aconteceu com o teatro, o jornal, o cinema, o rádio, a TV, com o computador e a internet, no seu início, não foi diferente de todo “novo” meio de comunicação. Primeiro uma pequena e “poderosa” parte da população tem recurso para o uso e acesso dos novos meios de comunicação. E aos poucos elas são liberadas para as classes menos favorecidas. No início da internet, conhecida também como *web 1.0*, repetiu o processo dos meios de comunicação de massa. A comunicação era mantida de forma unidirecional, ou seja, as pessoas acessavam a grande rede com o intuito de buscar informações e a interação entre os usuários da rede era bem pequena. Santos (2014, p. 18-19) ressalta que

Além da limitação tecnológica de acesso ao ciberespaço, o próprio ciberespaço se constituiu inicialmente, em sua fase *web 1.0*, com tecnologias que não permitiam a exploração radical da noção de interatividade, aqui entendida como dinâmica de intervenção autoral e comunicacional da emissão e da recepção na cocriação da mensagem nas interfaces *online*. No cenário sociotécnico das mídias de massa, a mensagem sempre foi uma produção de autoria exclusiva da emissão. [...]. Na *web 1.0* os sites são grandes repositórios de conteúdos por especialistas em informática para o internauta navegar, assistir e copiar.

Desta forma, na *web 1.0*, o acesso e uso da internet era bem limitado e complicado, pois o usuário teria que entender um pouco sobre programação de páginas, e a autoria nesta fase da internet se restringia em criar sites, onde os usuários acessavam atrás de informações. Os internautas utilizavam a grande rede como a TV era usada, ou seja, poucos sites produziam, para muitos consumirem. Santos (2014, p. 21) explica que

Na primeira fase da cibercultura, o usuário deveria conhecer a linguagem HTML para produzir conteúdos e interfaces para internet. De posse desses conteúdos, era necessário lançar mão de um *software* para depositá-los ne internet. [...]. Uma vez publicado o conteúdo, este era muito pouco interativo.

Não poderíamos alterá-lo e editá-lo diretamente na internet. Era necessário alterá-lo e editá-lo novamente no computador, para novamente publicá-lo na internet. Além da dijunção autoria *versus* publicação *versus* edição, esses conteúdos possuíam limitações em termos de linguagem, não eram editáveis *online*, não possuíam ou possuíam poucas interfaces de comunicação com outros usuários, eram basicamente constituídos por textos, sons e imagens estáticas de baixa resolução.

A *web* 1.0 traz consigo uma limitação que Weber, Ribeiro e Amaral (2015, p. 142) consideram “que havia interação sem interatividade, apenas os especialistas produziam conteúdos e distribuía em massa para o acesso de outras pessoas”. No final na década de 90 e início dos anos 2000 a internet foi aprimorada e resultou na *web* 2.0. Com a chegada *web* 2.0 as coisas começaram a mudar um pouco de lugar a internet que não era conversacional passou a ser habitada por diversas formas de conversação.

Alguns autores consideram o marco inicial a partir da chegada das mídias e redes sociais, onde os usuários passaram a ter a possibilidade de produzirem seus conteúdos, sendo através de fotos, vídeos, mensagens, textos etc. Santos (2014, p. 20) afirma que “na *web* 2.0, a dinâmica comunicacional vem potencializar a autoria dos sujeitos”.

A velocidade da informação e a autoria dos sujeitos modificaram de certa forma a maneira da comunicação. A comunicação que em sua grande parte da história foi unidirecional, ou seja, poucos produziam para muitos consumirem. A partir da *web* 2.0, os usuários da internet começaram a ter a possibilidade de se tornarem produtores e debater em um local onde poderia ser ouvidos, sendo assim, a comunicação pode ser considerada bidirecional, onde os usuários se informavam e comentavam de certos acontecimentos, e se quisessem poderiam produzir conteúdo e não apenas consumir. Hartley (2009, p. 173) salienta que:

Durante o século passado, o cinema, o rádio e a televisão se organizaram e levaram a narrativa humana a um sistema industrial no qual milhões assistem, mas apenas algumas centenas escrevem. A transmissão da mídia fala diretamente para nós e nos torna uma massa anônima de culturas.[...] Agora que “nós mesmos podemos fazer” – e “fazer com os outros” também –, o que acontecerá com a “função bárdica” da televisão? O YouTube é a primeira resposta em larga escala para essa pergunta. Seu slogan *Broadcast yourself* capta de maneira direta a diferença ente a antiga e nova TV. O YouTube aumentou de modo avassalador tanto o número de pessoas *publicando* “conteúdo” de TV como número de vídeos disponíveis a serem assistidos.

O crescimento do uso e consumo das mídias sociais se deu também a evolução das mídias digitais e da telecomunicação com as redes sem fio. Além do usuário tornar-se produtor de conteúdo o mesmo não precisa ficar mais preso em um determinado lugar da casa, onde fica o computador físico, conhecido com *desktop*. Os aparelhos celulares estão cada vez mais

sofisticados e ampliando a forma de mobilidade da comunicação. O que tem possibilitado aos internautas, mesmo que em deslocamento físico, publicarem os conteúdos produzidos em suas mídias sociais em tempo real, o que alguns autores consideram como ubiquidade. Santaella (2010, p. 17 apud SANTOS, 2014 p. 25) ressalta que “a ubiquidade destaca a coincidência entre deslocamento e comunicação, pois o usuário comunica-se durante o seu deslocamento. A onipresença, ao contrário, oculta o deslocamento e permite o usuário continuar suas atividades mesmo estando em outros lugares”.

2.4 - Mobilidade Ubíqua

Na atualidade, é possível ver pessoas conectadas a todo tempo na grande rede, principalmente pelo dispositivo móvel como o celular. Há quase um século só teríamos a possibilidade de conversar vendo a outra pessoa, se ela estivesse próxima de nós e fizesse parte do nosso círculo de convívio ou em comunidades que frequentássemos. Era algo restrito geograficamente. De uns tempos para cá a interconexão tem ampliado nossas formas de interação na rede e nossa comunidade de interesse não tem ficado tão restrita assim.

Até 2013, o computador *desktop* era a maior fonte de uso e acesso a internet, os usuários acessavam a internet sem ter mobilidade. Em 2014 o jogo já começou a mudar de figura, de acordo com site de notícias globo.com¹³ do dia 06 de abril de 2016, no caderno de tecnologia e games, foi publicado um artigo falando sobre o acesso a internet pelos smartphones que chegaria a 80% ultrapassando os acessos pelo PC que é de 76,6%.

Até 2013, o posto de dispositivo queridinho dos brasileiros para acessar a rede era ocupado pelos computadores. Mas, em 2014, o jogo virou. Presentes em 76,6% das casas, esses aparelhos caíram para a segunda colocação. Tablets e TVs inteligentes tinham, respectivamente, 21,9% (8,1 milhões) e 4,9% (1,8 milhões) dos domicílios ligados à internet. Para esse critério, o IBGE inclui na conta todos os aparelhos de uma residência para se conectar à internet. Por isso, a soma total das porcentagens parciais ultrapassa os 100%. Há casas que utilizam apenas um desses dispositivos online. O número das que usam só celular ou tablet já superou a quantidade das que tinham só de PCs. Em 2013, os computadores eram responsáveis exclusivos por conexões em 42,4% das casas, enquanto celulares ou tablets respondiam pelo acesso em 11,5% do total. (GOMES, 2016)

Além disso, com a disseminação da internet móvel, as pessoas buscam lugares onde possam estar conectadas a todo tempo, sem precisarem estar presas a um computador físico,

¹³ Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/04/smartphone-passa-pc-e-vira-aparelho-n-1-para-acessar-internet-no-brasil.html>> Acesso em: 22 novembro 2016

pois para acessar a internet basta alguns cliques no dispositivo móvel. Santos (2014, p. 24) ressalta que

Com o avanço das tecnologias da informática e das telecomunicações estamos vivendo uma nova fase da cibercultura que denominamos “cibercultura móvel ubíqua”. Além da evolução dos dispositivos móveis, contamos, sobretudo, com a evolução das tecnologias sem fio de acesso ao ciberespaço, a exemplo das tecnologias Wi-fi, Wi-MAX, 2G, 3G, 4G. Essas tecnologias de conexão móvel têm permitido cada vez mais a mobilidade ubíqua e, com isso, a instituição de novas práticas culturais na cibercultura. Esses dispositivos vêm permitindo também o acesso ao ciberespaço a partir de outras estratégias e linguagens.

Uma das estratégias que temos no Facebook é a opção de fazer *check-in* nos lugares. Alguém em algum momento já deve ter utilizado esta ferramenta. Quando, por exemplo, fazemos um *check-in* no Facebook em uma cidade, estado, país ou até mesmo comércio, naquele momento estamos no ciberespaço da rede social Facebook, no espaço físico onde foi feito o *check-in*, além disso, estamos também no local físico onde a pessoa visualiza nossa postagem. Esta onipresença em vários lugares ao mesmo tempo é o que chamamos de mobilidade ubíqua. Santos (2014, p. 24-25) explica que

Em tempos de cibercultura avançada, a mobilidade ganha potência por conta da sua conexão com ciberespaço. Na era da mobilidade com conexões generalizadas em rede, podemos compartilhar e acessar simultaneamente vários lugares. Estamos diante da potência da ubiquidade.

A “diminuição” geográfica do mundo está ligada ao aqui e agora, ao tempo real, o ao vivo. Outro exemplo a ser trazido à discussão é quando estamos em uma viagem para outra cidade e postamos a foto no ciberespaço e pessoas de nossa rede que estão dispersas geograficamente, interagem na rede. Podemos notar que a evolução da internet tem alterado as formas de comunicar, interagir e produzir conteúdo, sendo em espaços escolares ou não. Sabemos que muitas escolas proibem os usos dos dispositivos móveis, e que embora haja laboratórios de informática com equipamentos, para utilizá-los é preciso passar por um processo burocrático para esses equipamentos serem usados. Independente do (des)uso do laboratório de informática, muitos alunos estão sempre conectados, por seus dispositivos móveis, podendo produzir conteúdos e interagindo em suas mídias sociais e seus aplicativos.

A cada dia vem crescendo o número de professores ocupando estes ciberespaços, produzindo conteúdo, testando as ferramentas destes sites, agredando outras possibilidades de interação etc. Entretanto, exige também as demandas por profissionais qualificados para exercer diversas funções, inclusive, na área educacional. Um modelo tradicional de educação

requer alunos e professores em determinado espaço (sala de aula) e tempo (aproximadamente quatro horas por dia) para que ocorra os processos de ensino e de aprendizagem. Com a conexão à Internet ela foi ampliada para outras mídias digitais, como, por exemplo, tablet, celular, mp4, entre outros.

Na cultura digital essas relações intersubjetivas não acontecem somente face a face, mas também por meio das TIC e de outras mídias sociais. Diferentemente do que se verificava na época moderna, as TIC chamam a atenção para a velocidade da informação e as diferentes reconfigurações que tecnologia digital vem sofrendo. Como nossas universidades estão formando docentes propulsores críticos de mudanças educacionais? Que alternativas pedagógicas podem ser usadas na formação de profissionais comprometidos com mudanças sociais qualitativas na contemporaneidade? Por que o Facebook e não um AVA, um modelo que já foi testado e aprovado no âmbito da EaD, para realizar uma disciplina optativa?

Essas questões acima serão debatidas no capítulo três, que traremos também algumas questões relacionadas à metodologia da pesquisa *on-line*. Neste capítulo dois, trouxemos os impactos que a evolução dos meios de comunicação causou e vem causando na sociedade, discutimos a relação do espaço e tempo, onde se tem a impressão da diminuição da Terra, pela velocidade das notícias e informações. Descrevemos a evolução da *web 1.0* para *web 2.0* e como ela potencializou a mudança de papéis entre consumidores para possíveis produtores de conteúdo. Finalizamos o capítulo evidenciando a mobilidade ubíqua que é mais recente e está presente em nosso cotidiano, e que em muitos casos foi explorada na prática em nossa pesquisa.

CAPÍTULO 3

3 - ALGUNS *POSTS* TEÓRICO-METODOLÓGICOS: TECNOLOGIAS E INCLUSÃO SOCIAL NO FACEBOOK

- *O senhor poderia me dizer, por favor, qual o caminho que devo tomar para sair daqui?*

-*Isso depende muito de para onde você quer ir, respondeu o Gato.*

-*Não me importo muito para onde, retrucou Alice.*

-*Então não importa o caminho que você escolha”, disse o Gato.*

Alice no país das maravilhas
Lewis Carroll

Neste capítulo, buscaremos ilustrar como foi desenvolvida a disciplina optativa Tecnologia e Inclusão Social em um grupo fechado no Facebook. Também falaremos um pouco da metodologia utilizada na pesquisa. Esta que foi uma das grandes preocupações e dificuldades deste tipo de pesquisa, pois buscávamos não trazer para o espaço *on-line* as orientações metodológicas comumente usadas em espaços físicos e acrescentar apenas a palavra *on-line* ou *virtual*, (etnografia virtual; netnografia; estudo de caso online) sem uma maior caracterização e adensamento teórico, não nos pareceu promissor do ponto de vista educativo ou de avanço na pesquisa. Para Flick (2009, p. 238)

A pesquisa qualitativa não escapa aos efeitos da revolução digital e tecnológica do início do século XXI. Os computadores são usados para analisar dados qualitativos. Gravadores de fita de áudio, de mini-disco e de MP3 são utilizados para registrar entrevistas e grupos focais. Pode-se usar a internet para encontrar literatura e publicar resultados.

O início do século XXI foi o berço do surgimento das mídias sociais (DAQUINO, 2012)¹⁴, em 2002 Fotolog e o Friendster; 2003 LinkedIn; 2004 Orkut e Facebook e 2006 o Twitter. Como parte da sua história, as mídias sociais caíram no gosto dos usuários e muitas foram extintas no decorrer do tempo (Fotolog, Friendster e Orkut), outras se mantêm ativas até o presente momento (LinkedIn, Facebook, Twitter) e viraram *cases* de estudos que acontecem na internet. Flick (2009, p. 239) considera que o “uso e acesso amplamente difundidos deste

¹⁴ Para saber mais sobre cada mídia social visitar: <<http://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/33036-a-historia-das-redes-sociais-como-tudo-comecou.htm>> acesso em: 08 outubro 2016.

meio, não é nenhuma surpresa que a internet tenha sido descoberta como objeto de pesquisa, mas também como uma ferramenta a ser usada para pesquisa”.

O crescimento de acesso a internet, as mídias sociais e digitais, despertam o interesse em aprender mais e pesquisar mais na cibercultura. E como pesquisar? Que método utilizar? Flick (2009, p. 239) diz que

Os métodos podem ser os padronizados ou as entrevistas abertas, ou os grupos focais. Podemos também fazer a observação (participante) em cibercafés para analisar como as pessoas usam o computador e a internet, ou podemos fazer análises de conversação de como as pessoas utilizam a rede colaborativamente.

Além da metodologia, não podemos esquecer que para se pesquisar na internet precisamos de algumas condições, como nos lembra Flick (2009, p. 239)

Se o pesquisador desejar fazer sua pesquisa online, algumas condições deverão ser preenchidas. Primeiro, ele deve ser capaz de usar o computador não apenas como uma máquina de escrever de luxo, mas de um modo mais abrangente. Deve, também, ter um pouco de experiência com o uso de computadores e softwares. Além disso, deve ter acesso à internet e gostar de estar e de trabalhar online, além de precisar estar (ou tornar-se) familiarizado com as diversas formas de comunicação online como e-mail, salas de bate-papo (chats), lista de e-mail e blogs. (...) Se essas condições forem preenchidas, o pesquisador deve considerar se sua pesquisa é um tema que ele só poderá estudar com o uso da pesquisa qualitativa online.

As condições sugeridas por Flick, são pertinentes. Para pesquisar *on-line* precisamos no mínimo dominar a linguagem daquele ambiente, ter uma conexão relevante que não deixe o usuário “na mão” e sim estar familiarizado com o meio que se pretende pesquisar. No caso desta pesquisa, ela só poderia ocorrer no espaço virtual, pois se trata de uma rede social *on-line* limitada ao ciberespaço, ou seja, não dá para acessar o Facebook sem ser através da internet, logo, buscou-se pesquisar por uma metodologia que fosse adequada ao tema e espaço que está sendo estudado.

Macedo (2015, p. 371) fala sobre a importância e praticidade do arquivamento de dados *on-line* onde:

De fato, há uma praticidade na tarefa de coleta e armazenamento de dados que se dá pela internet. Informações relevantes podem ser salvas em formato de imagem a partir do recurso “print screen”, enriquecendo o texto da pesquisa enquanto ilustração, e as próprias conversas [...] podem ser armazenadas já em forma de diálogo, o que facilita o processo de organização do material do campo.

Sobre o arquivamento e dados produzidos na pesquisa, recorreremos ao recurso do “print screen” como é possível ver no decorrer deste e do próximo capítulo. Para coletar e armazenar os dados produzidos, foram utilizados e gerados arquivos do Word e PDF durante a etapa da separação dos dados da pesquisa.

Para encontrar o caminho adequado da pesquisa, procurei fazer uma analogia entre o pesquisador e o viajante. O nosso instigante roteiro de viagem foi um pouco parecido como de um viajante que está em Recife e pretende ir para uma cidade, chamada Piranhas, no interior de Alagoas. Ele sabe aonde quer chegar, mas não sabe como. Não sabe quais transportes usar, os horários dos ônibus, das vans, se estes transportes rodam todos os dias e qual o tempo de percurso.

Como o viajante quer chegar à cidade de destino, ele busca fontes, pesquisa o melhor transporte, qual o horário de saída, qual o percurso, qual a duração da viagem e dessa forma planeja a saga para chegar ao seu destino. Na pesquisa de um modo geral, não é diferente. Trazendo para nossa pesquisa, o local de partida da pesquisa já tinha sido definido – o Facebook –, os sujeitos éramos nós, os mestrandos e mestrandas. Duração da disciplina – 15 semanas que seria o nosso ponto de chegada –, mas tinha um problema que nos deixava em xeque. Qual o caminho a seguir? Qual metodologia mais adequada?

Ribes e Macedo (2014, p. 39), “propõem debater sobre os desafios de se construir metodologias de pesquisa com crianças na cibercultura”. Percebemos que não há desafios somente na metodologia com crianças na cibercultura e sim com outros sujeitos que fazem pesquisa no espaço *on-line* em geral. Sentimos dificuldades em estabelecer um caminho coerente para pesquisa, pois pesquisar no Facebook implica principalmente em experimentar outras metodologias, outros olhares, outras sensibilidades, pois a rede se mantém em constante metamorfose.

O crescimento das mídias digitais e mídias sociais, nos últimos dez anos têm modificado as formas de interação e comunicação entre os indivíduos. Muitas mídias sociais apareceram e sumiram em um curto período de tempo. Por exemplo, o MSN, que era um *chat* no qual as pessoas tinham seus contatos e conversavam por meio das caixas de diálogos, depois de um tempo, logo foi esquecido. Outro exemplo foi o Orkut, a rede social, que chegou ser a rede social mais usada no Brasil e foi extinta recentemente por ter decaído o número de usuários ativos. Outras mídias conseguiram com o passar do tempo se manterem ativas e atrativas para seus usuários. É o caso do Facebook, uma rede social que começou pequena e atualmente é a principal rede social do mundo.

De acordo com o levantamento das mídias sociais mais acessadas no Brasil, como Facebook, Instagram, Twitter e YouTube foi possível chegar ao seguinte resultado, baseado no

site de ranqueamento de acessos alexa (2015)¹⁵. O Facebook é o segundo site mais acessado no mundo, perdendo somente para o Google, o YouTube é o terceiro, o Twitter o décimo e o Instagram vigésimo oitavo. O Brasil é o segundo país do mundo onde mais se acessa Facebook, responsável por 4,0% dos acessos mundiais. O YouTube fica em quarto mais acessado no Brasil, responsável por 3,7% dos acessos mundiais. O Twitter em décimo primeiro, já o Instagram fica em décimo sétimo.

Por ser o segundo *site* mais usado no mundo e ter ferramentas que podem ser exploradas para o viés educacional, mesmo que não tenham sido criadas com este intuito, é possível observar que há pessoas que exploram as suas ferramentas para o uso educacional. Inclusive na própria pós-graduação da UFRRJ o uso dos grupos fechados nas disciplinas obrigatórias e em outras disciplinas optativas também era recorrente. No entanto, o uso era desdobrado em troca de mensagens e local de compartilhar os arquivos que seriam discutidos nas aulas presenciais, ou seja, a rede era apenas um meio que dava continuidade ao que acontecia nos encontros presenciais e não o espaço de interação das aulas.

Dessa forma, resolvemos explorá-la na pós-graduação, dessa vez com o oferecimento de uma disciplina optativa, onde nossas discussões aconteceriam naquele espaço e exploraríamos os recursos disponíveis no grupo. Sendo assim, foi criado um grupo fechado na rede social Facebook, que foi utilizado como espaço primordial para nossas discussões e interações.

Figura 2 - Página inicial do grupo



UFRRJ/IE/PPGEduc
 Disciplina: Tecnologia e Inclusão social (IE-1342)
 Quartas-feiras: 17-20h
 Sociedade da informação e do conhecimento. Tecnologia informática e inclusão social. Tecnologias da informação e comunicação (TIC): caracterização e utilização em Educação. Utilização das TIC, produção do conhecimento e práticas educativas inclusivas. Ambiente virtual de aprendizagem: conceituação. Discurso, interação, motivação e aprendizagem em ambientes virtuais.

Fonte: Elaboração própria a partir de *print* de telas

¹⁵Disponível em <www.alexa.com> Acesso em 11 julho 2015

A imagem acima representa o nosso espaço de aprendizagem no Facebook. Onde nos encontrávamos para debater assuntos voltados para os textos propostos. Embora o horário e o dia da aula ocorressem as quartas-feiras das 17:00 às 20:00 horas, nossas interações sempre perpassavam dias da semana e fins de semanas mantendo a dinâmica hipertextual. (LÉVY, 1993).

Na primeira reunião com o orientador, o mesmo falou que ofereceria uma disciplina optativa (com carga horária de 45 horas) para os alunos do mestrado acadêmico em Educação (PPGEduc) e para os alunos do mestrado profissional em Ciências e Matemática (PPGEduCIMAT), ambos da UFRRJ. Disse que seria uma disciplina a distância e que não iria usar o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), pois no semestre anterior tinha lecionado uma matéria que foi trabalhada na plataforma GEPETICEM e estava inspirado e intrigado para ministrar mediante um grupo de Facebook. Sendo assim, sugeriu que pudéssemos testar e criar um grupo fechado no Facebook e ter nossa disciplina acontecendo lá, numa rede social.

3.1 - No que você está pensando? AVA ou Face?

Nosso primeiro problema, preocupação ou ruído aconteceu antes de decidir sobre o uso do Facebook como plataforma para a realização da disciplina. Será que vai dar certo, esta dinâmica na rede social? A princípio ficamos receosos, mas quando falava com alguns colegas, uns se surpreenderam e outros acharam interessante e diferente esta dinâmica no Facebook. A decisão de escolher uma rede social como espaço de interação de uma disciplina de mestrado, foi uma questão política de trabalhar de certa forma a contemporaneidade. Para realização da disciplina, o grupo que contou com gestão e planejamento semanal, que nos orientou durante o período de aulas. Nossas escolhas, nossas interações, foram vivenciadas na rede, apesar da volatilidade e plasticidade do Facebook, ela também trouxe possibilidades de registros.

Sinceramente? Não foi fácil! Primeiro por conta da decisão da implementação: será Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) ou Rede Social? Como tudo nesta vida, para saber se vai dar certo ou não, temos que testar, então neste caso não foi diferente. Apostamos, então, na estrutura que o Facebook fornece aos seus usuários que ficam conectados de diversos dispositivos, apostamos também na mobilidade e nos avanços tecnológicos das redes sem fio. O AVA já exige um pouco menos de mobilidade, embora, também seja possível acessar do celular. De acordo com Bairral (2010, p. 2)


A conceituação de ambiente virtual de aprendizagem (AVA) que adoto identifica-o como um complexo sistema interativo onde os seus interlocutores desencadeiam um processo interativo a partir de situações de aprendizagem variadas. Um AVA possui os seguintes componentes: a comunidade

constituída e sua intencionalidade, as normas, o propósito educativo, as tarefas de formação, os diferentes espaços comunicativos variados e os artefatos mediadores. Os artefatos podem ser ferramentas físicas ou elementos socioculturais. Sendo um AVA um cenário discursivo particular, ele passa a funcionar em função das demandas sociocomunicativas dos seus participantes. Os participantes não são sujeitos meramente envolvidos no processo. Eles estão imersos no processo, ou melhor, eles pertencem e participam do desenvolvimento sociocomunicativo das interações.

Bairral (2010) ao conceituar o AVA, descreve alguns componentes que acha necessário e fundamental para a constituição do mesmo. Apesar da disciplina acontecer no grupo do Facebook, as formas de interação (síncrona e assíncrona) são bem parecidas entre a rede social e o AVA. Entretanto, as formas de comunicação no Facebook são bem mais instantâneas do que no AVA, no caso do AVA o que talvez tenhamos mais delimitados são os espaços comunicativos (chat, e-mail, fórum, mensagens etc.). Para saber o que acontece em um chat ou fórum precisamos logar, entrar no AVA e acessar cada um desses espaços.

Diferente do que acontece no Facebook, que acaba sendo a extensão da vida dos usuários. Por exemplo, ao acordar a pessoa pega o celular e confere as notificações que receberam durante o período que estiveram dormindo e podem publicar coisas de seu cotidiano. O AVA não tem a mesma característica de ser a extensão da vida dos alunos e sim um espaço onde as pessoas acessam para “estudar”, se especializar etc. A dinâmica do Facebook é bem diferente do AVA, pois o Facebook está a todo momento avisando a seus usuários sobre a atualização na rede. No AVA para saber sobre qualquer coisa que acontece no fórum o participante ou recebe um e-mail ou tem que acessar o fórum, algo que não acontece no Facebook.

Saímos então dos nossos prédios (que seriam os AVAs), onde nem todos sabem que podem ter acesso, e fomos à periferia da cidade (rede social Facebook) ver como acontece, como é feita a pesquisa em um ambiente onde todos se “sentem em casa” e que se pode ter acesso com mais facilidade. O acesso pelo Facebook nos facilitou bastante, possibilitando a mobilidade de estar logado, em nossas contas pelo celular e verificar as notificações avisando quem publicou e quando publicou. Diferente do que acontece no AVA onde os alunos têm que estar sempre logado para ver se há novas publicações e as entregas de tarefas no AVA, na maioria dos casos, são enviadas em documentos no word, PDF, power point, que sempre exigem maior ligação do usuário ao *desktop*.

A disciplina ocorreu no primeiro semestre de 2015 e, por acontecer em uma rede social, todos estavam presentes por seus avatares na rede e a relação social acontecia através das interações das postagens dos membros sobre as opiniões  que eram demandadas no decorrer da disciplina. Desse modo, os membros tinham acesso às novas publicações, ou seja,

eles eram avisados através de uma notificação no globo do Facebook onde poderiam curtir, comentar, concordar, discordar, aumentando desta forma as interações e os hipertextos que apareceram durante a disciplina. Ao contrário, em um AVA, é comum encontrarmos participantes esquecendo senhas, tendo que atualizar seus dados cadastrais de acesso e ficando muitas vezes dependentes do seu e-mail, ferramentas não muito usuais entre jovens e adolescentes.

Outro ponto que foi pensado e repensado durante as discussões do GEPETICEM seria não trazer a dinâmica da sala de aula presencial, para a rede social. Já que a disciplina estava acontecendo em um ambiente diferente do tradicional, teríamos que usar as ferramentas e a linguagem daquele espaço que seria usado como disciplina. Sem quadro, sem giz, sem cadeiras enfileiradas. O curso foi planejado, com ementa, com atividades e datas de entregas, supervisionado e direcionado pelo professor responsável da disciplina. Para Bairral (2007, p. 33)

Quando pensamos em implementar um curso ou qualquer atividade formadora, devemos ter consciência das especificidades do ambiente de aprendizagem a ser implementado. (...) No caso da dinâmica a distância, por envolver espaços físicos e tempos diferentes, o planejamento e a estruturação do cenário são imprescindíveis e exigem um trabalho organizacional prévio significativo. A elaboração e proposição de tarefas constituem um grande desafio.

A programação do curso foi baseada em trabalhar a relação da tecnologia com a inclusão social durante as quinze semanas, explorando as ferramentas e funcionalidades no grupo do Facebook como as que existem no AVA. Como por exemplo, a comunicação assíncrona, ou seja, em tempos diferentes. As pessoas postam seus comentários no fórum de discussão do AVA, em determinado horário e os outros participantes interagem em outros horários. Igual aconteceu no Facebook onde os membros publicavam em seus murais e a partir daí os outros alunos respondiam em horários distintos.

Na comunicação síncrona, ou seja, ao mesmo tempo, de acordo com o cronograma da disciplina teríamos dois chats obrigatórios e aconteceu outro chat opcional, onde todos deveriam estar logados ao mesmo tempo para discutir os conceitos e dúvidas existentes durante as aulas no Facebook. Embora a disciplina tenha acontecido em um espaço *on-line* onde estamos acostumados a usar (Facebook), não foi preciso a ambientação como acontece no AVA, que geralmente é de uma semana. O fato de todos os participantes já terem sua conta no Facebook e saber usá-las ajudou bastante nesse processo. No nosso caso, assim que foi solicitada a primeira atividade, a mesma já foi publicada no grupo que gerou e desdobrou em comentários, curtidas e levantamentos de questionamentos.

A relação espaço e tempo tendo como aliada a mobilidade ubíqua, onde não precisávamos estar em um mesmo lugar físico em determinado horário, foi bem explorada pelos membros e possibilitou que os mestrandos e mestrandas participassem de suas casas, trabalhos, da rua, de qualquer lugar que houvesse conexão com a internet. Houve um caso, onde uma aluna precisou se mudar para outro estado, no decorrer do semestre, por questões pessoais, e aproveitando o fato da disciplina optativa ser *on-line* ela conseguiu concluí-la. Caso a disciplina optativa fosse presencial se tornaria um pouco mais trabalhoso para aluna. Como afirmou Bairral (2007, p. 35)

A formação a distância possibilita uma flexibilidade diferente de um projeto presencial. Cada conjunto de tarefas é realizado segundo um cronograma pré-estabelecido e divulgado no início de cada curso. Alguns cursos são organizados por unidades temáticas, outros por semanas. São propostas atividades para serem realizadas coletivamente.

Estar *on-line* na rede e presente nas discussões, mesmo que em outro espaço físico, nos ajudou bastante, pelo fato de cada um ter a flexibilidade de criar seu horário de estudo, de comentar e realizar as atividades no Facebook. A vontade de experimentar outras funcionalidades para o Facebook nos fez buscar trabalhar a disciplina na rede, seguindo a grade de quinze semanas onde foi montado o nosso cronograma de trabalho baseado na ementa abaixo:

Tabela 2 - Ementa do curso

Ementa	Organização	Programa Analítico
Sociedade da informação e do conhecimento. Tecnologia informática e inclusão social. Tecnologias da informação e comunicação (TIC): caracterização e utilização em Educação. Utilização das TIC, produção do conhecimento e práticas educativas inclusivas. Ambiente virtual de aprendizagem: conceituação. Discurso, interação,	* Dinâmica presencial com atividades e reflexões paralelas no ambiente suporte da Disciplina (www.gepeticem.ufrj.br) - participação no Fórum de discussão * 2 chats obrigatórios (de casa): 15 e 29/05 (13-15h)	Sociedade da Informação e do Conhecimento: caracterização. As tecnologias da inteligência. Tecnologias e processos de ensino e aprendizagem. Produção do conhecimento e práticas educativas inclusivas com as TIC. Discurso, interação e aprendizagem em ambientes virtuais.

motivação e aprendizagem em ambientes virtuais.		
---	--	--

Fonte: Elaboração própria.

Embora na tabela acima, na parte da ementa, retrate o AVA, a disciplina ocorreu em uma rede social, diferente do planejado. Na organização retrata a dinâmica presencial, esta dinâmica ocorreu no primeiro e último dia de aula, durante o período da disciplina as nossas inquietações, participações ocorreram no Facebook. É importante ressaltar, que apesar de ser uma experiência acadêmica na rede, notamos que houve a preocupação em se criar um planejamento, onde foi nos passado no primeiro encontro presencial, nos deixando ciente de como aconteceria o processo durante o semestre. Ainda na primeira aula, debatemos nossos critérios de avaliação e de participação, pois um dos pré-requisitos de participar da disciplina era ter um perfil no Facebook, caso não tivéssemos, teríamos que criar um. Este não foi um problema encontrado, pelo fato de todos terem seus perfis ativos no Facebook.

Outro ponto que discutimos previamente foi sido a possibilidade de o grupo ser desdobrado em uma pesquisa de mestrado, após o término da mesma. Consideramos que foi a aula do “combinado não sai caro”. Ficou acertado entre o professor e nós mestrandos que nossa fonte primordial de comunicação seria a interação no grupo e no chat quando houvesse encontro(s). Cursei a pós-graduação em EaD na plataforma Moodle que teve apenas dois encontros presenciais, um no primeiro dia do curso e o outro para defender o TCC. Acessando novamente a plataforma Moodle, a qual cursei a especialização e comparando com a disciplina no Facebook, foi possível notar em alguns momentos diferenças e semelhanças entre as plataformas.

Ao comparar as duas plataformas, temos como dados produzidos a semelhança existente entre o grupo no Face e o AVA que estão ligados a recuperação de senha. Caso seja necessário ou haja a perda ou esquecimento da senha, poderá ser solicitado tanto na plataforma do AVA quanto do Facebook a redefinição da senha. Será enviado por e-mail um link onde o usuário redefine sua senha ou até mesmo a senha descrita.

As diferenças encontradas foram maiores, começando pela forma de acesso e uso. No AVA as formas de acesso e usos estão direcionadas em grande parte ao *desktop*, no Face, muda um pouco de figura. As formas de uso e acesso se dão em maior número nos dispositivos móveis. A comunicação pelo AVA restringe em acessar o ambiente, ou seja, há um passo-a-passo a ser seguido. No AVA, primeiro faz o login da conta, depois acessa a página inicial do Moodle, busca qual página quer acessar. Ficam disponíveis os módulos que foram concluídos

e o discente entra no módulo que está cursando e por último acessa o fórum de discussão. No Face, basta ter o aplicativo instalado no aparelho e pronto que o mesmo avisa aos membros quando tem mensagem nova.

O planejamento no AVA requer uma estrutura maior, em função de cada espaço comunicativo existente e para propor as atividades o tutor ou coordenador tem que analisar o planejamento todo, pois o planejamento é disponibilizado no início de cada módulo e requer um roteiro a ser seguido. No Face, a estrutura é menor, pois o grupo tem a aparência parecida com a página inicial e as atividades não precisam ser engessadas sem mudança, pois pode haver flexibilização na interação existente.

Com isso chegamos a seguinte tabela:

Tabela 3 - Comparação entre AVA e Grupo no Face

Informações	AVA	Grupo no Face
Acesso e forma de logar	Via <i>desktop</i> em grande parte	Desktop e atualmente em grande parte os dispositivos móveis
Recuperação de dados, senhas	Via e-mail	Via e-mail
Formas de uso	No <i>desktop</i>	No bolso, no celular
Formas de comunicação e interação	Necessidade de acesso ao ambiente	Instantaneamente motivados pelo aplicativo
Espaços comunicativos	Mais delimitados	Delimitação mais tênue
Planejamento	Estruturado em função de cada espaço comunicativo	Menos estruturado
Proposição de atividades	Necessidade de olhar o planejamento como um todo	Maior flexibilidade em função do desenrolar interativo do grupo

Fonte: Elaboração própria.

De acordo com a tabela 2, podemos ter uma visão geral das semelhanças e diferenças existente entre o AVA e o Face e como podem ser os usos e as interações entre a rede social e o AVA. Para descobrir se realmente o Facebook é mais acessado pelo desktop ou por dispositivos móveis foi utilizado o recurso do *audience insights* do business.facebook.com, que nos dá os dados de qual dispositivo o Facebook é mais acessado em todo Brasil. Na primeira imagem temos os dados dos usuários do Facebook que acessam o Facebook somente pelo *desktop*.

Figura 3 - Usuários que acessam o Facebook pelo *desktop*



Os dados da imagem acima foram coletados no dia seis de novembro de 2016, e nos fornecem o número de pessoas que acessam somente pelo *desktop* a plataforma Facebook. Com o alcance potencial, temos o número de 49.000.000 de pessoas. Na próxima imagem, que foi coletada na mesma data, traremos os usuários que acessam somente pelo celular.

Figura 4 - Usuários que acessam o Facebook pelo celular



Fonte: Elaboração própria a partir de *print* de telas

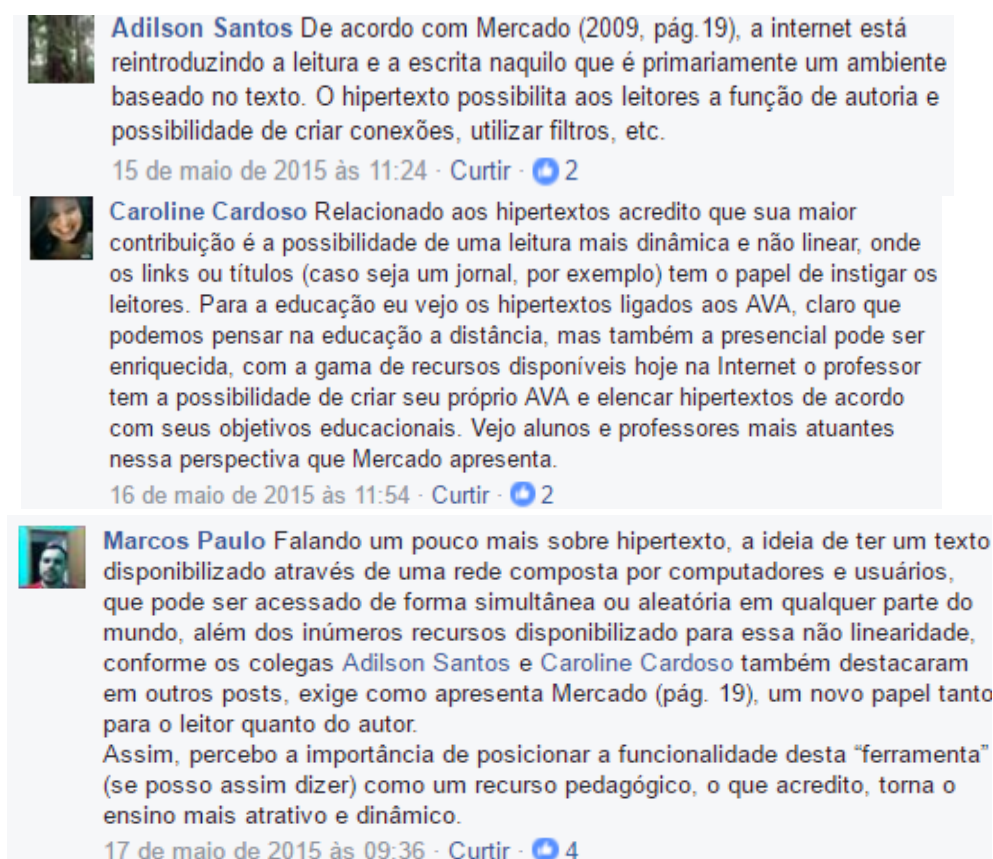
Comparando as duas imagens, temos a noção que o crescimento do uso do dispositivo móvel é quase o dobro referente às pessoas que acessam somente pelo *desktop*, ou seja, a mobilidade de estar acessando o Facebook pelo celular faz com que as pessoas estejam sempre conectadas, recebendo as notificações, interagindo em suas *timelines* ou grupos que participam.

3.2 - O grupo:

Ao entrarmos na página criada para a disciplina optativa, é possível encontrar a descrição e carga horária das nossas atividades (quartas-feiras das 17:00 às 20:00). Lá eram divulgados os textos, vídeos, imagens e marcados previamente os eventuais encontros presenciais. Além disso, havia cinco abas que poderiam ser exploradas no decorrer da disciplina. Sendo elas: discussão; membros; eventos (onde marcávamos a data de entrega de trabalho e datas dos chats); fotos e arquivos (onde eram adicionados os textos da semana).

Para Moreira e Januário (2014, p. 76) “os Grupos que são espaços online criados com um objetivo/interesse particular, e que podem ser úteis para estudantes e professores trabalharem de forma colaborativa”. Abaixo, faço um recorte de nossas interações no grupo que foi feita a partir de uma postagem do professor convidando os membros a darem a sua contribuição a partir do texto disponibilizado no grupo, onde foi trabalhado de forma colaborativa.

Figura 5 - Interação no Facebook



Fonte: Elaboração própria a partir de *print* de telas

No recorte feito da rede, temos exemplos de uma discussão que ocorreu a partir do texto de Mercado (2009), no qual foi explorada a noção de hipertexto. Dessa forma, temos a postagem

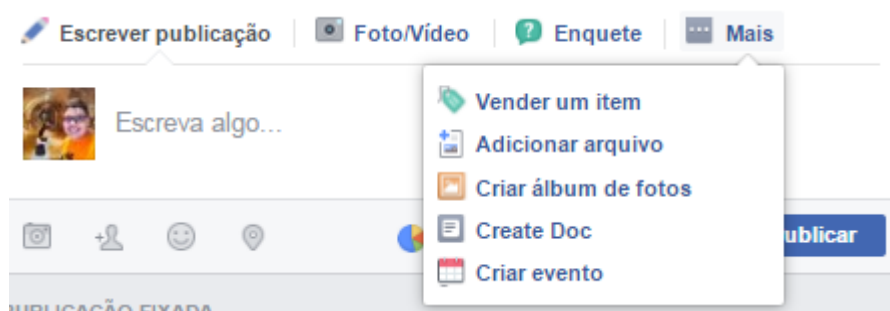
onde Adilson e posteriormente Caroline fazem uma reflexão e ressaltam a importância da não linearidade do hipertexto e como ele pode servir de material para o professor. Por fim, Marcos expõe seu comentário onde dá continuidade às ideias de Carol e Adilson, fechando com uma síntese, que foi pensada a partir do texto e construída colaborativamente com os colegas citados. Foi o que buscamos tentar desenvolver no curso, um espaço de interesse particular, onde os alunos que estavam inscritos na disciplina, pudessem trabalhar de forma colaborativa os conceitos envolvendo tecnologia, inclusão social, interação e hipertexto.

Ao logarmos em nossa conta pessoal, o Facebook nos recebe com a seguinte pergunta: *No que você está pensando?* Já participando do grupo, a frase é outra. O usuário é recebido com a seguinte chamada para ação: *Escreva algo...* Dessa forma, os participantes são “estimulados” pelo próprio Facebook a participar/criar (d)as discussões. Além desta diferença, é possível encontrar na caixa de diálogo (conhecido como mural), que fica na página pessoal (perfil do usuário) possibilidades de inserir fotos, vídeos, álbuns, fazer *check-in*, marcar pessoas, o que você está fazendo, além das reações que está sentindo. Falaremos mais a frente sobre as diferenças e semelhanças que existem do mural da página de perfil e da página do grupo.

3.3 - As funcionalidades dos grupos:

Na caixa de diálogo do grupo há as mesmas funcionalidades da caixa de diálogo pessoal, com acréscimos de outras funções como: enquete; vender um item; criar um doc, criar um evento e adicionar um arquivo. Que podem ser explorados de acordo com a necessidade dos membros.

Figura 6 - Caixa de diálogos



Fonte: Elaboração própria a partir de *print* de telas

No nosso caso, as funcionalidades mais usadas no decorrer da disciplina foram a de adicionar um arquivo e criar eventos.

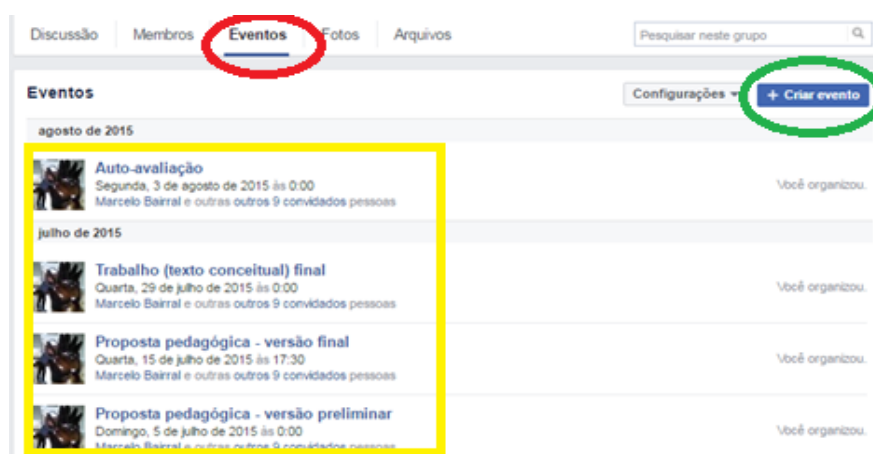
3.4 - Eventos:

A criação do evento era para lembrar as datas de entregas das tarefas e dos chats que tínhamos na caixa de diálogo do próprio Facebook. Para criar um evento, basta acessar a aba evento e clicar em [+ Criar evento](#) e preencher o formulário que aparece. Chagas e Linhares (2014, p. 306) explicam que

A criação de um evento pode estar ligada a uma etapa do projeto a qual deve ser lembrada ou que necessita da confirmação da participação dos membros. Nas etapas da criação do evento algumas informações são essenciais, como: o nome do evento (deve colocar um nome que esteja ligado diretamente a etapa do projeto, para facilitar a identificação por parte dos membros); detalhes (aqui deve detalhar o que será o evento, colocar as informações necessárias); poderá colocar o local do evento; a data e hora; a privacidade (deverá deixar a opção do grupo) e marcado para convidar todos os membros, a não ser que este evento seja apenas para alguns membros do grupo. Neste caso deverá desmarcar a opção e entrar no evento para convidar os membros que deseja. Ao receber a notificação de um evento o membro poderá optar por: participar; talvez ou recusar, além de comentar no evento. Estas informações ajudam a organizar e confirmar a participação dos membros na atividade do projeto.

Seguem abaixo alguns exemplos de como fizemos para criar o evento no grupo. Nas imagens poderemos notar se o que foi sugerido por Chagas e Linhares (2014) está de acordo com a nossa vivência na rede.

Figura 7 - Evento no Facebook



Fonte: Elaboração própria a partir de *print* de telas

Na figura 7 temos destacado em vermelho, a palavra eventos, que ao clicar em cima aparecerá a opção que está em amarelo de visualizar os eventos que já foram criados ou caso seja o primeiro evento criado é só clicar em criar evento que está destacado em verde.

Figura 8 – Criando o evento no Facebook

Criar evento para Tecnologias e Inclus...

Foto do evento

Para obter os melhores resultados, use uma imagem de 1920 X 1080 pixels (taxa de proporção de 16:9)

Nome do evento

Localização

Data/hora UTC-03 + Horário de término

Descrição

Todas as publicações devem ser aprovadas por um administrador

Convidar todos os membros de Tecnologias e In...

Fonte: Elaboração própria a partir de *print* de telas

Na figura 8 temos o formulário para cadastrar o evento, no qual é possível adicionar uma foto, nomear, preencher o dia, local e hora que acontecerá o evento. Após este processo, caso o evento seja criado dentro do próprio grupo é só clicar (onde a seta está apontando) em convidar todos os membros do grupo e criar evento. Caso não seja dentro do próprio grupo, o usuário que criou o evento pode convidar qualquer pessoa.

Figura 9 - Página do evento criado no Facebook

AGO 3 Auto-avaliação

Evento para grupo Tecnologias e Inclusão Social · Organizado por Marcelo Bairral

Segunda, 3 de agosto de 2015 às 0:00
Há mais de um ano

Nenhuma localização

Convidado por Marcelo Bairral

Marcelo, Cintia e Caroline compareceram

7 compareceram talvez 0 3 convidados

Fonte: Elaboração própria a partir de *print* de telas

Na figura 9, é retratado um evento criado, conforme Chagas e Linhares (2014) descreveram. Neste evento temos em amarelo a descrição da data, quem convidou e qual era o assunto a ser debatido. Em verde as opções de confirmação, de convidar alguém por e-mail que não seja do grupo e a opção de editar alguma informação incorreta. Em vermelho temos quem aceitou o convite e a quantidade de convidados que ainda não confirmou e ainda a possibilidade de ver quem está em dúvida por algum motivo. Portanto, vimos que as opções do grupo foram bem exploradas nas nossas atividades.

3.5 - Membros:

Geralmente, em um AVA, os integrantes são denominados participantes, interlocutores. Em um grupo do Face, eles são os membros! São chamados de membros os participantes do grupo. O nosso grupo contava com dez membros, onde dois eram administradores da página e um foi bloqueado, por ter trancado a disciplina. Como é mostrado na figura abaixo:

Figura 10 - Página dos membros

The screenshot shows the 'Membros' page of a Facebook group. At the top, there are three tabs: 'Membros 9' (highlighted in green), 'Administradores (2)' (highlighted in yellow), and 'Bloqueados (1)' (highlighted in red). Below the tabs, there are navigation options: 'Padrão', '+ Adicionar', and 'Encontre um membro'. The main content is a list of members, each with a profile picture, name, and some details. The members listed are:

Nome	Detalhes
Nuno Vieira	UFF - Universidade Federal Fluminense Criou o grupo em 8 de março de 2015
Cintia Silva	Entrou Adicionado por Nuno Vieira há cerca de 2 anos
Rosilene Lima	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ Entrou Adicionado por Nuno Vieira há cerca de 2 anos
Marcelo Bairral	Trabalha na empresa UFRRJ Entrou Adicionado por Nuno Vieira há cerca de 2 anos
Caroline Cardoso	Professor na empresa SME - Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro Entrou Adicionado por Nuno Vieira há cerca de 2 anos
Fábio Mariano Pereira	UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro Entrou Adicionado por Caroline Cardoso há cerca de 2 anos
Adilson Santos	Português e Literatura Entrou Adicionado por Nuno Vieira há cerca de 2 anos
Romário Silveira Machado	PROFESSOR DOCENTE II na empresa E.M. Prof. LENI FERNANDES DO NASCIMENTO Entrou Adicionado por Marcelo Bairral há cerca de 2 anos
Marcos Paulo	Colégio João XXIII Entrou Adicionado por Nuno Vieira há cerca de 2 anos

Fonte: Elaboração própria a partir de *print* de telas

Para Chagas e Linhares (2014, p. 298) “Os membros de um grupo não são necessariamente uns amigos do outro (ou que exista conexão anterior entre eles), o que possibilita uma troca de conhecimentos entre pessoas sem links na rede e a formação de novas conexões em suas redes”. Ou seja, nem todos os participantes da rede eram amigos um dos outros no Facebook, mas será que nós, mestrandos, trocávamos só conhecimentos? Creio que não, pois em alguns casos havia troca de informações, através dos nossos hipertextos e hiperlinks na rede. Para adicioná-los a rede, foi enviado o link pelo e-mail onde os mestrandos solicitavam participação e eram aprovados pelos administradores. Caso não quisessem acessar o e-mail, era só digitar na parte de busca, que fica no canto superior esquerdo, e escrever o nome de disciplina, como mostra na imagem abaixo.

Figura 11 - Dispositivo de pesquisa no Facebook



Fonte: Elaboração própria a partir de *print* de telas

3.6 - Arquivos:

Os arquivos são documentos compartilhados no grupo para que todos tenham acesso. Chagas e Linhares (2014, p. 304) explicam a funcionalidade desta aba.

A área de arquivos permite carregar arquivos do computador, ou criar um novo documento. (...) O Facebook separa os dois tipos que podem ser filtrados pela opção na área esquerda (como apenas documentos, apenas arquivos ou tudo) estas alternativas facilitam a visualização e a busca de documentos e arquivos. Os arquivos podem ser em qualquer formato até o tamanho de 25MB, e no momento da submissão é solicitada uma descrição sobre o arquivo. A utilização da descrição ajuda a identificação do conteúdo do mesmo. Estes arquivos se estiverem em formato de arquivos editáveis em que os membros possam baixar e modificar o arquivo, ele poderá novamente submeter uma nova versão do arquivo e o grupo manterá um histórico das versões, tornando assim uma forma de criar uma criação colaborativa, em que se tem o controle do que está sendo produzido e por quem, sendo possível recuperar as versões anteriores.

Figura 12 - Página de arquivos no grupo do Facebook



Fonte: Elaboração própria a partir de *print* de telas

Os arquivos postados em sua maioria eram disponibilizados no próprio mural, conforme novas discussões iam acontecendo as postagens davam lugar as mais novas. Sendo assim, para não ter que ficar subindo e descendo a barra de rolagens, bastava acessar a aba de arquivo que os documentos estavam lá de acordo com a data cronológica das postagens. Todos os membros poderiam baixar o arquivo ou, caso já tenham publicado algum documento e precisassem alterá-lo, era só clicar em carregar revisão e substituir os arquivos.

Finalizamos este capítulo trazendo a abordagem e a dificuldade de fazer pesquisa *online*, trouxemos também nosso primeiro objetivo específico que foi ilustrar como foi desenvolvida a disciplina, além disso, ilustramos as funcionalidades da rede, destacando cada aba disponível no grupo. Debates entre a escolha do AVA e o Face como espaço para ocorrer a disciplina, decidimos e implementamos um curso de pós-graduação em uma rede social e explicamos os motivos pela escolha da Face e não do AVA, onde comparamos as funcionalidades, diferenças e semelhanças de cada estrutura.

No próximo e último capítulo, finalizaremos a história do viajante em busca do seu caminho, retrataremos a metodologia e escolhas usadas para realizar a pesquisa e os nossos achados durante a nossa procura pela pedra preciosa. Buscaremos dar continuidade com os objetivos específicos propostos que é dar continuidade de como foi desenvolvida a disciplina no Facebook, faremos as análises das interações na rede, e criaremos esquemas para mostrar como aconteceram as interações no grupo do Face.

CAPÍTULO 4

4 - ALGUNS ACHADOS DA PESQUISA: RUÍDOS E SILÊNCIOS EM UMA TRAMA HIPERTEXTUAL NO GRUPO DO FACEBOOK

*“Quando se olha muito
tempo para um abismo,
o abismo olha para você”.*
Nietzsche

E quando se olha muito tempo para pesquisa, a pesquisa olha para você? Creio que sim, pois a partir do momento em que olhei para o grupo e deixei ele me dizer algo, ele me disse. Disse coisas que tive que ter a sensibilidade para ver e ouvir, sensibilidade que foi construída a partir da vivência de mundo e dos livros e textos que foram lidos e que ajudaram a pensar sobre esta pesquisa.

Neste capítulo, buscaremos dar continuidade sobre o desenvolvimento da disciplina, também analisaremos o grupo a partir das interações realizadas sobre o conceito hipertexto trabalhado na disciplina. Partindo desses pontos criaremos esquemas com o *software* Nodexl que retratará como aconteceram as interações na rede. Para isso, retomaremos a nossa viagem metodológica.

Deve ter sido angustiante para o viajante da história, saber aonde quer ir, mas não saber como chegar, se sentindo desamparado (por não estabelecer um caminho, uma metodologia). Da mesma forma que o viajante buscou meios para conseguir ir ao seu destino, fizemos com a metodologia. Levantamos fontes, analisamos quais poderiam se encaixar na nossa pesquisa, porque aquela metodologia não servia ou porque aquela viria a servir. Segundo Flick (2009, p. 240)

Podemos observar que os pesquisadores transferiram muitos métodos qualitativos para a pesquisa na internet. Encontramos formas da entrevista online, o uso de grupos focais online, observação participante, etnografia virtual (Hine, 2000) e estudos de interação e de traços de interação (...) Alguns desses métodos podem ser mais facilmente transferidos e aplicados na pesquisa na internet; alguns deles e alguns princípios da pesquisa qualitativa podem ser transferidos à Web apenas com alguma modificação.

Após os levantamentos dos possíveis caminhos para nossa “viagem”, optamos por utilizar como metodologia de pesquisa a observação participante. O espaço *on-line*, por estar sempre em mudança dificulta a linearidade na/da pesquisa. Macedo (2015, p. 370) nos lembra que “é preciso pontuar que nas pesquisas *on-line* o campo está no ciberespaço”. E concordando com Mendes (2009, p. 6).

As técnicas de observação online são particularmente eficazes no que tange o comportamento lingüístico (verbal, nãoverbal e extralingüístico). Como o pesquisador qualitativo se interessa em analisar seus objetos em contextos naturais, a preferência deve ser por ambientes experimentais.(...) A observação participante, ou seja, a observação a partir da perspectiva dos envolvidos, vem crescendo nas pesquisas online. Esse tipo de observação envolve, acima de tudo, o acesso. A observação e o ato de tomar notas ao mesmo tempo não são um problema em pesquisas online. Além disso, no espaço virtual, a presença física tanto do pesquisador quanto dos entrevistados é simulada.

Baseado na descrição acima, a pesquisa *on-line* aconteceu em um espaço experimental, que seria o grupo do Facebook utilizado como um espaço virtual para realização da disciplina, onde foi possível trabalhar com diversos hipertextos, além de explorar a linguagem através da escrita, imagens, vídeos e etc. A desvantagem da pesquisa participante *on-line* encontra-se no sentido em que perdemos o contato face a face e os gestos que produzimos em uma conversa presencial não são captados.

Na intervenção *on-line* realizada éramos dez alunos da disciplina optativa e posteriormente, ao término da disciplina, o que construímos durante nossas interações resultaram em produção de dados. “A observação – presencial ou *on-line* – constitui uma técnica relevante, desde a formulação do problema à interpretação dos dados produzidos no processo de investigação qualitativa”. GIL (2008 apud SANTOS e COSTA 2015 p. 60).

A disciplina no grupo fechado do Facebook possibilitou diversos olhares e dados que foram produzidos durante a análise da disciplina, após seu término. A observação *on-line* teve o intuito de investigar como aconteceram os debates acerca do conceito levantado pelo professor, no decorrer das interações, que seria hipertexto. O que proporcionou experiências diferentes da sala de aula tradicional e dos AVA no Moodle, para os alunos que já cursaram um curso a distância nesta plataforma.

Como foi dito anteriormente, após o término da disciplina, foi produzido o mapeamento e levantamento dos dados que foram gerados no decorrer do curso. Foi criado um documento no Word com quarenta e duas páginas para as comunicações assíncronas (postagens nos murais e comentários das postagens), com tabelas, onde foram separadas as postagens por postagens, o número de curtidas, os horários em que as pessoas mais respondiam e quais assuntos que mais eram retomados. Para os chats (comunicação síncrona) foram gerados três documentos no Word e divididos por encontros sendo os chats nos dias: 06/05/15, 27/05/15 e 24/06/15 gerando os documentos com trinta e nove, trinta e cinco e vinte e cinco páginas, respectivamente.

Antes de continuarmos com a análise, esclarecemos que a pesquisa aconteceu somente dentro do grupo e não se desdobrou em buscar analisar os perfis e comportamentos dos

membros fora do nosso espaço de interação. Os propósitos eram testar, verificar, analisar como se daria a efetivação de uma disciplina na rede social. A disciplina ocorreu em quinze semanas e as interações aconteciam através de postagens referentes aos textos disponibilizados, comentários, curtidas, além de integrações de outros conteúdos, sendo por fotos, imagens ou vídeos.

Estava entre os alunos que fazia parte do processo de construção coletiva e foi deixado claro, pelo professor, no primeiro encontro que esta disciplina optativa na rede poderia vir a se desdobrar em uma pesquisa do mestrado. Estar matriculado no curso era um dos requisitos para ter acesso ao grupo fechado, ou seja, os pré-requisitos para entrar em campo era estar inscrito na disciplina e ter um perfil ativo no Facebook, aonde aconteceria a interação. Segundo Gil (2008 apud SANTOS e COSTA 2015, p. 60).

Pela própria especificidade, a observação tem por princípio a adoção de formas não estruturadas em detrimento das estruturadas, subdividindo-se em: A observação simples¹⁶, a observação participante¹⁷ (ou direta) e observação sistemática¹⁸, subcategorias que combinam meios utilizados e grau de envolvimento do observador na pesquisa.

Dos exemplos citados acima, esta pesquisa é realizada a partir do prisma do observador participante natural, ou seja, onde o pesquisador era membro ativo do grupo. Todos os participantes da disciplina sabiam sobre a pesquisa, pois foi dito no primeiro encontro a possibilidade da disciplina se desdobrar em objeto de estudo e quando foi solicitada a ajuda, para levantar algumas informações, através das postagens, todos colaboraram. O que está de acordo com as ideias das autoras Santos e Costa (2015, p. 61) onde:

O pesquisador pode se mover entre a observação e a participação, quer seja no papel de observador, quer seja no papel de participante, avaliando, participando e intervindo no processo de produção de dados para constituir a pesquisa. Nesse movimento, consegue-se obter informações mais precisas sobre o fenômeno em estudo, a partir das perspectivas do pesquisador, das perspectivas dos outros interagentes e de uma nova perspectiva formada a partir do resultado dessas interações.

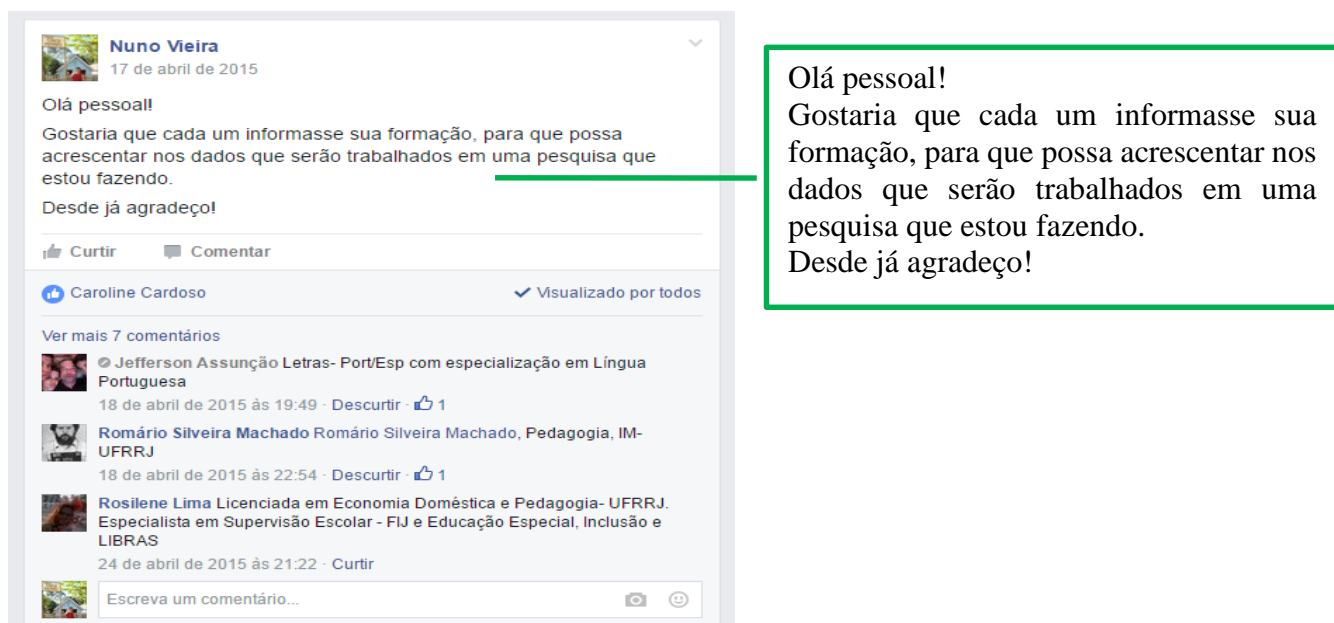
¹⁶ Não conta com a participação ativa do investigador. Ele daria atenção aos objetivos e roteiros da pesquisa, pois esse tipo de observação pressupõe uma estrutura de pesquisa previamente planejada e a análise se pautará neste planejamento prévio.

¹⁷ É subdividida em duas partes: “*natural*, que é quando o observador pertence à mesma comunidade ou grupo que investiga; e *artificial*, quando o observador se integra a um grupo específico com a finalidade de realizar uma investigação”.

¹⁸ É composta de descrições precisas de fenômenos e/ou verificação de hipóteses. O seu foco está na verificação dessas hipóteses.

Neste caso, o pesquisador pode ter acesso a uma gama variada de informações. As interações e participações no grupo aconteceram através de observação, participação e em alguns casos intervindo, como dizem as autoras, no processo de produção de dados, pedindo a cooperação do grupo com algumas informações que não são dadas. Segue abaixo a postagem onde isso acontece.

Figura 13 - Postagem do observador como participante.



Fonte: Elaboração própria a partir de *print* de telas

Na figura acima, peço a colaboração dos membros que informassem sua formação, pois estava escrevendo um artigo para participar da VIII Redes, na UERJ, e faltavam esses dados que foram prontamente cedidos pelos demais alunos.

Ao cursar a disciplina como aluno, fazia algumas observações e reflexões, porém sem pretensões de intervenções sistemáticas ou que verificassem determinada validade do planejamento da disciplina. A observação *on-line* ocorreu posteriormente ao término da disciplina que ocorreu no primeiro semestre de 2015. A partir das análises de nossas postagens e nossas interações no curso, trabalhamos quatro conceitos: tecnologia; inclusão social; interação e hipertexto. Segue abaixo a tabela com a linha do tempo das nossas discussões sobre os conceitos acima:

Tabela 4 – Linha do Tempo

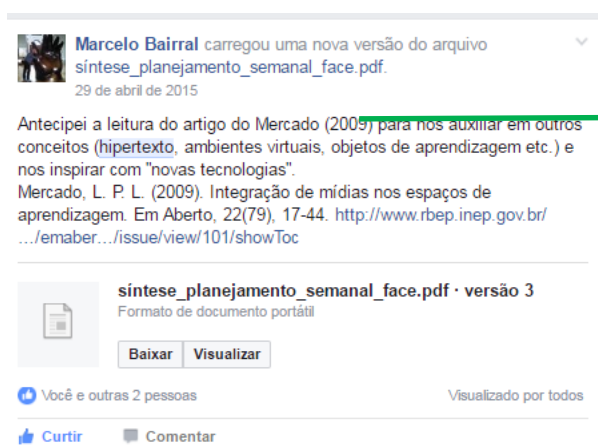
Tecnologia	Inclusão Social	Hipertexto	Interação	Hipertexto
09/04/15 a 30/04/15	02/05 a 10/05	29/04 a 13/06	05/06 a 02/07	02/07 a 20/07

Elaboração Própria

Nossa primeira aula presencial aconteceu no dia 08/04/2015, neste dia foi apresentada a ementa do curso e a proposta de como aconteceria essa interação no Facebook. Além disso, nos foram feitas três perguntas: a primeira: **O que eu entendo por tecnologia?**; A segunda: **Citar 3 exemplos do uso de tecnologia no meu dia-a-dia**; e a terceira: **O que eu entendo por inclusão?** A partir dessas perguntas, utilizamos o Facebook para responder estas e outras discussões que aconteciam a partir dos textos publicados.

O segundo conceito trabalhado foi inclusão social que não se desdobrou em outras postagens/conversas. Tendo a pequena duração de um pouco mais de uma semana. A partir do dia 29/04, fomos instigados com o *post* do professor da disciplina (como mostra na figura abaixo), onde o mesmo mostra alguns conceitos que perpassariam a disciplina, dando ênfase em dois que seriam hipertexto e AVA. A partir das interações posteriores e dos assuntos que apareceram, o conceito hipertexto foi sempre retomado.

Figura 14 - Postagem sobre hipertexto



Antecipei a leitura do artigo do Mercado (2009) para nos auxiliar em outros conceitos (hipertexto, ambientes virtuais, objetos de aprendizagem etc.) e nos inspirar com "novas tecnologias". Mercado, L. P. L. (2009). Integração de mídias nos espaços de aprendizagem. Em Aberto, 22(79), 17-44. <http://www.rbep.inep.gov.br/.../emaber.../issue/view/101/showToc>

Fonte: Elaboração própria a partir de *print* de telas

Dessa forma, o hipertexto, por ter sido um assunto recorrente dentro da nossa rede e nossas discussões acontecerem a partir deste conceito, as observações das interações aconteceram entre os dias 29/04 a 13/06 e 02/07 a 20/07. Onde serão observadas as formas de comunicação que o Facebook permite ao usuário e desdobramentos do que foi construído durante este período.

Sobre a trama Hipertextual:

Nós mestrandos trouxemos em nossa bagagem acadêmica a ideia do conceito de hipertexto, que foram exploradas durante algumas semanas a partir dos textos disponibilizados no grupo. Bairral (2007, p. 47) sugere que “o hipertexto pode ser uma metáfora válida para os ambientes nos quais a (re)construção de significados esteja constantemente em jogo”. O que está diretamente ligado as nossas relações como membros participantes de uma disciplina de mestrado em um grupo no Facebook. Para caracterizar hipertexto, Lévy (1993, p. 15-16) “propõe seis princípios dos sistemas hipertextuais, sendo eles: metamorfose, heterogeneidade, multiplicidade e encaixe de escalas, exterioridade, topologia e mobilidade dos centros”. A partir destes conceitos propostos por Lévy (1993), Bairral (2007, p. 48) faz uma síntese de cada princípio.

Segundo o princípio de *metamorfose*, o hipertexto está em constantes construção e renegociação, podendo permanecer estável durante certo tempo. Sua extensão, sua composição e seu desenho estão permanentemente em jogo para os atores envolvidos. Os *nós* e as conexões de uma rede hipertextual são heterogêneas e o processo sociotécnico relaciona pessoas, grupos, artefatos etc., com todo tipo de associações imagináveis entre os mesmos, o que caracteriza o princípio de *heterogeneidade*. Os sistemas hipertextuais também se organizam em um mundo fractal, ou seja, qualquer *nó* ou conexão quando analisados, podem se revelar como sendo compostos por uma rede e, assim, indefinidamente, ao longo de uma *multiplicidade e encaixe de escala* dos graus de precisão. A rede de informação não possui uma unidade orgânica. O seu crescimento/diminuição e composição/recomposição permanentes dependem de um *exterior* indeterminado (adição de novos elementos, conexões com outras redes etc.). Além do mais, nos hipertextos tudo funciona por vizinhança, por proximidade. Neles, o curso dos acontecimentos é uma questão de *topologia*, de caminhos. A rede hipertextual possui *diversos centros, móveis* e trazem ao redor de si uma ramificação infinita.

Apesar de ser um conceito debatido por nós, no grupo, vivenciamos na prática os princípios sugeridos por Lévy (1993). A metamorfose na rede foi vivenciada nos momentos de nossas postagens, pois construíamos nossas interações a partir das postagens que durante certo tempo ficavam silenciadas, e eram retomadas a partir de novas interações. A heterogeneidade estava presente a todo tempo no grupo, a partir dos textos e formatos de arquivos disponibilizados na rede, nossa comunicação não linear que estava ligada ao princípio de multiplicidade e encaixe de escalas que são os *nós* presentes na rede.

Em momentos de interações frequentes, era possível ver a rede com vida, sendo a todo tempo movimentada por postagens, publicações dos participantes, ao término da disciplina, não houve mais postagens, se não há adição de novos elementos na rede ela não cresce e permanece estável. Nossas proximidades e vizinhanças aconteceram nos desdobramentos das postagens, das discussões em grupos, que eram em alguns momentos retomadas. Considero como

mobilidade do centro, a relação das postagens, pois quem sempre postava aparecia no topo e era o “dono” da palavra, a partir de novas postagens outros membros se tornavam novos “donos”. Durante a pesquisa, como foi dito anteriormente, focamos no conceito de hipertexto, e observando as postagens, um recurso visualização nos chamou atenção.

4.1. - Visualizando a observação:

Com a gama de possibilidades que o próprio grupo e suas funcionalidades fornecem aos membros, além daquela familiaridade com o ambiente, o olhar já estava “viciado” naquele espaço. Olhar para a rede já não me causava estranhamento, não conseguia notar um dado relevante para poder explorar. Não era preguiça de pesquisar, de ler, de buscar informações relevantes, mas porque estava cego. Cego como diz Caetano Veloso, fiquei cego de tanto vê-la.

Bakhtin (2003) aborda o conceito de exotopia, que vem a ser o processo de buscar outros olhares a partir de um lugar exterior. Este “lado de fora” possibilita ao pesquisador poder distanciar de si e ver algo que ele, como pesquisador não tenha notado antes. O processo de buscar me distanciar e olhar com outros olhos a pesquisa foi importante, pelo fato de tentar trazer um prisma que não era “viciado”.

Iniciei então, a observação partindo da primeira postagem sobre hipertexto. E como a disciplina aconteceu no Facebook, temos alguns recursos peculiares desta rede que são os botões de curtir, compartilhar, comentar, entre outras funcionalidades é possível verificar quem visualizou as publicações e os horários correspondentes. Como estamos em um grupo fechado e todos temos acesso às publicações, o botão compartilhar, pode-se dizer que quase não foi usado. O botão curtir, já foi mais solicitado e quase presente em todas as postagens. Como interpretar a questão do curtir dentro de um grupo fechado? Será que tinha o mesmo significado para todos? Porque todos visualizavam, mas não interagiam?

Partindo da própria ideia que o nome sugere, tendo como base a sua funcionalidade e concordando com Ribeiro e Ayres (2014, p. 210) que “no Facebook, o botão Curtir pode ser visto como uma ação pré-programada pelo site, no qual o usuário, ao clicar na opção, deixa público na rede a sua avaliação de um determinado conteúdo”. Esta foi a percepção que tivemos quando nossas postagens eram curtidas e de certo modo, concordavam com o ponto de vista dos outros colegas. Infelizmente, no período da disciplina o Facebook ainda não tinha

disponibilizado os novos *emotions* (Facebook *reactions*), que foram liberados, no Brasil, em vinte e quatro fevereiro de 2016¹⁹.

Figura 15 - Emotions



Fonte: Elaboração própria a partir de *print* de telas

Além de concordar com Ribeiro e Ayres (2014), percebi que nas postagens que demandava algum comando, tanto entre professor-aluno e aluno-aluno, a função do curtir, pode ter ganhado outra funcionalidade, que seria mostrar para quem fez a postagem: recebi a notificação e estou ciente do texto ou atividade da semana. Embora haja o recurso de visualizar que também ajuda neste processo.

Por falar em visualizar, esta função me intrigou bastante em alguns momentos, pois nas postagens era possível ver que todos os membros tinham visualizado, mas nem sempre, todos participavam das discussões. Trazendo para realidade da sala de aula presencial, seria o mesmo caso onde o professor leciona e os alunos estão presentes, mas poucos interagem com a aula. A diferença fica no registro em que a própria rede mostra. Em caso de buscar tirar alguma dúvida sobre a participação de algum membro durante a disciplina, basta o professor descer a barra de rolagens e verificar se aquele aluno realmente era participativo ou não.

Durante nossos encontros na rede havia publicações que se desdobravam em outros comentários, porém apenas os mesmos alunos participavam das discussões. Enquanto os outros apenas visualizavam, mas não curtiam, não interagiam, eram os alunos *voyeur*, estavam somente olhando. Apesar de estarmos em um espaço que todos conhecem e que possibilitou formas de interações através de hipertextos como: vídeo, imagens, textos, links de artigos em alguns casos a interação de alguns alunos era quase nula. Em contraponto, os outros que participavam com mais frequência levantavam questionamentos que sempre eram retomados no grupo onde quem quisesse contribuiria, criando na prática o conceito de inteligência coletiva.

Em uma aula que assisti da professora Edméa Santos (UERJ), a mesma disse que se pesquisamos no Youtube, devemos nos “youtubar”, caso seja no Instagram, devemos nos “instangrar” e no Facebook “facebocar”. Ou seja, a professora quis dizer que para fazer pesquisa

¹⁹ Retirado do site <http://zh.clicrbs.com.br/> <acesso em 01/09/2016>

não temos que olhar de fora e sim estar imerso naquele espaço, seja ele *on-line* ou presencial. “Facebocando” na rede, após o término da disciplina, não como aquele aluno que participa, interage nas postagens dos colegas, realiza trabalhos e cumpre as exigências da disciplina, mas dessa vez como pesquisador. O trabalho do pesquisador se parece muito com o de um garimpeiro, onde o mesmo busca encontrar as pedras preciosas. Pedras preciosas que exigem repetidas buscas. No caso do garimpeiro, ele incansavelmente coloca a peneira no rio e peneira aquele bocado de terra, e repete diversas vezes por dia este movimento. Caso não consiga encontrar nada, o garimpeiro se desloca para outra área e por aí vai até encontrar o que vem procurando.

No meu caso, como pesquisador, busquei o material bruto da pesquisa, o grupo da disciplina, subia e descia a barra de rolagem, lia e relia os comentários e postagens dos envolvidos naquele espaço. Observava, tentando encontrar pista nas linguagens dos fóruns, chats, e da própria estrutura que o Facebook nos possibilitou. Comparava os dados que produzi nos documentos do Word, voltava na rede, voltava no texto, e o desespero já começava a bater, a dúvida pela escolha do tema da pesquisa começa a ficar mais presente, e a relevância em estudar a disciplina no Facebook fora questionada diversas vezes por mim. Ribes e Macedo (2014, p. 39) ressaltam que

Pesquisar o contemporâneo implica na construção de um posicionamento em relação ao presente, o que exige, por um lado, uma extrema fidelidade de pertencimento à época e as suas formas de percepção e, por outro, a renúncia a um adesismo que impeça de colocá-la em julgamento. Daí a importância de buscar ver não apenas aquilo que se torna visível, mas aquilo que, na sua obscuridade se oferece como questão. É, portanto, um trabalho desbravador que aguça na pesquisa o sentido de criação. Reveste-se, porém, de um certo desamparo, posto que teorias e metodologias já canônicas vão se mostrando insuficientes às demandas que o cotidiano da pesquisa impõe.

Como no trabalho do garimpeiro há uma incansável busca pela pedra preciosa, com o pesquisador não ia ser diferente. A pepita de ouro do meu trabalho estava reluzindo na minha frente o tempo inteiro. Toda vez que repetia o processo de subir e descer a barra de rolagem, de voltar nos textos e discussões não tinha observado o brilho da pedra. Olhar diferente, para a obscuridade que se oferecia como questão, para dentro da pesquisa me fez notar, o que considerei a pepita de ouro, os **ruídos** e **silêncios** da rede.

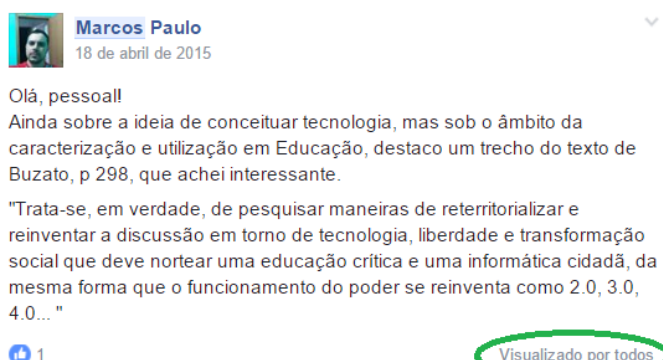
Cheguei a esta descoberta, pois como escrevi no começo do texto, deixei a pesquisa falar comigo. Quando subia e descia a barra de rolagens, saltava um distanciamento entre datas de interação causando um silêncio enorme na rede. E repetindo o processo de subir e descer a barra de rolagem com velocidade, as imagens ficavam meio distorcidas, busquei então na fotografia, o conceito chamado ruído, que diz que a foto está com a imagem “granulada” ou

comprometida. Trazendo para realidade da rede, entendo como ruídos os rastros deixados pelos participantes, como as curtidas, comentários e visualizações e, como silêncio a não participação dos membros que ficavam por alguns dias sem interagir na rede. Observando com mais cuidado, percebi que no grupo havia em alguns casos um silêncio absurdo, e em outros um ruído tremendo.

4.2. - Visualizou, mas não interagiu! E agora?

A visualização no grupo do Facebook “entregava” os alunos que tiveram a curiosidade de conferir as postagens tanto do professor quanto de outros colegas, mas não interagiam. Nas imagens abaixo temos dois exemplos desses ocorridos:

Figura 16 - Exemplo (1) de conversa visualizada



Fonte: Elaboração própria a partir de *print* de telas.

Visualizado por todos

Visualizado por todos

Figura 17 - Exemplo (2) de conversa visualizada



Fonte: Elaboração própria a partir de *print* de telas.

Visualizado por todos

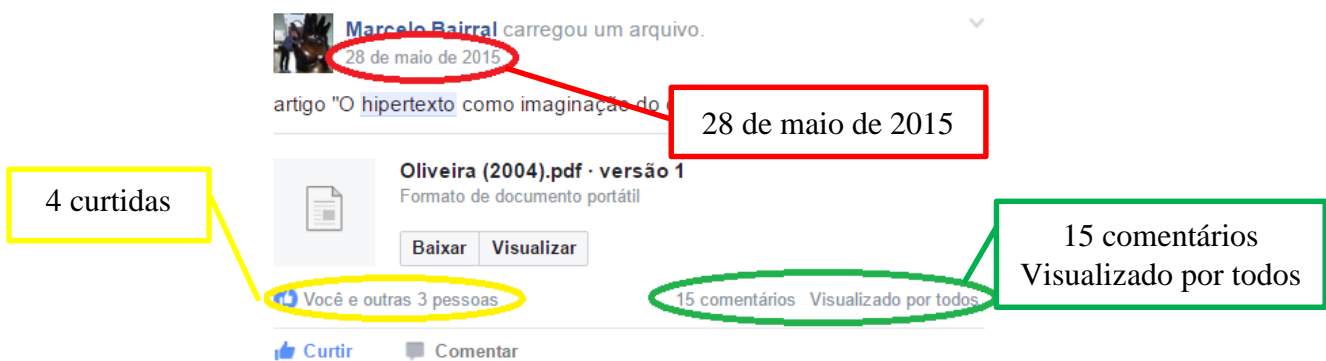
Visualizado por todos

Será que as postagens dos alunos eram desinteressantes para os demais mestrandos? No primeiro caso, há uma postagem a partir do texto de Buzato que foi uma de nossas literaturas. Todos visualizaram e recebeu uma curtida. No segundo caso, trata-se de uma matéria na internet falando sobre tecnologia. Em ambas as postagens os participantes visualizaram, no primeiro teve uma curtida, no segundo duas. Não houve uma continuação nos comentários. Considero essas faltas de desdobramentos como silêncio da rede.

Por falar no silêncio da rede, como já disse anteriormente, com dez alunos, dos quais oito concluíram. Um deles trancou e foi desligado da rede. O outro simplesmente parou de postar e de interagir nas postagens e comentários. O que nos deixou intrigado foi o fato deste aluno visualizar todas as postagens até a entrega da última atividade e visualizar também algumas discussões que iam se desdobrando no decorrer das interações.

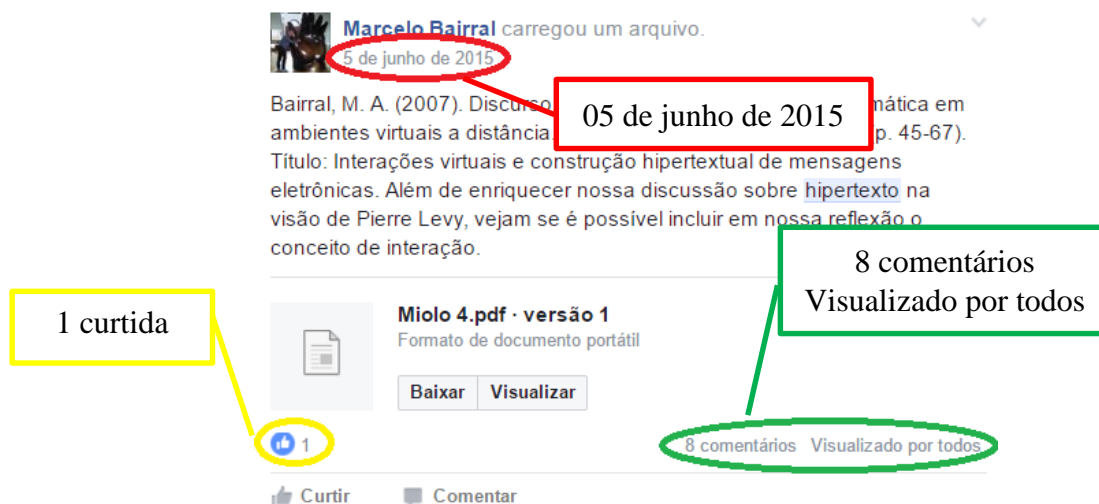
A última participação deste aluno foi realizada com uma curtida numa postagem do dia vinte e dois de maio de 2015. A partir das outras postagens, ele não interagiu com comentário ou curtidas, apenas visualizou o decorrer da disciplina. Como o assunto que mais rendeu na disciplina estava voltado para o hipertexto, pegarei algumas postagens que discutimos, para poder ilustrar o fato ocorrido que seria o aluno ter deixado de participar ativamente e apenas visualizar os conteúdos e conversas.

Figura 18 - Primeira postagem com assunto hipertexto



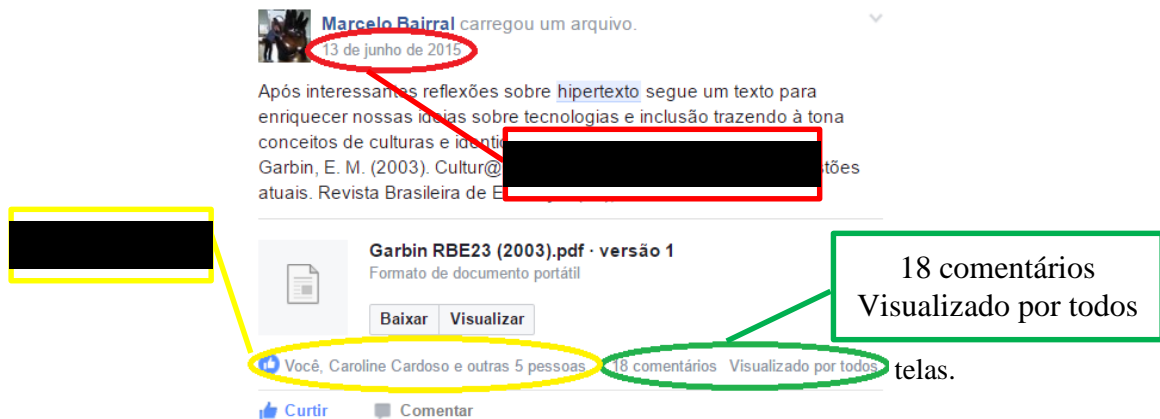
Fonte: Elaboração própria a partir de *print* de telas.

Figura 19 - Segunda postagem com assunto hipertexto



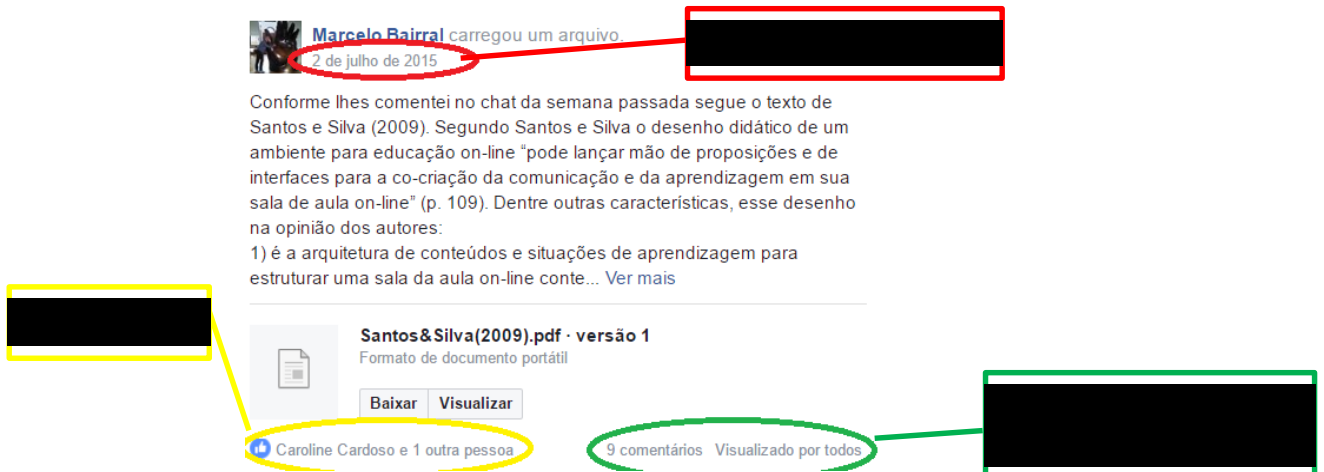
Fonte: Elaboração própria a partir de *print* de telas.

Figura 20 - Terceira postagem com assunto hipertexto



Fonte: Elaboração própria a partir de *print* de telas.

Figura 21 - Quarta postagem com assunto hipertexto



Fonte: Elaboração própria a partir de *print* de telas.

As quatro imagens retratam assuntos referentes ao conceito de hipertexto. Como essas datas ocorreram após a última participação de um dos membros da disciplina, podemos perceber que elas se desdobraram em comentários, curtidas e visualizações. Neste caso da visualização, é possível ver que o aluno mesmo não participando, visualizou pelo menos uma vez cada mensagem, pois o Facebook registra quem entrou e viu. Ele teve que estar logado em seu Facebook e recebia a notificação como todo mundo, pois ele não trancou a disciplina. Desse modo, a visualização o entregou, mostrando mesmo que não estivesse ativo nas discussões o mesmo se manteve presente.

Nas imagens acima, também é possível notar que em nossas conversas tivemos bastantes ruídos, sendo eles atravessados de curtidas ou de comentários. Na sala de aula tradicional há

alunos que não gostam de ser notados ou não participam das aulas. Quando um aluno tranca a disciplina, ele está mostrando que não poderá dar continuidade naquele curso. Porque o aluno que está matriculado, não solicitou o trancamento da matéria e toda vez que recebia uma notificação ele tinha o trabalho de visualizar as postagens e não comentar? Esses são os rastros que a rede vem deixando.

Na primeira vez que participei de uma atividade na rede social, foi na graduação em Pedagogia, no segundo semestre de 2008, cuja disciplina era PPE III (Práticas de Pesquisa Educativas) e a rede social mencionada era a Ning. Estou contando novamente este fato, pois na rede do Ning o que aconteceu foi que alunos e alunas que não participavam das discussões orais na sala de aula, teriam a rede para expor suas ideias. Ribetto, Vieira *et al.* (2011, p. 96-97) destacam a postagem feita por uma aluna de como foi participar de uma disciplina na rede:

Sobre o que eu disse no nosso último encontro, no início eu me senti um pouco acanhada em relação a postagens, sobre a escrita, procurei ter um cuidado redobrado pra que não fugisse do foco: Tecnologia e Educação. Eu confesso que demorei pra derrubar o tabu criado por mim de coisa séria (TRABALHO DE PPE) afinal estamos substituindo as aulas presenciais, a rede social está nas minhas mãos! O.o Na sala de aula eu faço o máximo para não ser percebida, cumpro meu papel de uma ouvinte que não se mete. Entro muda e saio calada. Mas e agora? Aqui não pode ser assim, eu tenho que postar alguma coisa e o pior de tudo é por meu nome embaixo... aiiin fiquei com medo e me senti bastante exposta! Que responsabilidade hein?! Minha saída foi antes de me movimentar, observar, como de praxe rs. Agora eu já entendi, ou pelo menos acho que entendi, que esse é meu espaço também (quando digo meu me refiro ao grupo também) nele posso expor pensamentos, conhecimentos etc. Não me sinto mais tao presa a um ponto fixo. E espero que a tendência seja melhorar rsrs.

Beijinhos Thamy Pessoa.

No grupo do Facebook o que aconteceu foi o caminho contrário, o estudante expôs suas ideias na primeira aula presencial e nas primeiras discussões *on-line*, era muito participativo e silenciou-se no grupo do Facebook assistindo como um *voyeur* o que acontecia a disciplina.

Porque os participantes da disciplina visualizavam algumas postagens, mas não comentavam, não curtiam e não interagiam? Porque em outras, todos visualizavam e um ou outro comentava e curtia? Qual o valor da visualização e da curtida neste contexto de aprendizagem?

4.3. - Visualizou, interagiu! Que ruídos são esses?

Como já foi dito anteriormente sobre os ruídos da rede, buscamos retratar uma postagem na qual falávamos sobre hipertexto e que se desencadeou em outros ruídos. A postagem inicial

se desdobrou em quatro curtidas e quinze comentários onde todos visualizaram. Na imagem abaixo trago apenas parte deste desdobramento que geraram novas curtidas e outros comentários.

Figura 22 - Desdobramento dos comentários



Fonte: Elaboração própria a partir de *print* de telas.

É possível verificar nas imagens que a partir de uma postagem, houve o engajamento que se desdobrou em comentário, curtidas, e inserção de um vídeo. Utilizar o vídeo como estratégia do debate que estávamos mantendo foi importante por dois pontos. Primeiro por ser uma mídia audiovisual, outra fonte hipertextual, que começou em um texto, foi crescendo a partir das vivências de mundo dos mestrandos gerando novas curtidas, novos comentários que iam surgindo. Segundo, por trazer um assunto que estava sendo discutido no momento. A não linearidade da rede é interessante, pois quando alguém publica uma postagem ela pode ter diversos interlocutores e desdobramentos em uma única postagem.

Dentre as quinze semanas, sete delas traziam algum assunto voltado ao hipertexto. Sendo assim, partimos da análise de interações circunscritas ao entendimento dos membros sobre o conceito de hipertexto. Antes de dar importância aos comentários que surgiram a partir dos textos, criei a tabela abaixo com a data, o texto, o número de comentários e curtidas que cada *post* gerou.

Tabela 5 - Resultado das interações

Post	Quem postou?	Data	Nº de curtidas	Nº de comentários	Visualizações	Horário mais acessado
Antecipei a leitura do artigo do Mercado (2009) para nos auxiliar em outros conceitos (hipertexto, ambientes virtuais, objetos de aprendizagem etc.) e nos inspirar com "novas tecnologias".	Marcelo Bairral	29/04/15	3	0	Todos viram	Não teve
Espero que estejam gostando e se inspirando com a leitura do texto do Mercado (2009). (...)Nesta semana, gostaria que focássemos nos de hipertexto e AVA. Aguardo vossas contribuições.	Marcelo Bairral	12/05/15	6	12	Todos viram	Manhã
Texto para aprofundamento do conceito de hipertexto, conhecimento de um recurso tecnológico (portfólio eletrônico) e, e despertar mais interesse, analisar a dissertação do Celio (egresso do PPGEduc). Boas reflexões	Marcelo Bairral	22/05/15	7	7	Todos viram	Noite

artigo "O hipertexto como imaginação do currículo" (Anped, 2004)	Marcelo Bairral	28/05/15	5	15	Todos viram	tarde e noite
(...) Além de enriquecer nossa discussão sobre hipertexto na visão de Pierre Lévy, vejam se é possível incluir em nossa reflexão o conceito de interação.	Marcelo Bairral	05/06/15	1	8	Todos viram	Noite
Após interessantes reflexões sobre hipertexto segue um texto para enriquecer nossas ideias sobre tecnologias e inclusão trazendo à tona conceitos de culturas e identidades.	Marcelo Bairral	13/06/15	7	18	Todos viram	Tarde e noite
Dentre outras características, esse desenho na opinião dos autores: 1) é a arquitetura de conteúdos e situações de aprendizagem para estruturar uma sala da aula on-line contemplando as interfaces de conteúdo e de comunicação (p.111) 2) pode estruturar-se como hipertexto (p. 113) 3) articula os saberes em uma equipe interdisciplinar (p. 118)	Marcelo Bairral	02/07/15	2	9	Todos viram	Tarde

Fonte: Elaboração própria.

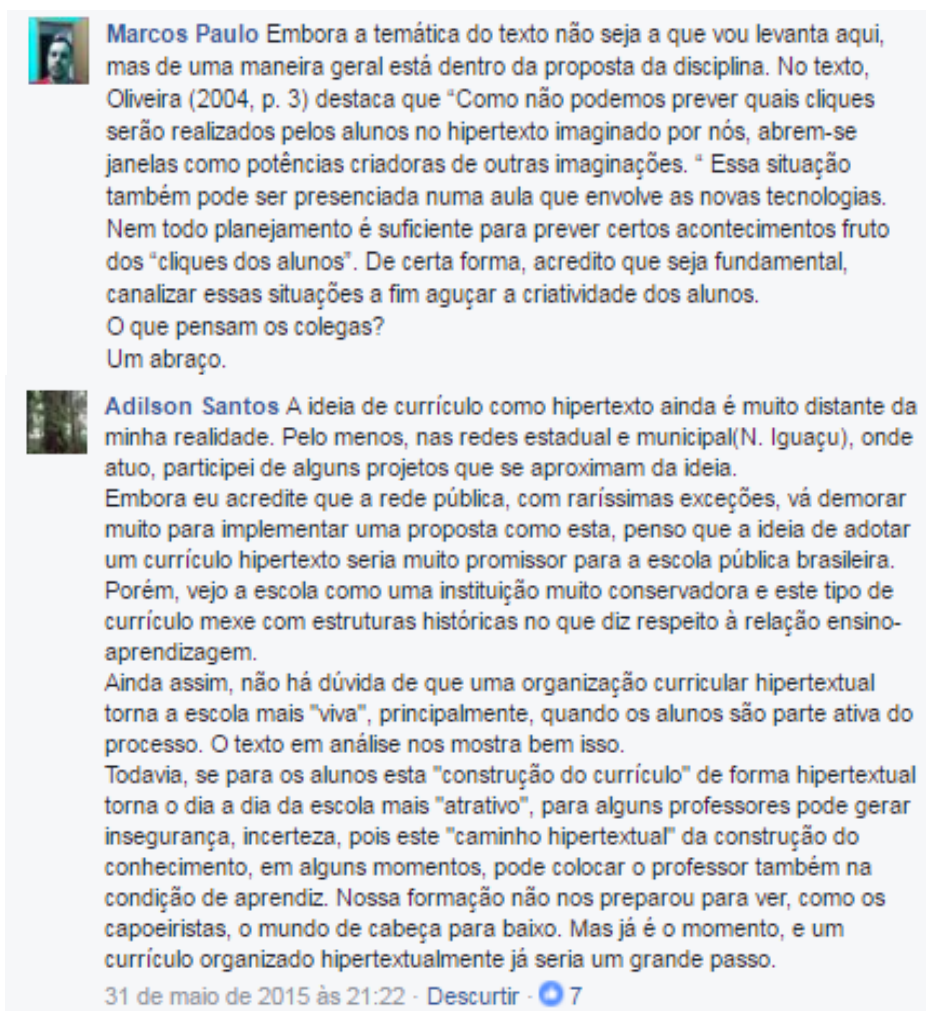
Na tabela 5 foi feito o levantamento das aulas que tiveram como assunto central o hipertexto. Podemos observar que dentre estes encontros assíncronos, a maioria dos participantes interagiam no horário vespertino e noturno. Em todas as postagens publicadas apareciam que todos visualizaram. Quando olhamos para o quadro de comentários e curtidas, notamos que a interação realmente aconteceu e desdobrou em outros comentários, uns com mais e outros com menos frequência. E aquele aluno que não participava mais das aulas, estava sempre marcando presença, visualizando os conteúdos e discussões que ocorriam na rede.

4.4. - Chat e Mural:

A rede social Facebook possibilita a relação de comunicação síncrona e assíncrona, e como está integrado com o Skype, caso seja necessário, é possível fazer videoconferência. No nosso caso, exploramos apenas o chat e os murais, onde interagíamos tanto no modo síncrono como no assíncrono. Observando nossas publicações nos murais ou comentando nas postagens dos colegas, fui verificando uma diferença na nossa forma de escrever.

Nas respostas as publicações ou comentários, a escrita buscava seguir os moldes acadêmicos, tínhamos mais cuidado em escrever e como o tempo para responder era feito pelo membro da rede, a formulação da resposta tinha uma atenção maior. Como podemos verificar na imagem abaixo:

Figura 23 - Exemplo de comunicação assíncrona



Marcos Paulo Embora a temática do texto não seja a que vou levantar aqui, mas de uma maneira geral está dentro da proposta da disciplina. No texto, Oliveira (2004, p. 3) destaca que "Como não podemos prever quais cliques serão realizados pelos alunos no hipertexto imaginado por nós, abrem-se janelas como potências criadoras de outras imaginações." Essa situação também pode ser presenciada numa aula que envolve as novas tecnologias. Nem todo planejamento é suficiente para prever certos acontecimentos fruto dos "cliques dos alunos". De certa forma, acredito que seja fundamental, canalizar essas situações a fim aguçar a criatividade dos alunos. O que pensam os colegas?
Um abraço.

Adilson Santos A ideia de currículo como hipertexto ainda é muito distante da minha realidade. Pelo menos, nas redes estadual e municipal(N. Iguazu), onde atuo, participei de alguns projetos que se aproximam da ideia. Embora eu acredite que a rede pública, com raríssimas exceções, vá demorar muito para implementar uma proposta como esta, penso que a ideia de adotar um currículo hipertexto seria muito promissor para a escola pública brasileira. Porém, vejo a escola como uma instituição muito conservadora e este tipo de currículo mexe com estruturas históricas no que diz respeito à relação ensino-aprendizagem. Ainda assim, não há dúvida de que uma organização curricular hipertextual torna a escola mais "viva", principalmente, quando os alunos são parte ativa do processo. O texto em análise nos mostra bem isso. Todavia, se para os alunos esta "construção do currículo" de forma hipertextual torna o dia a dia da escola mais "atrativo", para alguns professores pode gerar insegurança, incerteza, pois este "caminho hipertextual" da construção do conhecimento, em alguns momentos, pode colocar o professor também na condição de aprendiz. Nossa formação não nos preparou para ver, como os capoeiristas, o mundo de cabeça para baixo. Mas já é o momento, e um currículo organizado hipertextualmente já seria um grande passo.

31 de maio de 2015 às 21:22 · Descurtir · 7

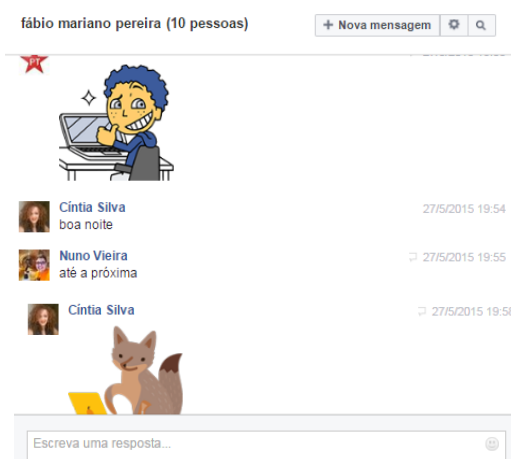
Fonte: Elaboração própria a partir de *print* de telas.

Este é o trecho de uma publicação que se desdobrou em quinze comentários. Nele, podemos ver que há uma provocação por parte de um aluno e no comentário seguinte é gerado

um debate sobre o currículo escolar e o hipertexto. Podemos verificar que na escrita tanto do primeiro quanto do segundo aluno há um cuidado para a ideia ser expressa.

A comunicação no chat é bem diferente do que acontece nos murais. Analisando as nossas três interações no chat, percebi que não nos preocupávamos com a linguagem tão acadêmica. Da maneira que vinha na mente a gente escrevia, o tempo do chat é diferente de uma postagem no mural, onde se tem um tempo para pensar no que escrever. No chat participaram todos, e a cada momento a caixa de inbox do Facebook ia subindo e outro assunto já era levantado, teclava com um e respondia outro. Foi bem louco. Alguns autores consideram que “no chat, a fala é “naturalmente” transcrita, e “a natureza [do] texto produzido é diferenciada, é um misto de fala e escrita”.

Figura 24 - Exemplo de interação síncrona



Fonte: Elaboração própria a partir de *print* de telas.

No chat, o nosso bate papo aconteceu de maneira na qual escrevíamos mais sucintamente e o texto da nossa conversa não era longo. Algo em torno de poucas linhas. No mural e no chat trazíamos alguns hipertextos para discussão, o uso de emotions ficou restrito ao chat, misturamos a forma como falamos com a escrita e acrescentamos emotions.

4.5. - Momento assíncrono no Face:

Criei a tabela abaixo baseada em uma publicação que o professor fez sobre o hipertexto. Não coloquei o assunto discutido em evidência, quis trazer apenas a dinâmica que a rede, em formato assíncrono, possibilitou aos membros da disciplina. Busquei mostrar como aconteceu a interação onde o professor publicou a postagem e se desdobrou em comentários que geraram outros comentários e curtidas.

Tabela 6 - Interação assíncrona

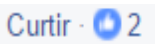
Fonte: Elaboração própria.

Data	Hora	Bairral	Marcos	Caroline	Nuno	Adilson	Observações
05/06/15	12:33	Escreve uma postagem, carrega um arquivo em PDF e faz a publicação.					Todos visualizam 1 curtida: Tarciso
07/06/15	16:11		Responde a postagem de Bairral.				3 curtidas: Bairral, Caroline e Adilson.
08/06/15	13:23	Responde ao comentário de Marcos.					3 curtidas: Caroline, Adilson e Marcos.
08/06/15	22:57			Comenta o comentário de Marcos e acrescenta o seu ponto de vista.			1 curtida: Marcos.
08/06/15	23:16			Comenta a postagem feita por Bairral.			3 curtidas: Nuno, Adilson e Marcos.
09/06/15	22:49				Marca Caroline concordando com seu comentário e comenta também sobre o comentário de Marcos.		2 curtidas: Adilson e Marcos.
09/06/15	23:02		Marca Nuno e responde ao seu comentário.				1 curtida: Adilson.

11/06/15	18:53					Comenta a postagem feita por Bairral.	2 curtidas: Nuno e Caroline.
11/06/15	19:07				Marca Adilson e concorda com seu comentário, finalizando a interação nesta postagem.		2 curtidas: Caroline e Adilson.

Nesta tabela podemos verificar que só na publicação de Bairral houve a visualização. Este recurso acontece somente quando a pessoa faz a publicação da postagem. Quando esta postagem se desdobra em comentários os demais participantes do grupo tem apenas a opção de curtir, comentar ou compartilhar. Vimos também na tabela que os comentários geraram algumas curtidas, interpreto essas curtidas como forma de concordar com o que vem sendo comentado pelos membros da rede.

Na tabela podemos ver também que Bairral, o professor da disciplina, fez a publicação do conteúdo no dia 05/06/15, todos os nove membros visualizaram, ou seja, neste caso quem publicou foi o professor. Logo, foram os mestrandos e mestrandas que visualizaram o texto publicado, inclusive o que abandonou a disciplina. A publicação gerou uma curtida do mestrando Tarciso que vimos no quadro acima, não participou dos desdobramentos dos comentários gerados.

Dois dias depois (07/06) da publicação feita (comunicação assíncrona) que há o primeiro comentário, feito por Marcos, gerando as curtidas do próprio Bairral, Caroline e Adilson, os dois últimos fizeram sua primeira manifestação nesta postagem curtindo o comentário de Marcos. No dia seguinte (08/06), Bairral responde ao comentário de Marcos onde obteve também três curtidas, sendo do Marcos, Caroline e Adilson. Notamos que embora haja um diálogo entre Bairral e Marcos, há também uma interação existente entre Caroline e Adilson, mesmo que não seja no formato textual, mas com o próprio recurso do Facebook, o botão  .

Neste mesmo dia (08/06) Caroline comenta duas vezes, o primeiro comentário é sobre o comentário de Marcos, onde o mesmo curte o que Caroline escreve. No segundo comentário, ela retrata a importância do texto, onde Adilson, Marcos e Nuno curtem. Caroline faz sua primeira manifestação em forma de texto, Adilson continua curtindo os comentários dos colegas, Marcos continua ativo na rede, dessa vez curtindo os comentários dos colegas e Nuno faz sua primeira manifestação, através da curtida nesta postagem.

Nuno entra na conversa (09/06) dessa vez, no formato textual, marcando²⁰ e concordando com as ideias de Caroline e também comenta a partir do comentário de Marcos, onde novamente Adilson e Marcos curtem seu comentário. Marcos no mesmo dia (09/06) marca Nuno e responde seu comentário que acaba sendo curtido por Adilson. A não linearidade da rede faz com que todos os participantes possam, caso queiram participar de uma mesma conversa através de vários hipertextos.

Entre a publicação feita por Bairral (05/06) e o último comentário feito por Nuno (09/06), vimos que Adilson interagiu em quase todos os comentários através das curtidas que deu durante os dias que se desdobraram os comentários. Depois de alguns dias participando dos comentários de forma não textual, Adilson vem (11/06) respondendo a publicação de Bairral, onde Caroline curte junto com Nuno o comentário de Adilson. No mesmo dia (11/06) Nuno marca Adilson concordando com seu comentário, no qual o próprio Adilson e novamente a Caroline curtem e não há mais desdobramentos sobre o assunto.

Na análise feita acima, podemos perceber que dentre os oito mestrandos que participam ativamente na rede, apenas a metade (Adilson, Caroline, Marcos e Nuno) participou da interação que aconteceu a partir da publicação de Bairral. Houve uma curtida do Tarciso, mas o mesmo não apareceu novamente no(s) desdobramento(s) da postagem. No entanto, o Facebook nos mostra que todos visualizaram a postagem publicada pelo professor. Notamos também que a dinâmica no formato de comunicação assíncrona se deu muito bem, tendo conversas durante seis dias.

4.6. - Vamos continuar interagindo a partir de um *post*?

Foi feita a análise da última postagem sobre hipertexto que ocorreu no dia 02/07/15. Este post foi feito pelo professor Bairral, indicando o texto da semana e a partir dele – o texto – levantamos algumas questões. Como houve apenas nove comentários, trarei o texto na íntegra para fazermos a análise das interações. A postagem é o ponto inicial para a conversa tanto no grupo como no perfil, mas como o nosso foco é o grupo, podemos notar que a partir de uma publicação houve o desencadeamento de outras conversas que não ficaram somente centradas em responder ao professor.

Figura 25 – Post na íntegra

²⁰ Marcar significa colocar o nome da pessoa em evidência, mostrando que aquele comentário é direcionado aquela pessoa. Por exemplo:



Marcelo Bairral carregou um arquivo.

2 de julho de 2015

Conforme lhes comentei no chat da semana passada segue o texto de Santos e Silva (2009). Segundo Santos e Silva o desenho didático de um ambiente para educação on-line "pode lançar mão de proposições e de interfaces para a co-criação da comunicação e da aprendizagem em sua sala de aula on-line" (p. 109). Dentre outras características, esse desenho na opinião dos autores:

1) é a arquitetura de conteúdos e situações de aprendizagem para estruturar uma sala da aula on-line contemplando as interfaces de conteúdo e de comunicação (p.111)

2) pode estruturar-se como hipertexto (p. 113)

3) articula os saberes em uma equipe interdisciplinar (p. 118)

No âmbito da construção de um AVA, Bairral (2007) sublinha a importância das tarefas e das dimensões de interação. Gostaria de ouvir de vocês um pouco sobre a importância do desenho didático em um ambiente de aprendizagem, seja online ou não. Lembrem-se de trazer conceitos, ideias etc. de outras leituras.

Santos, E., & Silva, M. (2009). Desenho didático para educação on-line. Em Aberto.

Bairral, M. A. (2007). Discurso, interação e aprendizagem matemática em ambientes virtuais a distância. Rio de Janeiro: Edur.



Santos&Silva(2009).pdf - versão 1

Formato de documento portátil

Baixar

Visualizar

Caroline Cardoso e 1 outra pessoa

9 comentários Visualizado por todos

Curtir

Comentar



Caroline Cardoso Ao falar sobre o desenho didático os autores chamam a atenção para o cuidado de não se cair na armadilha da "pedagogia da transmissão", ou seja, de que nos adianta termos um ambiente que possui potencial para explorar a interatividade, a colaboração o hipertextual entre outros aspectos se o utilizamos como meio de divulgação de textos lineares. O desenho didático não deve servir apenas como distribuição de conteúdos para a realização de tarefas. Outro aspecto importante do desenho didático é a colocação dos conteúdos como provocadores a autoria colaborativa entre docentes e discentes promovendo interatividade. Um conceito que ainda não ficou muito claro, para mim, é o de sociotécnico, poderíamos discutir um pouco isso?

14 de julho de 2015 às 15:12 · Curtir · 1



Marcelo Bairral obrigado Caroline Cardoso pela sua colocação e dúvida. Adilson Santos Cíntia Mariane Rosilene Lima Marcos Paulo Romário Silveira Machado Tarciso Manfrenatti Nuno Vieira e Fábio Mariano Pereira podem contribuir com essa demanda da Caroline Cardoso?

14 de julho de 2015 às 15:56 · Curtir · 1



Cíntia Silva Oi professor e Caroline, entendo que a expressão SOCIOTÉCNICO, associada a contexto e cenário, contempla a dimensão social e a técnica da utilização do computador na Educação On line. Relacionando a necessária interação e comunicação no contexto educativo as recursos tecnológicos, de forma a considerá-los em sua complexidade e relevância dentro dos desenhos didáticos.

14 de julho de 2015 às 21:32 · Curtir · 1



Marcos Paulo Mercado (2009) ao falar sobre hipertexto enfatiza uma nova postura adotada tanto por leitores quanto autores, tornando a distinção entre estes cada vez menos perceptível. Em consonância ao proposto no texto de Santos e Silva (2009) penso que essa articulação se apresenta na forma de diálogo estabelecida a partir do desenho didático que "precisará levar em conta que no contexto sociotécnico do computador on-line não há prevalência da mídia de massa baseada na lógica da transmissão e no controle do pólo da emissão" (p. 116) Espero não ter viajado muito. rs

20 de julho de 2015 às 16:48 · Curtir · 2

 **Marcos Paulo** A experiência que tenho com a plataforma moodle, trabalhando no Cederj, torna um pouco mais claro até que ponto o desenho didático do curso favorece para uma construção conjunta de conhecimento ou remete a pedagogia da transmissão.
20 de julho de 2015 às 16:57 · Curtir · 1

 **Rosilene Lima** Marcos Paulo percebi com os autores, que os mesmos chamam atenção a essa construção do desenho didático, inclusive fazendo a diferenciação de uma formação em um curso on-line para um curso na mídia em massa, conhecidos como telecurso... O interessante é que além deles ressaltarem bem essa diferenciação e as inúmeras possibilidades de aquisição, troca e conexões com o conhecimento possibilitados através de bons cursos on-line, eles ainda exemplificam a equipe de produção e suas competências, enfatizando a articulação entre os mesmos e entre os docente e discentes. Não conheço a plataforma moodle utilizado pelo CEDERJ, mas, diante dessa discussão como você a definiria? Quais seriam suas potencialidade e suas fragilidades? Mais algum colega, conhece essa plataforma? E pode comentar sobre?
23 de julho de 2015 às 18:10 · Curtir · 1

 **Fábio Mariano Pereira** Olá Rosilene Lima, conheço alguma coisa dessa plataforma e entendo que a mesma funciona de acordo com propósito do curso (cederj). Essa plataforma, por ter seu desenho didático pré determinado permite aos coordenadores e tutores de disciplinas cobstruir de forma mais fácil suas salas de aula. Sem falar nas diversas formas de comunicação e interação que pode existir entre alunos, coordenadores e tutores. Existe também, uma grande quantidade de recursos e ferramentas disponíveis, como:
ferramentas administrativas;ferramentas de avaliação; ferramentas Interativas; chat com o Professor; fórum para interação e discussão de temas etc.
Um ponto negativo que percebo é a necessidade de os alunos terem que ser capacitados frequentemente para uso desta plataforma. Não sei se contribui muito mas é a visão que tenho dessa plataforma.
26 de julho de 2015 às 07:13 · Curtir · 2

 **Rosilene Lima** Valeu Fábio Mariano Pereira contribuiu sim! 😊
26 de julho de 2015 às 19:20 · Curtir · 1

 **Nuno Vieira** Lendo o texto, lembrei da nossa conversa no encontro presencial, no qual discutimos, de certa forma, o desenho didático. Falamos da diferença entre a nossa disciplina no Facebook e como seria em um ambiente virtual de aprendizagem. Como fica mais fácil e é familiar ao usuário do Facebook interagir, pois a rede já é por si só de fácil entendimento. O que difere nos AVAs são que os alunos antes de iniciar o curso, tem um tempo para poder interagir e conhecer como funciona aquele ambiente.
27 de julho de 2015 às 14:21 · Curtir · 1

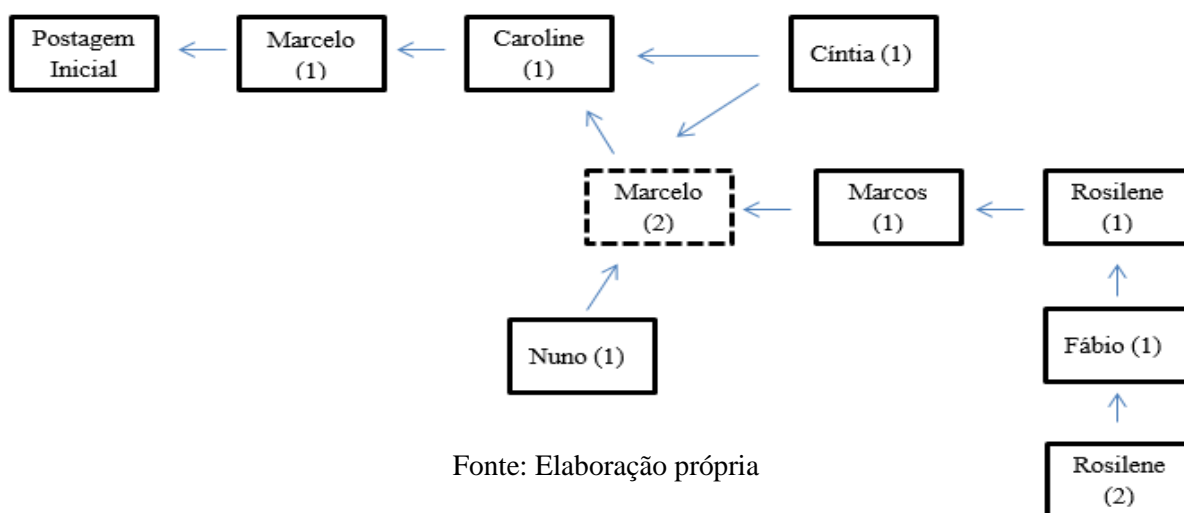
Fonte: Elaboração própria a partir de *print* de telas.

No post “printado”, podemos ver que os membros responderam a publicação, mas não ficaram restritos apenas em se comunicar com a postagem principal. Os membros interagiram a partir dos comentários dos outros, acrescentando e buscando aprofundar as discussões. Nos desdobramentos dos comentários, vimos que os membros têm como ponto de partida suas experiências como tutores ou usuários da plataforma Moodle. Os membros que desconheciam a plataforma solicitavam ajuda aos demais participantes, não centralizando as respostas somente ao professor. Nesta postagem, se analisarmos com mais cuidado, vamos encontrar algumas marcas da cibercultura, como a colaboração, a não linearidade, deslocamento de centro e a inteligência coletiva.

Desta vez não será abordada nesta análise as curtidas e a visualização. Preocupamo-nos em olhar a estrutura da forma como se desdobrou a conversa. Analisando os dados produzidos e tendo como estrutura base, a análise de fórum de discussão feita por Santos, Carvalho e Pimentel (2016, p. 35), trago para a realidade da nossa postagem e comentários o que os autores chamam de *Árvore de Discussão*, que vem a ser “o resultado de uma estrutura hierárquica de mensagens associadas”.

No esquema abaixo, criamos retângulos com os nomes dos participantes que interagiram nesta postagem. Cada nome é caracterizado, entre parênteses, com o número de vezes que os membros participaram na publicação. As setas representam os movimentos e ações que aconteceram no grupo, ou seja, quais foram os membros que mantiveram diálogos.

Esquema 1 - Árvore de discussão



Analisando a *Árvore de Discussão*, temos no esquema a postagem inicial que foi feita por Marcelo(1) e teve apenas a resposta de Caroline(1). Para Santos, Carvalho e Pimentel (2016, p. 36)

Se fossem dadas várias respostas para a mensagem inicial do fórum, seria um sintoma de que o fórum estaria sendo usado como uma espécie de questionário aberto, mas não é isso que se visualiza na estrutura de mensagens (...). Pelo contrário, identifica-se que os alunos responderam uns aos outros desdobrando e aprofundando a discussão, sendo um indício que a interatividade e colaboração ocorreu.

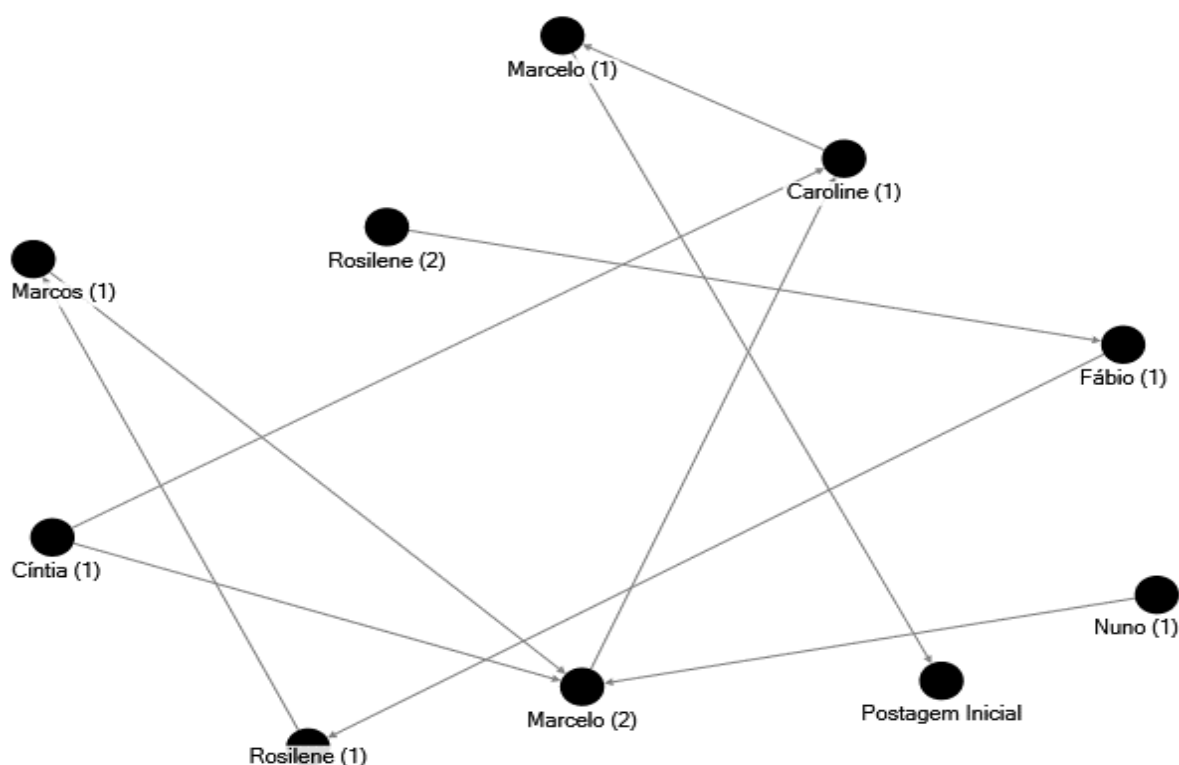
Os autores produziram dados a partir de um fórum de discussão no AVA. Trazendo para nossa realidade de análise na rede, temos algo em comum, pois a primeira postagem feita pelo professor não gerou um grande desdobramento, dessa forma, de acordo com os autores, não temos um questionário aberto e sim um aprofundamento das discussões.

Continuando a análise, a resposta de Caroline(1) desdobrou na resposta de Marcelo(2) e Cíntia(1) que respondeu tanto ao Marcelo(2) quanto para Caroline(1). Nuno(1) respondeu somente a Marcelo(2), mas não houve desdobramento de comentários. Marcos(1) respondeu a Marcelo(2). Rosilene(1) respondeu a Marcos(1) que foi respondida por Fábio(1) e Rosilene(2) respondeu a Fábio(1). Apesar de a rede parecer ter uma sequência de postagens e comentários uns sobre os outros, vimos que a conversa não é direcionada apenas a um ou outro e sim todos interagem entre si.

Ainda analisando a Árvore de Discussão, há um destaque em **Marcelo(2)**, pois o mesmo responde a Caroline(1) e marca²¹ os demais membros convidando-os para discussão e reflexão colaborativa. O mesmo é respondido por Marcos(1), Cíntia(1) e Nuno(1). Não há a centralidade e preocupação em responder somente a Marcelo(2), pois a conversa continua em outros momentos com outros membros.

Utilizei outro esquema para tentar mostrar de outra forma como se deu a interação que ocorreu no dia 02/07/2015. O esquema nos mostra como a não linearidade da rede aconteceu.

Esquema 2- A não linearidade na rede



²¹ No AVA quando falamos com alguém precisamos escrever o nome da pessoa e somente quando ela acessar o fórum de discussão vai verificar os comentários anteriores. No Facebook de um modo geral, quando marcamos alguém em algum comentário, o mesmo é direcionado a pessoa através de uma notificação quase de modo instantâneo.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* nodexl.

Temos no esquema acima os rastros invisíveis que aconteceram na rede. O recurso de montar tabelas, gerar outros esquemas, foi com o intuito de tentar trazer o que estava invisível na rede e torná-lo visível. Falamos em algum momento sobre as marcas da cibercultura, no esquema podemos encontrar algumas dessas marcas que são não linearidade, a colaboração, a criação de e o deslocamento de centro que houve no grupo. Se pararmos para analisar, na imagem acima temos um exemplo de comunicação hipertextual,

4.7. - Momento síncrono no Face:

Vamos chatear todos inbox no Face?²²

Tem como?

Claro que tem!

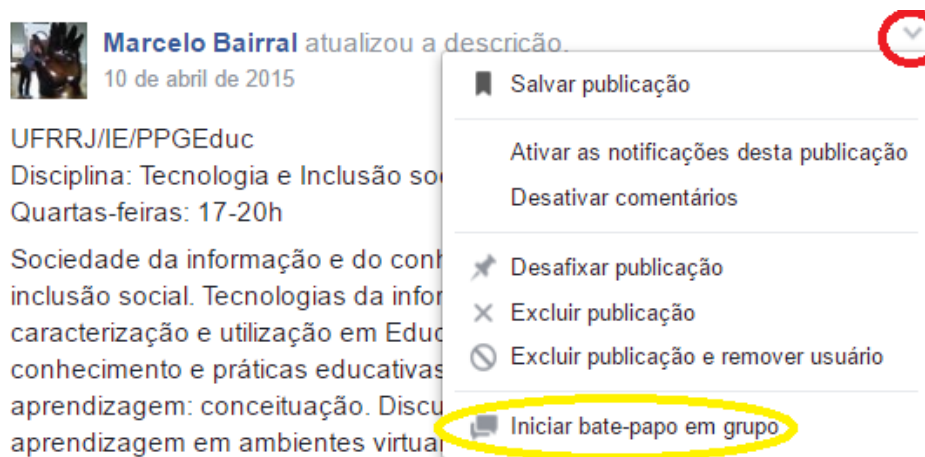
Aé? Cria lá e add a gente.

Como eu faço isso?

Sei lá! Joga no YouTube.

Ah! Para com isso, é “molezinha” criar, olha aí a imagem.

Figura 26 - Como iniciar um bate-papo?



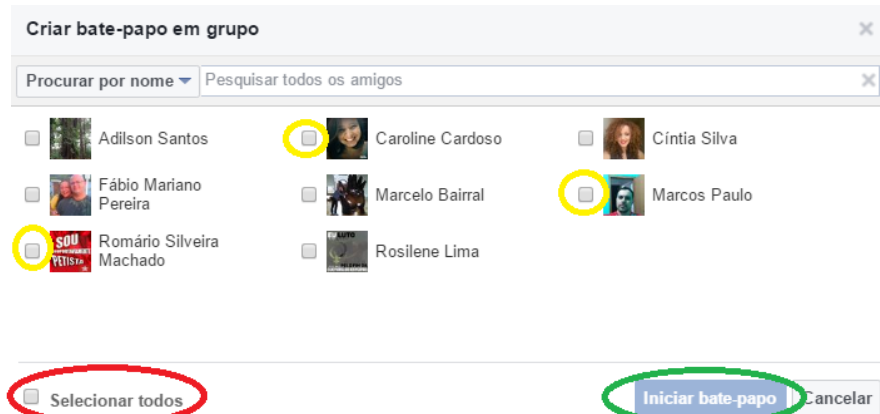
Fonte: Elaboração própria a partir de *print* de telas.

É só acessar qualquer publicação do grupo, ir no canto superior direito, como é mostrado na figura acima, e clicar na seta circulada em vermelho e clicar. Vai abrir uma caixa com opções

²² Diálogo fictício

e para criar o chat, o membro clica em iniciar bate-papo em grupo. Após clicar, será aberta outra caixa com os possíveis participantes, basta selecioná-los e iniciar o bate-papo em grupo.

Figura 27 - Criando um bate-papo



Fonte: Elaboração própria a partir de *print* de telas.

Para criar o bate-papo, temos três opções: a primeira seria escrever o nome do participante, a segunda selecionar por membro ou em terceiro selecionar todos. Após selecionar os membros que farão parte do bate-papo, basta clicar em iniciar bate-papo e começar a interação.

Partindo para nossa realidade no grupo, tivemos três chats no inbox do Facebook.

Figura 28 - Chat inbox



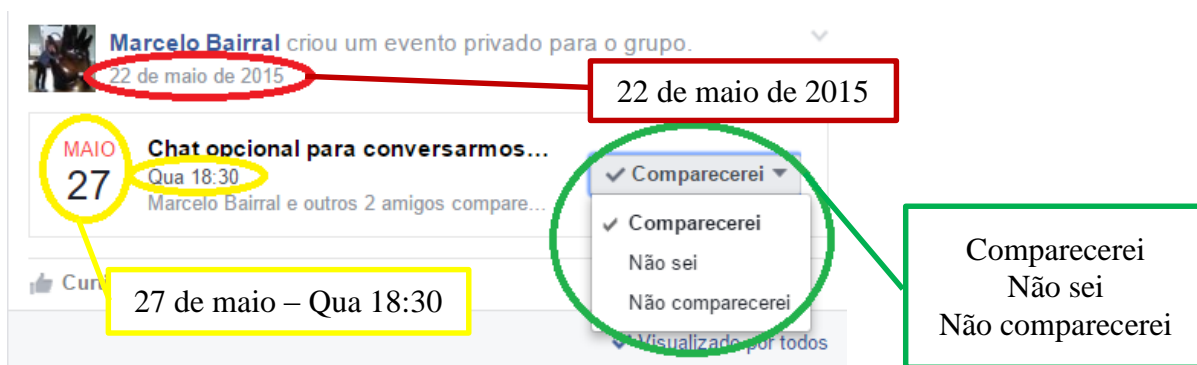
Fonte: Elaboração própria a partir de *print* de telas.

Tentar transcrevê-lo e fazer uma análise igual foi feita do contexto assíncrono, no momento, seria inviável, pelo fato de não a ser a questão central da pesquisa. Sendo assim, farei

um recorte do segundo chat, pegando alguns minutos de interação no meio da conversa. Esse encontro ocorreu no dia 27/05/15, marcado com antecedência, tendo como pano de fundo discutir as dúvidas existentes sobre um trabalho que teríamos que fazer. O chat teve início por volta das dezoito e duração de aproximadamente uma hora.

Segundo Bairral (2007, p. 97) “é imprescindível que os professores saibam e possam sugerir, com determinada antecedência, a proposta de discussão prevista para o *chat*, bem como a data e a hora de acontecimentos de cada debate”. Foi o que aconteceu em nosso grupo, onde foi marcado bem antes o nosso *chat*, a diferença é que o Facebook dá a possibilidade de saber também com antecedência se todos irão participar ou não do chat, pois os membros podem confirmar a participação. Como mostra na imagem abaixo:

Figura 29 - Agenda no grupo do Facebook



Fonte: Elaboração própria a partir de *print* de telas.

De acordo com a imagem acima, vimos que as sugestões de Bairral aconteceram na nossa interação via *chat*. Temos em vermelho a data que foi comunicada aos membros o convite ao chat opcional, que foi avisado com cinco dias de antecedência. Em amarelo, temos o dia e horário que aconteceria o chat no Facebook e em verde a opção que possibilita aos membros responderem se irão ou não comparecer ao *chat*. Caso o membro ainda esteja em dúvida sobre seu horário, poderá utilizar a opção “não sei” e quando começar o *chat* entrar ou não no *inbox*.

Farei um recorte no meio da conversa, pois no início o pessoal está chegando *inbox*, dando boa noite, cumprimentando os outros membros, no fim o pessoal se despede. No meio do chat a conversa já está encaminhada e a interação acontece num ritmo mais constante.

Tabela 7 - Interação no chat

<i>Participante</i>	<i>Hora</i>	<i>Data</i>
Caroline	18:52	27/05/15

Fábio	18:52	27/05/15
Rosilene	18:52	27/05/15
Cíntia	18:52	27/05/15
Caroline	18:52	27/05/15
Rosilene	18:53	27/05/15
Cíntia	18:53	27/05/15
Caroline	18:53	27/05/15
Rosilene	18:54	27/05/15
Bairral	18:54	27/05/15
Rosilene	18:54	27/05/15
Cíntia	18:55	27/05/15
Rosilene	18:55	27/05/15
Caroline	18:55	27/05/15
Fábio	18:55	27/05/15
Bairral	18:55	27/05/15
Caroline	18:55	27/05/15
Rosilene	18:55	27/05/15
Caroline	18:56	27/05/15
Rosilene	18:56	27/05/15
Bairral	18:57	27/05/15
Cíntia	18:57	27/05/15
Caroline	18:57	27/05/15

Fonte: Elaboração própria a partir do chat.

No segundo chat, realizado no dia 27/05/15, buscamos tirar as dúvidas do trabalho que nos foi pedido para ser feito e ser postado no grupo. Em cinco minutos de conversa, as nossas interações foram bem maiores se compararmos a comunicação assíncrona. Não ampliei mais a tabela, pois esta já demonstra a diferença da comunicação síncrona e assíncrona. Ressalto também que todos os mestrandos e mestrandas, exceto o que abandonou a disciplina, participaram.

Nesta pesquisa, buscamos retratar como ocorreu a disciplina no Facebook e como utilizamos suas ferramentas durante nossos encontros e como a disciplina nos ajudou a debater diversos assuntos e se desdobrar em uma pesquisa de mestrado. No começo, no primeiro semestre de 2015, ficamos receosos com a potencialidade desta rede na pós-graduação, e depois

de um tempo vivenciando a experiência na rede e levantando pesquisas que pudessem agregar ideias a esta pesquisa, conseguimos ter como resultado a potencialidade e funcionalidade do grupo no Facebook na pós-graduação.

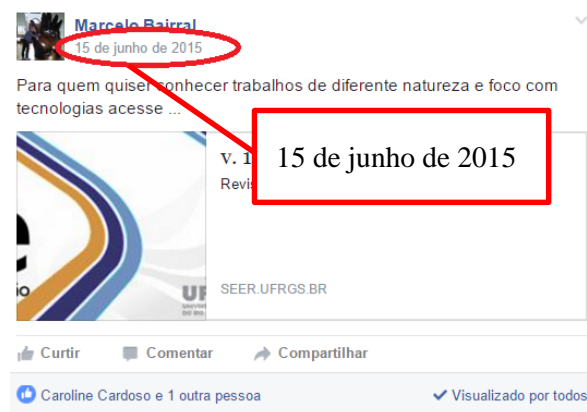
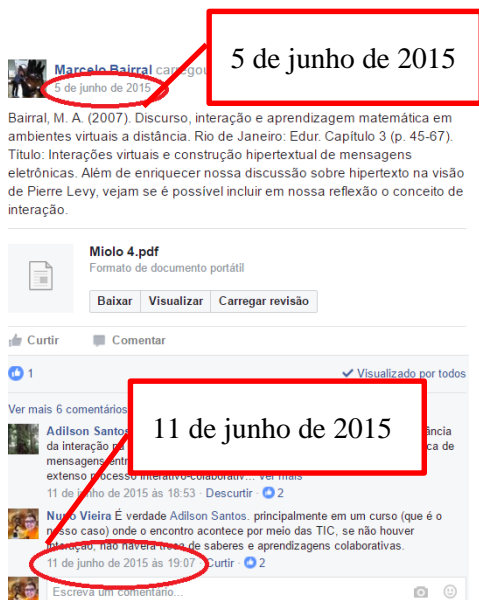
4.8. - Silêncio no grupo...

De acordo com o site origemdapalavra.com.br, a palavra “Silêncio” vem do Latim SILENTIUM, “ato de estar quieto”, de SILERE, “ficar quieto, evitar ruído”. Partindo deste pressuposto e da procura por elementos no grupo da disciplina percebi que entre o último comentário feito em uma postagem e uma nova publicação havia um interstício entre esses novos diálogos. Dessa forma, mesmo não participando das atividades do grupo, os membros podiam estar logados no Facebook, que querendo ou não, acaba sendo a extensão das vidas dos usuários.

As informações que o Facebook deixa registrado, são os dias e horários que os membros publicam, comentam, inserem alguma imagem etc. Por outro lado, não registra o horário da curtida nem o (s) dia (s) que os membros visualizam os comentários da publicação ou curtem outros comentários que acontecem no decorrer das interações. Tendo como base, os dados que o Facebook fornece nos rastros deixados na rede, as análises partem destes rastros que foram encontrados durante a pesquisa.

Portanto, considero como silêncio na rede, a ausência de comunicação que houve em alguns momentos, de troca de hipertextos, de informações, de novas postagens, novas interações. Considero também o silêncio presente nas postagens que não se desdobram em nada, ou seja, alguém publica, todos visualizam e não acontece nada. Abaixo segue os exemplos onde esse processo de silêncio acontece.

Figura 30 - *Exemplo (1) de "silêncio" na rede* **Figura 31** - *Exemplo (2) de "silêncio" na rede*



Fonte: Elaboração própria a partir de *print* de telas

Fonte: Elaboração própria a partir de *print* de telas.

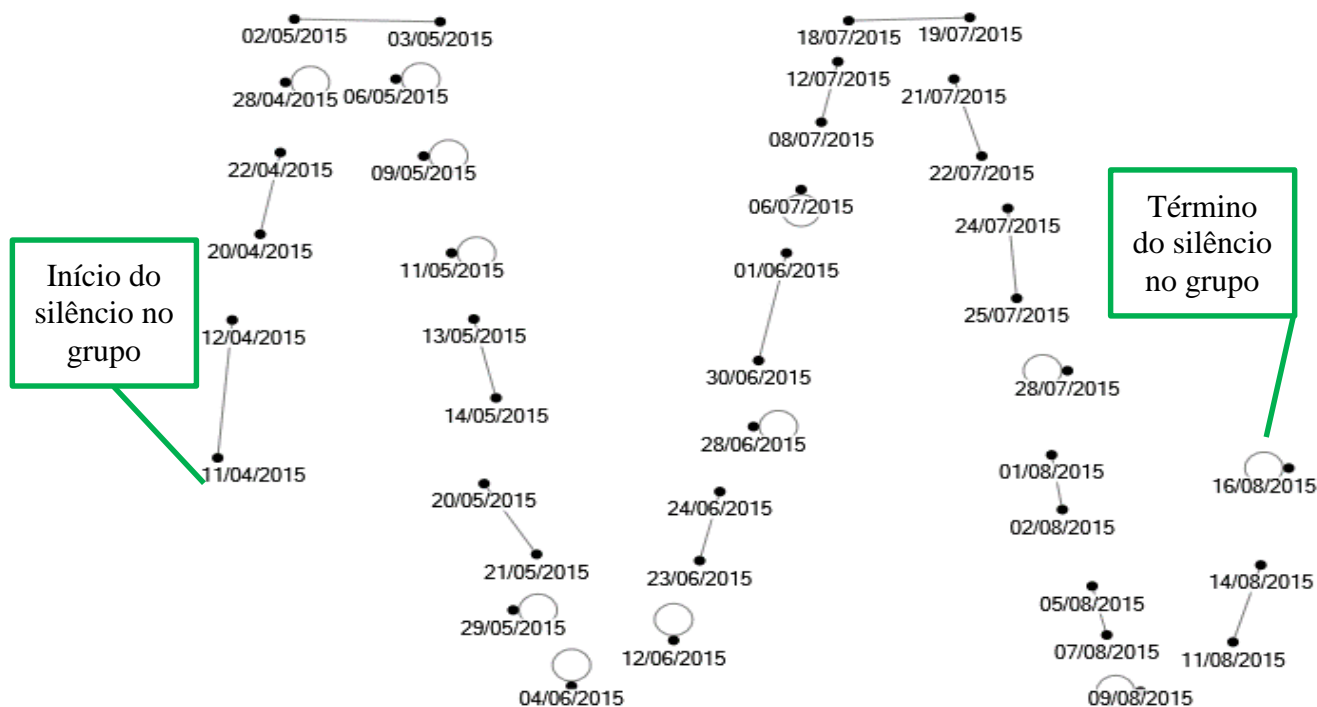
Na figura 30, busco mostrar quando aconteceu a publicação e quando foi o último comentário. A publicação foi feita no dia 05/06 e teve seu término, ou melhor, o último comentário no dia 11/06, ou seja, durante seis dias ficamos interagindo a partir desta publicação. Comparando com a figura 31, é possível verificar que só ocorreu outra publicação no dia 15/06. Durante este interstício podemos notar que não houve nenhum tipo de comunicação, é este ocorrido que chamo de silêncio.

Este intervalo de tempo, sem nenhum contato dos membros do grupo entre si, na rede, foi um dos exemplos encontrado para tentar mostra o que chamei de silêncio em um grupo na rede social. Entretanto, se pegarmos outro (s) momento (s) de análise encontraremos casos parecidos. Da mesma forma como aconteceu com os ruídos, o que será explicado posteriormente.


Para analisar o silêncio na rede, busquei fazer o mapeamento do grupo todo desde a primeira até a última interação na rede, dessa vez o foco desta análise não foi o conceito trabalhado e sim o comportamento dos membros no grupo. O intuito foi verificar se realmente houve momentos em que a rede ficou “silenciosa” independentemente do conceito trabalhado. Foi feito o levantamento das datas que houve silêncio e ruídos. No esquema abaixo, será retratado as datas em que a rede ficou “silenciosa”. Com o levantamento “braçal” e visual, de separar data por data, manualmente em um documento no excel e sem utilizar algum software cheguei a um quantitativo interessante. Para organizar os dados produzidos, utilizei como

recurso o software Nodexl²³, onde inseri os dados no que gerou os seguintes resultados dos dias em que o grupo ficou silencioso.

Esquema 3 - Os silêncios na rede



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* nodexl.

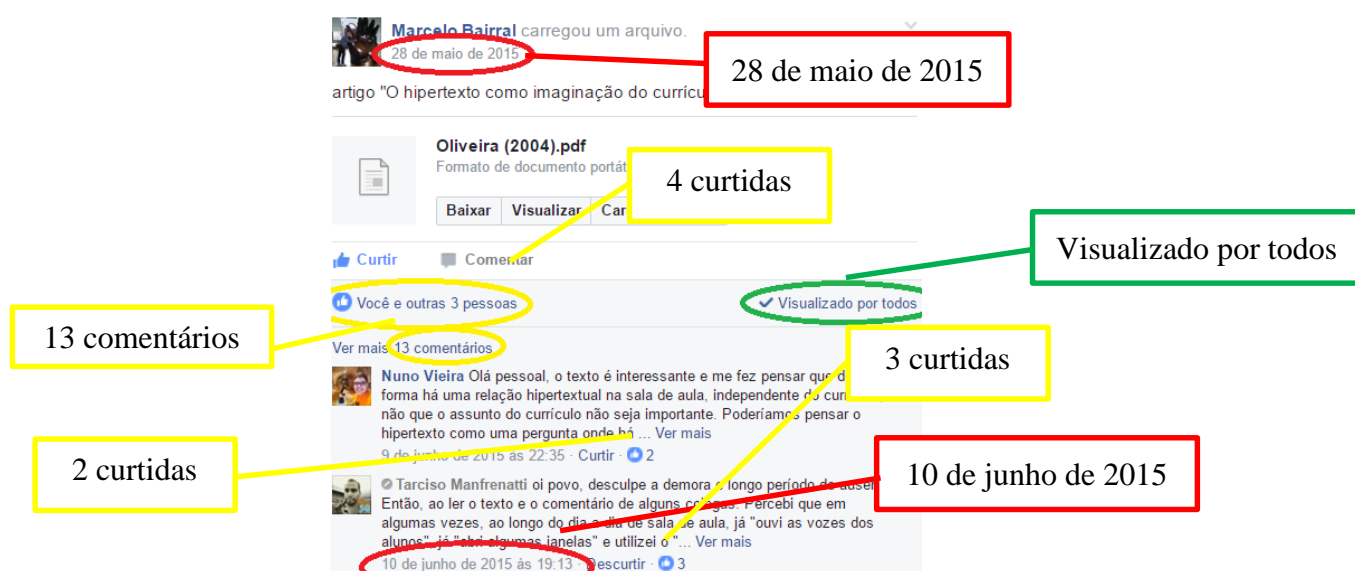
Os dados produzidos pegam a partir do início ao término do curso. Embora esteja retratando apenas a parte de hipertexto neste trabalho, fiz o mapeamento de todas as datas que estão disponíveis na imagem acima. Ao analisar as datas, fiz como disse anteriormente, analisando a data da postagem de cada publicação e as datas de seus comentários e qual foi o período que acontecia o silêncio na rede. No início da análise percebemos que entre os dias 11/04/2015 e 12/04/2015 a rede manteve-se em silêncio. O símbolo  que aparece por diversas vezes na imagem, refere-se a apenas um dia. Ou seja, um dia de silêncio na rede. Dessa forma, podemos notar que durante o período da disciplina, houve momentos que a rede se manteve em silêncio.

4.9. - Ruídos no grupo...

²³ É um criador de gráficos para Excel que consegue visualizar os contatos da sua conta em redes sociais. O programa usa a ferramenta na própria interface do office, facilitando a visualização dos usuários acostumados com o editor da Microsoft. Tudo o que você tem de fazer para usar o programa é inserir dados. Disponível em: www.techtodo.com.br/tudo-sobre/nodexl.html. Acesso em: 18 outubro 2016.

Pesquisei no mesmo site onde encontrei o significado da palavra silêncio. E sobre ruído encontrei que está palavra vem do Latim *rugitus*, o mesmo que o rugido dos animais ferozes. Tendo como primeira ideia comparar os ruídos da rede com os ruídos da fotografia, pelo fato de subir e descer a barra de rolagens com velocidade, e as imagens ficarem estranhas, igual uma foto que não fica boa por causa dos ruídos que aparecem. Trouxe, então, para o nosso contexto de grupo na rede social, considerando como ruído qualquer publicação que se desdobre em outros comentários, outros hiperlinks e hipertextos, que não houvesse um intervalo grande entre uma postagem e outra. Além disso, considero também, como ruído qualquer ação que provocada pelos membros gerassem notificações e as visualizações que geram comentários. Retratarei abaixo o que considereei como os ruídos que encontrei na rede.

Figura 32 – Exemplo (1) "ruídos" no grupo do Facebook



Fonte: Elaboração própria a partir de *print* de telas.

Figura 33 - Exemplo (2) "ruídos" no grupo do Facebook



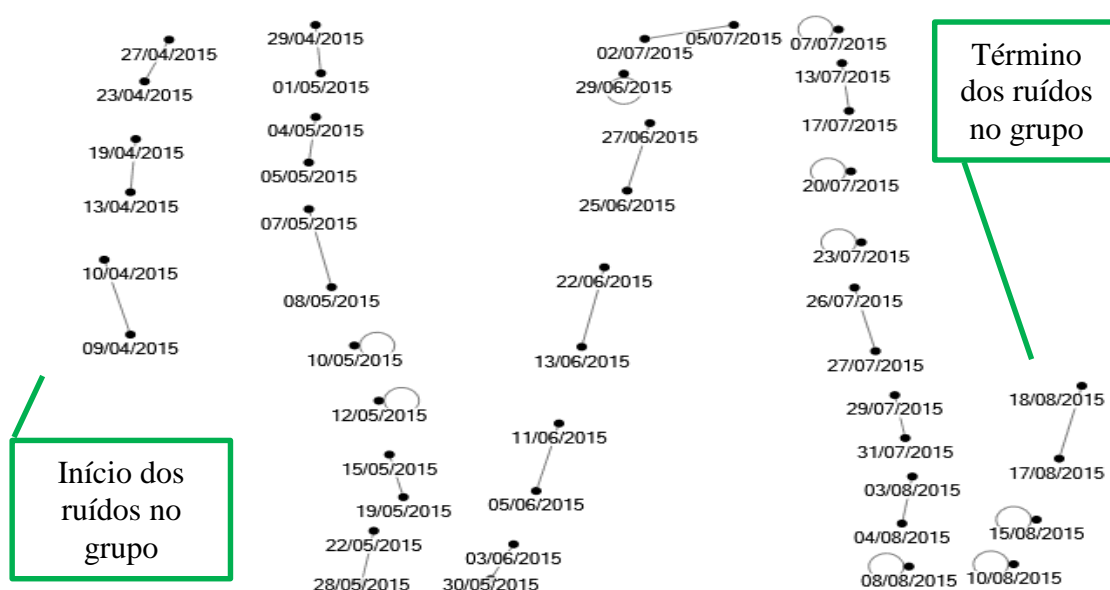
Fonte: Elaboração própria a partir de *print* de telas.

Analisando as imagens acima, temos os elementos que considero os ruídos. Em vermelho, na primeira imagem destaquei a data da publicação que foi no dia 28/05/15 e teve o término da interação no dia 10/06/15. Comparando com a segunda imagem, podemos verificar que Bairral publicou um livro online no dia 05/06/15, sendo assim, mesmo que estive ocorrendo interação na rede entre os dias 28/05 e 10/06 na mesma publicação, a rede ainda estava em movimento, através de outras postagens.


Continuando a análise, em verde, podemos ver nas duas imagens que todos os membros do grupo visualizaram as postagens. Essas visualizações que aconteceram em outras publicações e não se desdobraram em nada, como já foi dito anteriormente. Em amarelo, sinalizo as curtidas que as publicações e os comentários que se desdobraram a partir das publicações receberam durante as interações no grupo.

O mesmo caminho que segui para analisar o silêncio da rede, repeti para analisar os ruídos. Fiz o mesmo processo “braçal” e gerei também no Nodelx um esquema parecido com os ruídos na rede.

Esquema 4 - Os ruídos na rede



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* nodexl.

Comparando os dois esquemas, podemos ver que em alguns momentos o grupo foi silencioso, e em outros momentos bem barulhento. O símbolo  encontrado no gráfico do silêncio repete-se na imagem do ruído demonstrando que em apenas um dia houve ruído, nos demais dias é possível ver que as interações foram maiores.

4.10. – Autoavaliação:

Ao término da disciplina, o professor Bairral solicitou que fizéssemos uma autoavaliação do que achamos da dinâmica em ter uma disciplina optativa do curso de mestrado em uma rede social. Na autoavaliação constava dados sobre a proposta pedagógica, sobre a participação dos membros na disciplina e quais foram os pontos positivos, os pontos negativos de ter uma disciplina acontecendo em um grupo do Facebook, caso alguém quisesse poderia fazer alguma observação do que achou da dinâmica da rede. Dentre os oito participantes ativos, sete responderam, dessa forma, foi dividido em três tabelas as opiniões dos membros do grupo. A primeira tabela retrata os pontos positivos.

Tabela 8 – Pontos Positivos do uso do grupo no Facebook como espaço da disciplina.

Nome	Pontos Positivos
Marcos	Facilidade na forma de interação entre os participantes e desenvolvimento da disciplina (postagem das tarefas, chats, lembretes);
Adilson	- É uma rede de fácil utilização -Podemos ler, postar, etc, em qualquer lugar
Fábio	-Melhor possibilidade de interação devido ao fato de ser assíncrona pois, diferente de aula presencial, tive a oportunidade de pesquisar antes de me manifestar “mesmo assim escrevi besteira em alguns momentos - ”. Isso faz parte da construção do conhecimento; maior possibilidade de adequação de tempo; oportunidade de participação “no primeiro chat estava dirigindo e no segundo estava no meio de uma oficina que não pude deixar de estar presente”.
Caroline	- Discussão assíncrona - Utilização de outros tipos de mídias como vídeos, sites, docs etc... - Possibilidade de recorrer a qualquer momento os arquivos postados - Facilidade do acesso, em qualquer dispositivo e em qualquer horário
Cíntia	-Dispondo de conexão à internet, trata-se de uma TIC acessível. -Através de um aplicativo de celular, consegui me manter informada acerca das atividades da disciplina, inclusive participar de um chat utilizando desse recurso. -As notificações do facebook facilitam o acompanhamento das atividades.
Rosilene	De rápido acesso; - Uma mídia bem conhecida, que dá para arquivar e interagir com diversos documentos; - Compartilhamento das informações; - Possibilidade de chats para tirar dúvidas
Nuno	A divisão de cada tarefa - Os chats

Fonte: Elaboração própria a partir da autoavaliação.

Analisando a tabela 8, podemos notar que os pontos positivos levantados pelos participantes do grupo coincidem com que foi descrito no texto, como por exemplo o uso do celular, as notificações avisando que tem mensagem nova, a rapidez no acesso a plataforma, a

familiaridade da rede entre outros aspectos. Na tabela 9 traremos os pontos negativos trazidos pelos participantes.

Tabela 9 - Pontos Negativos do uso do grupo no Facebook como espaço da disciplina.

Nome	Pontos Negativos
Marcos	Nenhum
Adilson	-----
Fábio	- Tem um ponto importante que gostaria de destacar para esse tipo de ambiente de ensino. Penso que poderia ter tido prazo para contribuição nas discussões, o funcionaria como instrumento maior de estímulo para o aluno que tem pouco tempo para dividir para tudo.
Caroline	- As muitas postagens deixam algumas antigas com menos visibilidade (por isso eu curtia para tentar não me perder nos posts do professor) - Os posts poderiam ser organizados por assunto, no qual todos deveriam discutir em um único post, pois muitas publicações podem ficar “perdidas” - Poucos chats - Os textos poderiam ter sido entregues com antecedência para termos mais tempo para leitura
Cíntia	Nenhum
Rosilene	- Precisa ter uma boa internet; - Não é confidencial, todas as informações, discussões e compartilhamentos podem ser visualizados. - Pode causar alguns ruídos na comunicação, dificuldade de entendimento das propostas e atividades.
Nuno	Texto toda semana. Acho que se houvesse um espaço maior para discussão de cada texto, eles seriam mais aproveitados

Fonte: Elaboração própria a partir da autoavaliação.

Durante o processo de criação do texto, buscamos contar as experiências de uma disciplina na rede. Em muitos casos, buscamos evidenciar os pontos positivos que a rede foi explorada e como podemos utiliza-la em outros momentos. No entanto, não tínhamos atentado as lacunas existentes na rede. A partir do ponto de vista dos outros membros, notamos que o grupo no Facebook tem um espaço que pode ser explorado em outras áreas, com algumas limitações.

Essas limitações de acordo com alguns membros indicaram o número excessivo de postagem que deixavam as outras mais antigas, que estar participando de um grupo na rede, tudo fica em evidência, ou seja, não há sigilo nas postagens, pois todos os membros podem ter acesso aos arquivos, as publicações e etc. E pela sua não linearidade, dependendo do contexto pode causar ruídos na comunicação. Encontramos, a partir das vivências dos outros membros, os pontos positivos e os pontos negativos. Na próxima tabela traremos as observações ou sugestões feitas pelos participantes.

Tabela 10 – Observações sobre o uso do grupo no Facebook como espaço da disciplina.

Nome	Observações
Marcos	-A utilização do Facebook para oferta de uma disciplina confesso que, inicialmente, causou estranhamento, no entanto, além das leituras e debates, a utilização do Facebook nesse formato criou novas possibilidades, no meu caso que já usava com algumas turmas. -Na síntese do planejamento seria interessante se desde o início fosse especificado a possível articulação entre a Proposta Pedagógica com tecnologia(s) e o texto final.
Adilson	-----
Fábio	-----
Caroline	-----
Cíntia	-----
Rosilene	-----
Nuno	Uma sugestão, as avaliações não precisariam ser todas em formato escrito, já que estamos trabalhando com tecnologia, poderíamos explorá-la, pelo menos uma, como forma de avaliação.

Fonte: Elaboração própria a partir da autoavaliação.

Dentre os membros que responderam a autoavaliação, dois escreveram observações. Marcos relata seu estranhamento da disciplina num grupo da rede social, embora já utilizasse o recurso da rede em suas práticas pedagógicas. A observação feita por Marcos consiste em articular o planejamento com a proposta pedagógica desde o começo. Nuno sugere o uso das tecnologias como forma de avaliação, pois embora estejamos em uma rede social, ainda estávamos muito presos à forma escrita.

Portanto, finalizamos este capítulo com os achados da pesquisa, onde encontramos a partir da observação participante, dados que foram produzidos a partir da interação no grupo do Facebook. Analisamos as interações a partir do conceito que foi discutido com mais recorrência no grupo. Utilizamos o recurso do *software* Nodexl que nos ajudou a dar visibilidade a não linearidade da rede, e nos ajudou a identificar os momentos de ruídos e silêncios que aconteceram durante o semestre da disciplina Tecnologias e Inclusão Social. Finalizamos o texto com as autoavaliações dos membros, que nos ajudaram a pensar onde acertamos e erramos na nossa forma de interação em um grupo no Facebook. Dessa forma concluímos o texto cumprindo os objetivos específicos que propomos realizar no início deste capítulo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Nesta dissertação foi descrita e analisada uma experiência de implementação de uma disciplina optativa de mestrado em Educação mediante a criação de um grupo fechado no Facebook. A pesquisa esteve orientada pelo seguinte interrogante: Que ruídos e silêncios podem ser observados e que desafios à análise de interações neste espaço trazem para a pesquisa educacional? Articulando a esta questão, buscamos trazer contribuições para o uso institucional de grupos fechados no Facebook em disciplinas de pós-graduação, particularmente, ilustrando e criando esquemas para analisar as interações referentes ao conceito hipertexto debatido durante o processo de pesquisa.

Durante o processo de produção e observação de dados, encontramos dois pontos que achamos relevantes na pesquisa que nomeamos de ruídos e silêncios. Foram considerados ruídos, primeiramente partindo do conceito de fotografia, as imagens granuladas que ficavam ao subir e descer a barra de rolagem. Partindo dessa base, buscamos trazer, a partir deste conceito, a ideia de barulho que a própria palavra sugere, e tendo como contraponto o silêncio que encontramos no grupo em alguns momentos.

Aqui estão exemplificados alguns ruídos que surgiram antes da efetivação da experiência, que surgiram a partir dos comentários dos colegas de turma e também de alguns professores com visões mais tradicionais. Os ruídos que apareceram durante a disciplina estavam relacionados às discussões que aconteciam no grupo e depois, após o término da disciplina, ficam relacionados aos eventos que participávamos e obtivemos algumas questões que nos ajudaram a pensar na importância da disciplina em um grupo fechado de uma rede social.

Os silêncios foram as marcas encontradas, através dos rastros silenciosos dos membros ao utilizar a rede. Por exemplo, consideramos silêncio na rede os interstícios existentes entre uma publicação e outra; além da visualização, que registrava quem via as postagens e a partir destas visualizações não se desdobravam em nada (ruídos). Embora ruídos e silêncios muitas vezes estejam imbricados, optamos por deixá-los separados de modo a facilitar a construção de uma linha argumentativa que responda à questão de pesquisa.

Alguns ruídos

De um modo geral, durante o processo de produção de dados, mostramos a decisão de usar o Facebook e não o AVA. Surge, então, um dos primeiros ruídos. O processo de optar pela rede social pode ser visto como uma forma ruídos – ruídos antes, durante e depois da disciplina,

e ruídos nos corredores. A questão do ruído não aconteceu somente na rede. Ao pararmos para analisar, nossa trajetória de implementação, o processo de interação que se desenvolvia na rede, os retornos nos eventos que participamos, o fim e o pós-término da disciplina, notamos que durante estes processos, muitos ruídos aconteceram.

Um dos primeiros ruídos surgiu na implementação do curso, na qual professores com um ponto de vista mais tradicional não levavam fé na validade de uma disciplina em uma rede social. Outros ruídos que aconteceram foram descritos, como a surpresa e o estranhamento de uma disciplina de um curso de pós-graduação acontecer em uma rede social. Era possível ver a surpresa de muitos colegas e a descrença também, pois, como alguns relataram, preferem a dinâmica presencial, porque participar de um curso a distância exige muita disciplina.

Os ruídos ouvidos com mais frequência nos eventos se deram a partir da implementação, após a apresentação os ouvintes questionaram sobre a coordenação do curso autorizar uma disciplina ocorrer numa rede social que não foi criada para essa finalidade. Outro ruído esteve relacionado ao critério de avaliação, pois nos AVA tem como o tutor saber quantas vezes o aluno entrou, quantas vezes ele participou, como aconteceria isso em um ambiente que não tem essa estrutura de controle? Ouvir esses ruídos nos ajudava a ver a importância e a contribuição do nosso trabalho para academia.

Nossas interações aconteceram no grupo fechado do Facebook, onde a partir dos textos disponibilizados interagíamos uns com os outros, em muitos casos utilizando os dispositivos móveis. A dinâmica da rede possibilitou a inserção de outros hipertextos, como foto, vídeo, imagens, além disso, as notificações que recebíamos no Facebook nos mostravam quando tinha mensagem nova no grupo. Exploramos no grupo a noção das comunicações síncronas que aconteceram a partir dos *chats* e da comunicação assíncrona que aconteciam nas novas publicações e respostas nas postagens dos outros membros.

A fluidez, a estética, a familiaridade e as opções que a rede fornece aos seus usuários, foram exploradas no grupo tanto pelo professor quanto pelos alunos. Pelo fato do grupo ter a aparência parecida com a linha do tempo do próprio Facebook. O que difere é que o grupo é algo mais restrito onde as pessoas têm interesses em assuntos em comum. Dessa forma, exploramos as funcionalidades, da barra de discussão, onde ocorriam nossas interações, de criar eventos, como forma de lembrar as datas dos *chats* e a entrega dos trabalhos e, também a aba de arquivos onde ficavam alocados todos os arquivos que foram postados na rede.

Durante nossa pesquisa, trouxemos algumas ilustrações para retratar como aconteceram nossas interações no grupo, tendo elencado o conceito mais debatido durante nossos encontros, que foi a ideia do hipertexto. Partindo dos debates não lineares que aconteciam na rede, buscamos visibilizar esta não linearidade com o recurso de um *software* – Nodexl - que nos

ajudou a entender na prática alguns princípios do hipertexto, como a metamorfose, a heterogeneidade, a multiplicidade, exterioridade, a topologia e a mobilidade de centro. Com este recurso, podemos notar que embora haja a hierarquia professor-aluno, vimos a partir do *software* que o professor não era o centralizador do grupo e sim um membro que mediava e instigava nossas participações e interações na disciplina.

Dada a importância do tema, e partindo da revisão de literatura, foi possível encontrar que alguns professores já exploram a utilização do recurso grupo fechado no Facebook em suas aulas, no âmbito do ensino médio e da graduação, sendo este espaço utilizado como complemento das aulas que acontecem presencialmente e tem continuidade na rede. Encontramos também o recurso do grupo fechado ser usado como complemento de cursos de formação continuada dos professores e o recurso do Facebook como processo de ensino e aprendizagem a partir de outros temas.

Dessa forma, buscamos contribuir no âmbito da pós-graduação com uma disciplina que aconteceu 99,9% em uma rede social, onde exploramos os recursos e ferramentas disponibilizadas na rede. Além disso, validamos a utilização do grupo fechado, a partir do planejamento, da implementação, da gestão e avaliação que ocorreram durante a disciplina. Contribuímos em trazer as formas de interação do nosso cotidiano que estão disponíveis a todo tempo próximo de nossas mãos e aplica-las em um espaço virtual, porém contemporâneo, usado e acessado pelos alunos que estão na academia.

Nesse sentido, tivemos um semestre de descobertas de uma dinâmica na rede, que a princípio não foi pensada como espaço para disciplina. Aprendemos a utilizar o recurso do nosso dia-a-dia como estrutura acadêmica, exploramos as ferramentas disponibilizadas pelo grupo. No entanto, o período de um semestre foi um pouco limitado, pois ao término da disciplina, com a ajuda da revisão de literatura encontramos aplicativos que ajudariam em outras dinâmicas na rede e que não conhecíamos, logo, não foram explorados.

Alguns silêncios

Um dos casos de profundo silêncio partiu de um dos membros, pois durante o início até quase metade do curso, ele era um membro participante e interagiu com suas postagens e pontos de vistas que de certa forma chamavam mais atenção do que outros membros, podemos chamar de alguns *posts* polêmicos. No início e fim da disciplina foram os momentos que houve mais interações, ou seja, mais ruídos. E, particularmente este membro, do nada parou de postar e interagir, no entanto, ele não trancou a disciplina e ficou visualizando nossas discussões até o término da disciplina.

Outro exemplo de silêncio começou a acontecer mais com frequência entre os meados da disciplina, ou seja, os membros ficavam sem postar, comentar ou curtir nada durante alguns dias. De acordo com os levantamentos feitos, a rede ficou cinco dias sem haver um ruído, e entre este período buscamos analisar se acontecia algo em especial, como por exemplo, um feriado prolongado ou algo parecido. Chegamos à conclusão que o silêncio não ocorreu por este motivo e sim por outros que não conseguimos descobrir. A única coisa que ficava registrada como rastro eram as visualizações em postagens anteriores, ou até mesmo alguma publicação que não se desdobrava em nada.

Finalmente, um *silêncio ruidoso* institucional que ocorreu entre os corredores, durante o processo de implementação e validação do uso da rede, como já foi descrito anteriormente. Além disso, ter uma disciplina em uma rede social, como aconteceu quando implementamos um grupo de pesquisa, também na rede, causou a princípio estranhamento, dúvidas sobre a validação da sua funcionalidade. Nossa experiência em rede, nos ajuda a concluir que quando há um planejamento e principalmente o desejo de participar de um grupo, independentemente de ser presencial ou *on-line* ele acontece. O novo, em alguns casos causa estranhamento e conosco não foi diferente.

Ter uma disciplina acontecendo na rede, dependendo da instituição que ofereça o curso pode causar resistências entre a própria coordenação do curso, de alguns professores e até mesmo dos alunos. Por falar em alunos, finalizaremos com alguns pontos positivos levantados pelos mesmos, durante o uso da rede social como espaço de interação e o que foi possível realizar com esta opção pedagógica. Temos como pontos positivos a acessibilidade de qualquer lugar ou dispositivo, ser avisado através das notificações que há novas publicações, a familiaridade e facilidade do uso da rede.

Ouvir e elucidar ruídos e silêncios em uma pesquisa no/com o Facebook tem como grande desafio a rápida fluidez e volatilidade das interações e a multiplicidade de papéis que assumimos no espaço virtual. Embora tenhamos facilidades pelas novas formas de registro e possibilidades de captura de informações, novas limitações surgem, o que enriquece e nos instiga na produção de conhecimento neste rico cenário discursivo. Nas seções seguintes apresentamos algumas das limitações e possíveis continuidades da pesquisa.

Algumas limitações da pesquisa

Com a evolução dos dispositivos móveis, notamos a migração da utilização dos *desktops* onde os usuários, de certa forma, estavam “presos” nas cadeiras em frente ao computador, seja de casa, trabalho ou *lan houses* para a mobilidade de poder interagir a qualquer momento, sem

que seja preciso fazer o ritual de ligar o computador, esperar carregar as páginas etc. Agora para se comunicar em qualquer mídia social, basta a conexão com a internet, alguns cliques no celular e pronto já estamos logados no ciberespaço.

Limitamos em utilizar apenas as ferramentas disponíveis no grupo. Em vivências futuras buscaremos dar continuidade com estes recursos e explorar o uso dos aplicativos e aparelhos que possibilitam a mobilidade ubíqua, reforçando o uso dos pontos positivos expostos pelos participantes e tentar diminuir os pontos negativos e agregar as sugestões e observações feitas pelos membros.

Primeira experiência para os sujeitos que propuseram uma disciplina nesta dinâmica, isto é, em relação à implementação de um curso, com grade, com todos os tramites burocráticos que é necessário para oferecer a disciplina optativa e que contou com a validade dos créditos para os alunos ao término de uma experiência em um grupo fechado no Facebook.

Outra limitação encontrada foi o duplo papel “do Bruno” como aluno e observador para realizar a análise a pesquisa *on-line* a posterior. Durante o período de aulas, buscava ser participativo igual aos demais membros, onde fazia questionamentos, era questionado, em apenas um momento que se tornou necessário obter dados para a escrita de um evento que o pesquisador apareceu. Nas demais interações, levava como disciplina e não como pesquisa, tanto que o grupo começou a ser observado, com olhar de pesquisador após o término da disciplina.

Analisar a disciplina, nossas interações, com olhar de pesquisador sem trazer aquele olhar de julgar as escritas dos membros, tentando encontrar a pepita de ouro que estava naquele espaço. Com um olhar diferente, pois a disciplina tinha acabado, a vivência estava registrada, mas o nosso contato naquele espaço tinha se findado e voltar toda hora nos dados produzidos e por muitas vezes não encontrar nada. Essas limitações entre o olhar despreocupado do aluno durante o período de aulas e o olhar investigativo do pesquisador, em não saber o que olhar.

O tempo de implementação da disciplina demorou um pouco mais por causa desse embate entre AVA e rede social, esses questionamentos da funcionalidade e validade de uma disciplina em uma mídia com uso cotidiano e sem estrutura acadêmica. Olhando para o nosso processo, chegamos a alguns dados que produzimos observando as interações e pelo que os membros expuseram em suas autoavaliações. Neste caso, as limitações se deram as organizações das postagens, da dependência de uma boa internet, da possibilidade de mais interação a partir dos chats.

Concluimos este trabalho, trazendo a possibilidade da utilização de uma rede social como espaço de aprendizagem para um curso de pós-graduação que aconteceu *on-line* tendo o

Facebook como fonte principal de interação e comunicação e registro de acontecimentos da disciplina.

Alguns possíveis desdobramentos

A partir da vivência nesta pesquisa emergem alguns questionamentos que podem gerar futuras investigações, tais como: a presença da mobilidade ubíqua em nosso cotidiano, a fluidez e metamorfose que a rede social possibilita aos usuários. Como explorar esses dados em novas pesquisas e também debater a volatilidade da rede e as novas noções de espaço e tempo que a internet e as mídias sociais possibilitam aos seus usuários? De que forma, trazer essas discussões para cursos de licenciaturas em uma dinâmica na prática?

Ao longo da pesquisa observamos ruídos e silêncios, que foram descritos, respectivamente, como excess e ausência de interação. Os movimentos favorecido pela hipertextualidade na rede nos remetem à inteligência coletiva, na qual dialogamos e aprendemos a partir de demandas variadas, ora ouvindo ruídos, ora fazendo silêncios, ou vice-versa. Alguns ruídos começavam e terminavam em silêncios, algumas vezes prolongados. Nessa trajetória alguns questionamentos foram feitos, como por exemplo: será que o que foi considerado como silêncio não eram os ruídos que os participantes da disciplina emitiam e não tivemos a sensibilidade de notar?

O que foi considerado ruído não poderia ser o silêncio que os participantes buscaram expressar para cumprir a tarefa exigida da semana? Dessa forma, procuramos capturar alguns ruídos e silêncios que nos ajudaram a analisar a dinâmica de uma disciplina optativa de mestrado na rede e ao mesmo tempo ressaltamos que o imbricamento de ruídos e silêncios, neste contexto, pode ser visto de outras formas.

Enfim...

A minha questão não é acabar com escola, é mudá-la completamente, é radicalmente fazer que nasça dela um novo ser tão atual quanto a tecnologia. Eu continuo lutando no sentido de pôr a escola à altura do seu tempo. E pôr a escola à altura do seu tempo não é soterrá-la, mas refazê-la. (FREIRE e PAPERT, 1996).

REFERÊNCIAS:

ALCÂNTARA, A.; OSÓRIO, A. Um caso lúdico brincar no facebook! In: PORTO, C.; SANTOS, E.; (ORGS.) **Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar.** Campina Grande - PB: eduepb, 2014. p. 113-129.

AMANTE, L. Facebook e novas socialidades: contributos da investigação. In: PORTO, C.; SANTOS, E.; (ORGS.) **Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar.** Campina Grande - PB: eduepb, 2014. p. 27-46.

AVATAR. Direção: J. Cameron. Intérpretes: Z. Saldaña; S. Worthington e S. Lang. [S.l.]: Avatar Series. 2009.

BAIRRAL, M. A. **Discurso, interação e aprendizagem matemática em ambientes virtuais a distância.** Seropédica - RJ: edur, 2007.

BAIRRAL, M. A. **A educação matemática em ambientes virtuais.** Salvador - BA: [s.n.], 2010.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** São Paulo - SP: Martins Fontes, 2003.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro - RJ: Zahar, 2001.

CASTELLS, M. A sociedade em rede: Do conhecimento à política. In: CASTELLS, M.; CARDOSO, G.; (ORGS.) **A sociedade em rede: Do conhecimento à acção política.** [S.l.]: Imprensa Nacional - Casa da moeda, 2006. p. 17-30.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet.** Rio de Janeiro - RJ: Zahar, 2013.

CHAGAS, A. M.; LINHARES, R. N. As interfaces de interação para uma aprendizagem colaborativa no Facebook. In: PORTO, C.; SANTOS, E.; (ORGS.) **Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar.** Campina Grande - PB: eduepb, 2014. p. 293-312.

COUTO, E. S. Pedagogia das conexões: compartilhar conhecimentos e construir subjetividades nas redes sociais digitais. In: PORTO, C.; SANTOS, E.; (ORGS.) **Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar.** Campina Grande - PB: eduepb, 2014. p. 47-66.

DA SILVA, A. E. D. C.; COUTO, E. S. Cultura da mobilidade: relações de professores com o smartphone. In: PORTO, C., et al. **Pesquisa e mobilidade na cibercultura: itinerâncias docentes.** Salvador - BA: EDUFBA, 2015. p. 121-140.

DAQUINO, F. www.tecmundo.com.br. **tecmundo.**, 2012. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/33036-a-historia-das-redes-sociais-como-tudo-comecou.htm>>. Acesso em: 2016 outubro 08.

FERNANDES, L. **Redes sociais online e educação: contributo do facebook no contexto das comunidades virtuais aprendentes.** Lisboa: Universidade de Nova Lisboa, 2011. Acesso em: 09 setembro 2015.

FERREIRA, G.; BOHADANA, E. Possibilidades e desafios do uso do facebook na educação: três eixos temáticos. In: PORTO, C.; SANTOS, E.; (ORGS.) **Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar**. Campina Grande - PB: eduepb, 2014. p. 251-274.

FILÉ, V. **Cultura Digital no cotidiano escolar**. UFRRJ. Nova Iguaçu - RJ. 2010.

FILÉ, V. Fios da nosa navalha, dos nossos romelos, das nossas redes: a escola e os desafios da cultura digital. In: FILÉ, V.; (ORGS.) **Escola e Tecnologia: máquinas, sujeitos e conexões culturais**. 1ª. ed. Rio de Janeiro - RJ: Rovellet, 2011. Cap. 6, p. 109-128.

FLICK, U. **Métodos de Pesquisa: introdução a pesquisa qualitativa**. 3ª. ed. Porto Alegre - RS: Artmed, 2009.

FREIRE, P.; PAPERT, S. **O futuro da escola**. São Paulo: TV PUC, 1996.

FUMIAN, A. M.; RODRIGUES, D. C. G. A. O facebook enquanto plataforma de ensino. **revista brasileira de ensino de ciência e tecnologia**, Curitiba - PR, v. 6, n. 2, p. 173-182, maio-agosto 2013. ISSN 1982-837X.

GOMES, H. S. <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/04/smartphone-passa-pc-e-vira-aparelho-n-1-para-acessar-internet-no-brasil.html>. **g1.globo.com**, 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/04/smartphone-passa-pc-e-vira-aparelho-n-1-para-acessar-internet-no-brasil.html>>. Acesso em: 22 novembro 2016.

HARTLEY, J. Utilidades do YouTube: alfabetização digital e a expansão do conhecimento. In: BURGESS, J.; GREEN, J. **YouTube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa está transformando a mídia e a sociedade**. São Paulo - SP: Aleph, 2009. p. 165-186.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. São Paulo - SP: Aleph, 2008.

JUNIOR, C. O. M. L. Fico sem nada de interessante pra postar qnd estou recatada! A relação entre o espaço eletrônico e o espaço físico em conversas mantidas entre jovens no Facebook. In: PORTO, C.; SANTOS, E.; (ORGS.) **Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar**. Campina Grande - PB: eduepb, 2014. p. 167-184.

KIRKPATRICK, D. **O Efeito Facebook: os bastidores da história da empresa que conecta o mundo**. 1ª. ed. Rio de Janeiro - RJ: Intrínseca, 2011.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: 34, 1993.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva: por um antropologia do ciberespaço**. São Paulo - SP: Loyola, 1998.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo - SP: 34, 1999.

LÉVY, P. **Inteligencia Colectiva: por una antropología del ciberespaço**. Washington - DC: bvsalud, 2004.

LOPES, M. C.; SANTOS, R. Misturar, inventar, acreditar: possibilidades de formação continuada no Facebook. In: PORTO, C.; SANTOS, E.; (ORGS.) **Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar**. Campina Grande - PB: eduepb, 2014. p. 275-292.

MACEDO, N. M. R. Crianças e redes sociais: uma proposta de pesquisa on-line. In: PORTO, C., et al. **Pesquisa e mobilidade na cibercultura: itinerâncias docentes**. Salvador - BA: EDUFBA, 2015. p. 363-379.

MACEDO, N.; RIBES, R. Ser amigo e ter amigos no facebook: uma análise com crianças. In: PORTO, C.; SANTOS, E.; (ORGS.) **Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar**. Campina Grande - PB: eduepb, 2014. p. 149-166.

MATOS, E.; FERREIRA, J. D. L. A utilização da rede social facebook no processo de ensino e aprendizagem na universidade. In: PORTO, C.; SANTOS, E.; (ORGS.) **Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar**. Campina Grande - PB: eduepb, 2014. p. 387-402.

MATRIX. Direção: L. Wachowski e A. Wachowski. Intérpretes: K. Reeves; L. Fishburne; H. Weaving e C. A. Moss. [S.l.]: Warner Bros. Entertainment, Roadshow Entertainment. 1999.

MATRIX Reloaded. Direção: L. Wachowski e A. Wachowski. Intérpretes: K. Reeves; L. Fishburne; H. Weaving e C. A. Moss. [S.l.]: Warner Bros. Entertainment, Roadshow Entertainment. 2003.

MATRIX Revolutions. Direção: L. Wachowski e A. Wachowski. Intérpretes: K. Reeves; L. Fishburne; H. Weaving e C. A. Moss. [S.l.]: Warner Bros. Entertainment, Roadshow Entertainment. 2003.

MENDES, C. M. A pesquisa online: potencialidades da pesquisa qualitativa no ambiente virtual. **hipertextus revista digital**, Minas Gerais, v. 2, p. 1-9, janeiro 2009.

MERCADO, L. P. L. Integração de mídias nos espaços de aprendizagem. [S.l.]: [s.n.], 2009. p. 17-44.

MESSIAS, I.; MORGADO, L. Facebook + LMS. In: PORTO, C.; SANTOS, E.; (ORGS.) **Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar**. Campina Grade - PB: eduepb, 2014. p. 403-427.

MEZRICH, B. **Bilionários por acaso: a criação do Facebook - Uma história de sexo, dinheiro, genialidade e traição**. 1ª. ed. Rio de Janeiro - RJ: Intrínseca, 2010.

MOREIRA, J. A.; JANUÁRIO, S. Redes sociais e educação: reflexões acerca do Facebook enquanto espaço de aprendizagem. In: PORTO, C.; SANTOS, E.; (ORGS.) **Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar**. Campina Grande - PB: eduepb, 2014. p. 67-84.

MOREIRA, L.; RAMOS, A. Facebook na formação contínua de professores para o uso das tecnologias digitais. In: PORTO, C.; SANTOS, E.; (ORGS.) **Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar**. Campina Grande - PB: eduepb, 2014. p. 313-328.

PIOVESAN, A.; BORGES, F. T. Identidade docente: o que os blogs e o Facebook tem a nos dizer sobre os professores e suas mídias virtuais. In: PORTO, C.; SANTOS, E.; (ORGS.) **Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar**. Campina Grande - PB: eduepb, 2014. p. 329-347.

PORTO, C.; LUCENA, S.; LINHARES, R. A produção científica na era das tecnologias móveis e redes sociais. In: PORTO, C., et al. **Pesquisa e mobilidade na cibercultura: itinerâncias docentes**. Salvador - BA: EDUFBA, 2015. p. 25-42.

PORTO, C.; NETO, E. M. D. G. Uma proposta de uso das redes sociais digitais em atividades de ensino e aprendizagem: o facebook como espaço virtual de usos socioeducacionais singulares. In: PORTO, C.; SANTOS, E.; (ORGS.) **Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar**. Campina Grande - PB: eduepb, 2014. p. 131-148.

RIBEIRO, J. C.; AYRES, M. Breves comentários sobre a análise de conversações em sites de redes sociais. In: PORTO, C.; SANTOS, E.; (ORGS.) **Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar**. Campina Grande - PB: eduepb, 2014. p. 199-220.

RIBETTO, A. et al. En(red)ados noutras práticas de pesquisa possíveis. In: FILÉ, V.; (ORGS.) **Escola e Tecnologia: máquinas, sujeitos e conexões culturais**. 1ª. ed. Rio de Janeiro - RJ: Rovellet, 2011. Cap. 5, p. 89-108.

ROVETTA, O. M. Reflexões sobre a utilização de redes sociais como ambiente de interação para o ensino e aprendizagem de sólidos geométricos no ensino médio. **XVIII EBRAPEM**, Recife - PE, 2014.

SANTINELLO, J.; VERSUTI, A. Facebook: conectividade e reflexões da rede social para o contexto social do século XXI. In: PORTO, C.; SANTOS, E.; (ORGS.) **Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar**. Campina Grande - PB: eduepb, 2014. p. 185-197.

SANTOS, E. **Pesquisa-Formação na cibercultura**. 1ª. ed. Rio de Janeiro - RJ: wh!tebooks, 2014.

SANTOS, E. O.; CARVALHO, F. S. P.; PIMENTEL, M. MEDIAÇÃO DOCENTE ONLINE PARA COLABORAÇÃO: Notas de uma pesquisa-formação na cibercultura. **Educação Temática Digital**, Campinas - SP, v. 18, n. 2, p. 23-42, jan-abr 2016. ISSN 1676-2592.

SANTOS, E.; ROSSINI, T. Comunidade REA-Brasil no Facebook: um espaço de ativismo, autorias, compartilhamentos e inquietações. In: PORTO, C.; SANTOS, E.; (ORGS.) **Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar**. Campina Grande - PB: eduepb, 2014. p. 85-112.

SANTOS, V. L. P. D.; COSTA, C. J. D. S. A. A observação online como instrumento investigativo: uma experiência utilizando o fórum de discussão. **Debates em Educação**, Maceió-AL, v. 7, n. 15, p. 56-77, jul-dez 2015. ISSN 2175-6600.

SILVA, B. **O YouTube e as possibilidades de compartilhamento, interação e comunicação**. Nova Iguaçu - RJ: [s.n.], 2013.

SILVA, B.; PEREIRA, G.; SANTANA, M. **Ambientes Virtuais de Aprendizagem: a relação entre as TIC e a prática da EaD**. Nova Iguaçu - RJ: [s.n.], 2015.

TELLES, A. **A revolução das mídias sociais: estratégias de marketing digital para você e sua empresa terem sucesso nas mídias sociais - cases, conceitos, dicas e ferramentas**. São Paulo - SP: M.Books, 2010.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 13ª. ed. Rio de Janeiro - RJ: Vozes, 2012.

TORRES, P.; FIALHO, N.; SHIMAZAKI, N. A face educacional do Facebook um relato de experiência. In: PORTO, C.; SANTOS, E.; (ORGS.) **Facebook e Educação**: publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande - PB: eduepb, 2014. p. 349-364.

URBANI, M. C.; CUADROS, M. C.; GONZÁLEZ, J. R. V. Apropriación de las competencias digitales mediante el uso de tabletas iPads en alumnos do sexto grad de primaria. **Revista iberoamericana de educación**, Mexico, v. 68, n. 2, p. 123-140, julho 2015. ISSN 1681-5653.

WEBER, A.; RIBEIRO, M.; AMARAL, M. Formação docente e discente na cibercultura: por mares nunca antes navegados. In: PORTO, C., et al. **Pesquisa e mobilidade na cibercultura**: itinerâncias docentes. Salvador - BA: EDUFBA, 2015. p. 141-166.

WEBSITES VISITADOS:

ALEXA: Disponível em: <www.alexa.com>. Acesso em 11 julho 2015.

DICIONÁRIO AURÉLIO ONLINE: Disponível em:

<<http://www.dicionariodoaurelio.com/tecnologia>>. Acesso em 18 outubro 2016.

DICIONÁRIO DICIO: Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/tecnologia/>> acesso em 18 outubro 2016.

FACEBOOK: Disponível em: <www.facebook.com>. Acesso em 08 abril 2016.

FB NEWSROOM. Disponível em <<https://newsroom.fb.com/company-info/>>. Acesso em 26 janeiro 2016.

GOOGLE: Disponível em: <images.google.com>. Acesso em 30 março 2016.

PRIVACIDADE DO FACEBOOK: Disponível em:

<<https://www.facebook.com/help/220336891328465#What-are-the-privacy-options-for-groups>>. Acesso em 05 fevereiro 2016.

GRUPO DO FACEBOOK: Disponível em:

<https://www.facebook.com/groups/447606232059684/>>. Acesso em 18 outubro 2016

APÊNDICE A

Carta de apresentação aos coordenadores para pesquisa



PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES (PPGEduc)

IE/DTPE, ____ / ____ /2015,

Prezado(a) Coordenador(a) do Curso de Geografia – *Campus Nova Iguaçu*

Estamos realizando uma pesquisa de Mestrado em Educação na qual nosso propósito é saber a presença de tecnologia(s) em disciplinas dos cursos de Licenciatura da UFRRJ. Sendo assim, gostaríamos de contar com a sua colaboração para esta empreitada.

Fazendo um levantamento inicial das disciplinas disponíveis no *site* da UFRRJ encontramos a(s) seguinte(s) disciplina(s) e respectiva(s) ementa(s), conforme abaixo):

Curso	Disciplina	Caráter
Geografia	Tecnologias e Educação	Optativa

A ementa encontrada confere? Há outra(s) disciplina(s)? Caso tudo esteja conferindo V. S^a poderia nos responder este *documento* dizendo apenas que ratifica a informação recebida. Caso contrário, por favor, teria como nos enviar por *e-mail* a ementa da disciplina atualizada e o que mais considerar necessário?

Agradecemos a atenção dispensada e estamos às ordens para esclarecimentos que se fizerem necessários, inclusive, presencialmente.

Bruno Vieira Alves da Silva
Mestrando/PPGEduc –
e-mail: brunovieira009@hotmail.com

Marcelo Almeida Bairral (orientador, IE/DTPE)
e-mail: mbairral@ufrj.br

APÊNDICE B

Síntese da revisão de literatura realizada.

Autor(es)	Tipo de Rede Social	Sujeitos	Temática
Fernandes (2011)	Facebook	O Facebook como ferramenta indispensável para incentivar a aprendizagem.	Redes sociais e suas potencialidades
Kirkpatrick (2011)	Facebook	Autor do livro e Fundador do Facebook.	Criação do Facebook
Rovetta (2011)	Facebook	Professor e alunos do 3º ano do ensino médio.	Recurso pedagógico complementar de interação, comunicação e aprendizagem
Fumian & Rodrigues (2012)	Facebook	Pessoas interessadas em informações relacionadas à enfermagem em emergência.	Enfermagem
Sbardelotto (2013)	Facebook	Os católicos que usam o Facebook.	Religião
Castells (2013)	Facebook	Movimentos Sociais que aconteceram a partir das mídias sociais, inclusive o Facebook.	Movimentos sociais na rede
Alcântara e Osório (2014)	Facebook	12 crianças com idades entre 7 e 12 anos de ambos os sexos e de contextos sociais distintos que utilizam Facebook como espaço lúdico.	O Facebook como espaço lúdico
Amante (2014)	Facebook	Facebook como campo de pesquisa do comportamento humano.	Comportamento humano
Chagas e Linhares (2014)	Facebook	Docentes, instrutores e discentes da graduação.	Aprendizagem colaborativa/reflexiva dos discentes
Couto (2014)	Facebook	Noções de privacidade.	Privacidade no Facebook
Couto Junior e Oswald (2014)	Facebook	Noventa e oito jovens com idades entre 21 e 28 anos que discutem, no Facebook, a relação entre o espaço físico e o espaço eletrônico.	Jogos eletrônicos
Ferreira e Bohadan (2014)	Facebook	50 participantes em uma pesquisa exploratória a partir da utilização do Facebook em um contexto educacional específico: o apoio complementar on-line a uma disciplina de graduação em um curso presencial.	Pesquisa exploratória

Lopes e Santos (2014)	Facebook	Oito professores indígenas e oito não indígenas que fazem uma formação continuada que acontece no Facebook.	Formação continuada
Macedo e Ribes (2014)	Facebook	Aproximadamente vinte crianças entre oito e onze anos onde é discutido o tema amizade no Facebook.	Amizade no Facebook
Matos e Ferreira (2014)	Facebook	Alunos da PUC – PR, sobre o uso do Facebook em processos formativos.	Processos formativos na educação superior
Messias (2014)	Facebook	Idosos que utilizam o Facebook.	Idosos
Messias e Morgado (2014)	Facebook	Plataformas de aprendizagens formais e informais para o ensino superior.	Facebook e EaD
Moreira e Januário (2014)	Facebook	O Facebook como aplicabilidade pedagógica, possibilidades e potencialidades em diferentes contextos de aprendizagem.	Aplicabilidade pedagógica
Moreira e Ramos (2014)	Facebook	Professores que fizeram formação contínua em tecnologia educativa com componente presencial e online por meio de um grupo no Facebook.	Formação contínua em tecnologia educativa
Piovesan e Borges (2014)	Facebook	Um professor do curso de Letras português/espanhol do curso presencial/virtual.	Identidade social dos professores
Porto e Neto (2014)	Facebook	O Facebook como espaço virtual passível de suportar/constituir propostas de ensino e aprendizagem.	Espaço virtual de aprendizagem
Santinello e Versuti (2014)	Facebook	As redes sociais e importância na comunicabilidade e convergência das mídias em suas usabilidades.	Potencialidades do uso do Facebook
Santos e Rossini (2014)	Facebook	Pessoas interessadas em participar da comunidade no Facebook “Recursos Educacionais Abertos” do Brasil.	Comunidade Recursos Educacionais Abertos do Brasil (REA-Brasil)
Tsukamoto, Fialho e Torres (2014)	Facebook	Gestores educacionais e 48 alunos do curso de uma faculdade privada que utilizaram o Facebook como ambiente virtual de aprendizagem.	Facebook como ambiente virtual de aprendizagem
Urbani, Cuadros e González (2015)	Facebook	Estudantes do sexto ano do primário em uma instituição privada no México com competências digitais.	Competências digitais

ANEXO A

Conteúdo programático da disciplina realizada no Facebook

A disciplina está organizada em três blocos temáticos, a saber:

1. Tecnologias da informação e comunicação (TIC): caracterização e utilização em Educação. Tecnologia: conceito, inclusão.
2. Ambiente virtual de aprendizagem: conceituação. Discurso, interação, motivação e aprendizagem em ambientes virtuais a distância.
3. Utilização das TIC, produção do conhecimento e práticas educativas inclusivas.

Esses blocos estão sendo desenvolvidos em 15 semanas, nas seguintes temáticas:

- x Semanas 1: Conceituando e exemplificando tecnologia
- x Semana 2: Tecnologias: continuando a conceituação
- x Semana 3: Tecnologias e inclusão: algo mais?
- x Semana 4: E chegam os ambientes virtuais de aprendizagem
- x Semana 5: Vamos interagir em um chat?
- x Semana 6: Refletindo sobre a interação no um chat
- x Semana 7: Que identidades nossos alunos usam em um bate-papo online?
- x Semana 8: Hipertextos, currículos e redes horizontais
- x Semana 9: Conhecendo e visitando outros sítios da Internet
- x Semana 10: Portfólios eletrônicos
- x Semana 11: O que fazer quando os objetos são de aprendizagem?
- x Semana 12: Materiais curriculares educativos online (MCEO)
- x Semana 13: Projetos de trabalho online, softwares, dispositivos móveis, Google Earth, jogos eletrônicos e o que mais?
- x Semana 14: E as tecnologias chegam na escola: o currículo, os processos ...
- x Semanas 15 e 16: Avaliação e culminância – aula presencial